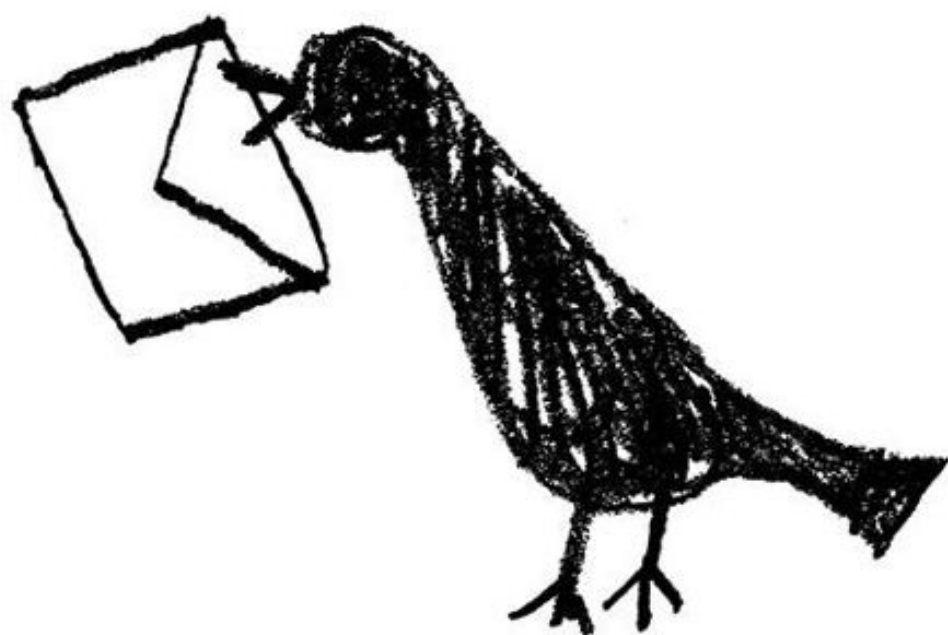


CLAROS SINAIS DE LOUCURA



KAREN
HARRINGTON





CLAROS SINAIS DE LOUCURA

KAREN
HARRINGTON

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS





Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho

Copyright © 2013 by Karen Harrington
Esta edição foi publicada mediante acordo com Little,
Brown and Company, Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Sure Signs of Crazy

PREPARAÇÃO
Aline Leal

REVISÃO
Marcela Lima
Shirley Lima

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Fernanda Neves

E-ISBN
978-85-8057-508-8

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)
[Dedicatória](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Agradecimentos](#)
[Sobre a autora](#)

Para as extraordinárias Gigi e Lauren

capítulo I

Você nunca conheceu alguém como eu. A menos, é claro, que conheça alguém que tenha sobrevivido a uma tentativa de afogamento pela própria mãe e que agora more com o pai alcoólatra. Se existem outras pessoas assim, gostaria de conhecê-las de pronto. *Pronto*, que é minha palavra favorita nos últimos tempos, é muito usada nos seriados policiais quando um detetive quer alguma informação depressa. Eu poderia aprender muita coisa com pessoas assim, especialmente se fossem mais velhas que eu, que tenho quase doze anos. Do jeito que é hoje, tenho que aprender a maioria das coisas por conta própria.

Isso é o que eu teria escrito no meu diário de *verdade*. Nunca poderia falar essas coisas em voz alta. Nunca.

É bom você saber que tenho um diário de verdade e um falso. O falso é o disfarce, o que fica escondido, mas bem à vista. Se alguém encontrá-lo e resolver ler, vai pensar que é de uma pessoa normal e não vai dar importância. Tudo o que você precisa fazer quando está escrevendo nesse é fingir que tem um adulto lendo e colocar lá algo tipo:

Hoje foi um dia ótimo. Tirei 10 na prova de matemática e tenho uma nova amiga chamada Denise, que cantarola nas aulas de álgebra.

O diário real é só para mim. É particular e verdadeiro. Ultimamente, tenho escrito sobre alguns problemas que estou tentando resolver. O que escrevi:

Faltam duas semanas para as aulas acabarem. Assim que tocar o último sinal, vou ter dois problemas gigantescos.

Problema 1: Vou ter um verão chato e vou ser obrigada a ficar com os

meus avós na casa chata deles.

Problema 2: Vou começar o sétimo ano em três meses e vou ser obrigada a fazer aquele projeto horroroso de árvore genealógica que a irmã da Lisa teve que fazer este ano. Todo mundo na escola vai descobrir sobre minha mãe.

Posso tentar contornar o Problema 1, mas o Problema 2 é tragicamente insolúvel. Não consigo encontrar nenhum jeito de evitar o tal trabalho, a menos que eu me mude e vá para outra escola. Vale investigar essa opção.

É um pouco difícil manter dois diários ao mesmo tempo, mas é necessário. Tenho que deixar os fatos, as pistas e listas de palavras onde ninguém além de mim possa ver. Nem todo mundo reage às palavras da mesma maneira. Algumas são palavras-problema. Uma palavra-problema muda a expressão da pessoa que a escuta. *Amor* pode ser uma palavra-problema para algumas pessoas. *Loucura* também.

Eu sei bem.

Uma vez, quando tínhamos acabado de nos mudar para Garland, para nossa casa alugada, marrom e feia em Yale Court, meu pai ficou nervoso de um jeito que parecia que ia socar alguma coisa, porque usei a palavra *louca* para descrever minha mãe. Foi por causa do dia da orientação vocacional na escola. Ele me perguntou se eu tinha alguma ideia do que eu queria ser. Para ser sincera, eu ainda estava pensando sobre isso, porque queria esperar para ver se ia ficar louca como ela.

Então respondi para o meu pai: “Não é melhor esperar até descobrir se eu vou herdar a loucura antes de escolher uma profissão?” Não sei por que disse aquilo em voz alta. Normalmente tomo muito cuidado com as palavras.

Vi um sofrimento nos olhos do meu pai que me deu vontade de fugir. Mas, como ele estava bloqueando a única saída da nossa cozinha, eu não tinha para onde ir. Meu plano B era entrar em um armário da cozinha e me esconder. Isso quer dizer muito quando você pensa em como os armários de cozinha em casas alugadas são nojentos. Se houvesse uma lista dos lugares mais nojentos da face da Terra, esses armários estariam nela.

“Desculpe”, falei.

Ele respirou fundo e me disse que não, eu não ia ficar louca, e que, por favor,

nunca, NUNCA mais usasse aquela palavra para descrevê-la, mocinha! Eu não sabia o que responder, porque estava com medo. Queria ter coragem suficiente para dizer a ele que eu tinha procurado a palavra *loucura* no dicionário.

Eu sabia que tinha usado a palavra certa.

loucura s. f. perturbação mental; demência, insanidade

Acrescentei *loucura* à minha lista de palavras-problema.

Eu escondo o diário verdadeiro entre duas toalhas dobradas embaixo da pia do meu banheiro e deixo o falso na mesinha de cabeceira. Ele tem um cadeado dourado e brilhante, por isso dá a impressão de que esconde palavras importantes.

capítulo 2

Eu tinha só dois anos quando minha mãe encheu de água a pia da cozinha e tentou me afogar. Às vezes parecia que ela era a mãe de alguma outra família da rua, e nós assistíamos à tal história no noticiário da tevê e pensávamos: *Uau, coitada dessa família*. Os terapeutas que meu pai me mandou ver passavam o tempo todo tentando arrancar ou enfiar detalhes no meu cérebro sobre o que eles chamavam de “o incidente”.

Um deles, o Dr. Madrigal, tinha tanta certeza de que eu me lembrava de algum detalhe daquele dia que sempre me perguntava se eu tinha pesadelos com água ou se tinha medo de água. Não, não tenho. Mas vou dizer uma coisa: se eu tivesse passado mais tempo no consultório dele, com certeza teria ficado com medo de nadar.

Então, apesar de eu ser filha dela e de ela ter tentado me matar, só sei da história pelo que está escrito, preto no branco. Digamos que eu seja uma espécie de investigadora. Muitos detalhes estão à disposição de qualquer um com um computador, mas tenho medo de procurar essas coisas em casa, por isso fiz minhas pesquisas na biblioteca, usando os termos *juízo de Jane Nelson*.

Jane Nelson é minha mãe.

Se fizer essa busca, o resultado no Google vai ser: “Aproximadamente 821.000 resultados”. Dá para ver que o caso ficou bem famoso na internet. Você pode clicar primeiro na página na Wikipédia e descobrir o básico. Jane Nelson nasceu no Texas. A mãe dela foi morta quando Jane tinha nove anos. Foi criada pelo pai. Estudou enfermagem. Foi mãe aos trinta e um anos e, aos trinta e cinco, foi internada em um hospital psiquiátrico.

Você também pode clicar em reportagens sobre o julgamento e descobrir detalhes que torceria para não serem verdadeiros, como:

JANE NELSON ABRIU A TORNEIRA DEPOIS QUE O MARIDO, TOM NELSON, SAIU PARA O TRABALHO.

Ela me afogou primeiro. Depois Simon, meu irmão mais velho. Ele é meu gêmeo, nascido três minutos e meio antes de mim. Um carteiro chegou à nossa porta e viu nossa mãe ensopada da cabeça aos pés. Ela pediu a ele que ligasse para a emergência. O restante da história envolve casos criminais, de quem estava certo ou errado e de provar que ela era louca.

Não sei muita coisa sobre os julgamentos. E, sim, eu disse julgamentos.

Foram dois.

Primeiro, o da minha mãe, que foi considerada insana e condenada a ficar internada por prazo indeterminado em uma instituição para doentes mentais aqui no Texas. Segundo, o do meu pai, por não ter nos protegido. Não me peça para explicar isso, já que ele estava no trabalho quando minha mãe se tornou uma criminosa, e é claro que teria nos protegido. Apesar disso, os jornais não escreveram coisas legais sobre ele, mesmo depois que foi inocentado.

A única coisa que sei com certeza é que Simon não teve tanta sorte quanto eu. Ele está morto em um pequeno túmulo em Houston, e eu estou nesta casa marrom e feia em Garland, com um celular rosa-brilhante chamando com o toque *Sapo Maluco*, e por isso sei que é Lisa quem está ligando.

Deixo meu diário de lado.

— Oi.

— Você viu?

— Vi o quê?

— Emma Rodriguez está oficialmente em um relacionamento.

É bom você saber que Lisa é obcecada por relacionamentos.

— Com quem? — pergunto.

— Vai ver e me ligue de volta.

— Só me diz logo.

— Vai ver!

Quando desligamos, tem uma nuvem de aborrecimento em volta de mim. É isso o que ela costuma fazer. Provocar as pessoas com informações. Seria legal se eu pudesse conversar com ela sobre coisas de verdade.

Como Simon.

O Dr. Madrigal disse que eu devia tentar “compartilhar meus sentimentos” com crianças da minha idade, mas ele não sabe de nada. Ele sempre me lembrava de que os crimes da minha mãe não eram culpa minha. Bem, isso eu descobri sozinha, muitíssimo obrigada. Minha mãe não me conhecia do jeito que uma pessoa realmente conhece a outra. Ela era doente, e eu só tinha dois anos.

Você pode achar que nada disso importa, porque aconteceu muito tempo atrás, mas não é verdade. Os jornalistas gostam de ficar lembrando às pessoas do que aconteceu com a gente.

Quando surge um caso novo de uma mulher que mata o filho, quase sempre há alguma referência à minha mãe. Para você ver como a história dela é famosa.

Então dá para entender por que estou morrendo de medo, com *M* maiúsculo, do sétimo ano. É simplesmente impossível me imaginar apresentando um trabalho sobre minha árvore genealógica, com nomes, datas, gráficos, acontecimentos importantes na história da família e “a conexão mais interessante que você vê entre as gerações”.

A irmã da Lisa fez o trabalho no ano passado, e Lisa só falava em uma coisa além de como ia roubar o trabalho da irmã para não precisar fazer outro: era sobre a avó, que tinha atuado na Broadway. Lisa disse que era por isso que ia conseguir o papel principal em *Guys and Dolls*, o que acabou acontecendo mesmo, por isso não havia como fazê-la calar a boca.

Claro que eu podia mentir e inventar uma família inteira com ótimas qualidades, como talento para marcenaria. Podia dizer: *Ah, minha família fez estantes para George Washington, e veja este lápis que eu acabei de esculpir.*

Mas mesmo assim eu ainda teria que estar com todas aquelas pessoas convencidas, tipo Lisa, que esperam coisas boas da vida, e de qualquer forma meu pescoço sempre fica vermelho quando minto. Especialmente quando tenho que apresentar algum trabalho na frente da toda arrumadinha da Angela Nee. Angela e eu ficamos lado a lado no anuário da escola, mas esse é basicamente o único momento em que estaremos juntas em qualquer coisa.

Angela Nee: alta e de olhos verdes. Cabelo perfeito, preto e brilhoso. As pessoas sempre acham que ela é modelo. Levanta a mão na aula e dá as respostas certas.

Sarah Nelson: baixa e de olhos castanhos. Cabelos castanhos curtos precisando de um corte. As pessoas sempre acham que ela é aluna do quinto ano. Só responde quando a professora faz uma pergunta direta.

Talvez eu não queira ser uma aluna do sétimo ano com um trabalho de árvore genealógica que informe ao mundo que o gene da loucura está na minha família, mas eu gostaria de saber mais sobre minha mãe, é claro que sim. Queria descobrir mais sobre ela e guardar tudo só para mim. Talvez nós duas sejamos boas com plantas. Talvez nós duas as façamos crescerem sem problemas.

capítulo 3

Acaba que Emma Rodriguez está em um relacionamento com Jimmy Leighton. Foi por isso que Lisa me provocou. Ela sabe que gosto de Jimmy. Bem.

Depois que escrevi sobre os Problemas 1 e 2, passei a contar os dias até as férias de verão. Mais treze dias de sexto ano, incluindo o fim de semana. Lisa vai para o acampamento assim que a aula acabar, então “compartilhar sentimentos” com ela de nada adianta.

Por isso escrevo que preciso mesmo é de um informante, uma palavra que descobri uma noite dessas no dicionário.

informante *s.m.* Aquele que fornece informações a um investigador; alcaguete; dedo-duro

Se quer saber, uso tanto meu dicionário que as páginas estão finas e macias. Minhas palavras favoritas estão destacadas em azul. Meu pai odeia que eu escreva nos livros, mas amo palavras de todos os tipos, então é isso que acho que devo fazer.

Meu pai devia ser meu informante principal, mas um informante fala, e ele não gosta de falar sobre nada além do que precisa trazer do mercado.

Um exemplo de conversa com ele:

— Ainda tem leite? Cereal? O que você acha de fazermos panquecas no sábado?

Nessas conversas, minha contribuição de fato não faz a menor diferença. Eu tenho que insistir muito para conseguir extrair alguma informação *de verdade*. Ele é como um sorvete duro e congelado, e eu sou uma colher fina. O que descobri foi: você não consegue tirar muito sorvete, por mais esforço que faça, e a colher acaba envergando.

Como sempre, tenho que descobrir as coisas por contra própria e responder às

perguntas que o meu cérebro inventa. Se você quer saber, estou à procura de qualquer sinal de estar enlouquecendo. Quanto mais informação eu tiver, melhor poderei me defender do mundo, do cérebro dentro de mim que pode ou não ser igual ao dela.

Até agora, eu só decidi uma coisa sobre como resolver o problema do sétimo ano. Vou ficar em cima do caso, como se fala nos seriados policiais da televisão. Eu mesma vou procurar pistas. Resolvi escrever os nomes de todas as pessoas que sabem mais sobre minha mãe que eu. Elas podem ser minhas fontes. Meu pai, meus avós. E, é claro, minha mãe. Quando conseguir informação suficiente, vou saber o que fazer.

Embaixo do nome do meu pai, anoto que ele nem sempre fala a verdade.

1. Fonte não confiável.
2. Diz para as pessoas que é viúvo.

Depois tem meus avós. Escrevo o nome deles em outra página e faço anotações sobre pistas que eles podem fornecer.

1. Além do papai, são as únicas pessoas que conheço que conheciam minha mãe antes do “incidente”.
2. Minha avó uma vez a chamou de boêmia.

boêmio s.m. pessoa, como artista ou escritor, que vive e se comporta sem observar as regras e práticas convencionais.

O tom da vovó não tinha sido muito elogioso. Era parecido com o jeito como às vezes digo a Lisa que a roupa dela está “legal” quando na verdade está obviamente um horror.

Em outra página do diário, escrevo o nome da minha mãe. Fico olhando para ele por um bom tempo.

Jane Nelson.

A página fica em branco.

Eu queria poder simplesmente levantar, ir até ela e perguntar (do jeito que faz minha professora de Inglês): *“Por favor, com suas próprias palavras, conte o que aconteceu no dia em que você tentou me matar.”* Mas não posso fazer isso. Fecho meu diário e o guardo no esconderijo entre as toalhas. Depois encaro o

espelho até meus olhos parecerem os de uma pessoa calma e destemida. Digo a mim mesma: *Eu quero saber, com suas próprias palavras, o que aconteceu. Antes de responder, saiba que não vou ficar chateada. Estou apenas fazendo uma entrevista. Sua cooperação será de grande ajuda.*

Ensaio minhas falas na frente da Planta, que, se você ler meu diário de verdade, com certeza vai saber que é minha melhor amiga. Há apenas duas coisas nossas que passaram por *todas* as casas alugadas: Planta e a caixa de cacarecos. Levo Planta para dentro da casa nova, e o papai deixa a caixa dos cacarecos na garagem. Quando perguntei sobre a caixa, ele disse que *cacarecos* são as coisas que você não sabe que precisa até vê-las.

Na maioria dos dias, quando rego Planta, tenho uma nova palavra-problema para contar a ela. Todas se enterram bem fundo na terra. Se segredos fossem sementes, Planta teria folhas que me fariam corar.

E, se elas brotassem mesmo e mostrassem ao mundo todos os meus segredos, eu simplesmente não sei o que faria. Provavelmente mentiria e diria: “Ah, ela já estava aí quando a gente se mudou. Esses são os segredos de outra garota.”

capítulo 4

Planta concorda comigo. Vamos começar nossa investigação assim que as aulas acabarem. Por enquanto, continuo sofrendo em uma tarde quente de sábado por saber que Jimmy Leighton está em um relacionamento sério.

É oficial: odeio este dia.

Sabe, eu tento não usar a palavra ódio. Uma das razões por que vejo *O Homem do Rifle* na tevê é que o caubói Lucas McCain sempre diz coisas do tipo: “Ódio é uma palavra forte demais para você usar só porque discorda de alguém.” Mas a véspera do seu aniversário de doze anos deveria ser um dia divertido no qual você vai ao shopping escolher seu presente de aniversário.

Bem, o papai destruiu esse plano, porque resolveu passar o dia com seu uísque Jim Beam e se embebedar. Isso não é raro. Quando está sóbrio, parece que ele é do serviço secreto. Mas basta ele tomar uma dose que eu fico por conta própria. Então, me desculpe, Lucas McCain, também conhecido como “homem do rifle”, mas eu continuo odiando este dia.

Meu pai esconde o uísque em uma garrafa de refrigerante Dr Pepper, mas eu sei mesmo assim. E, quando ele bebe, é quase sempre por causa da minha mãe. Bem, era de se esperar. Meu aniversário o deixa triste. Meu aniversário nunca é divertido para ele, então eu não devia ter criado grandes expectativas em relação ao shopping.

Claro, meu aniversário também é o aniversário do Simon, o que dá uma pista sobre as razões de o meu pai não gostar de comemorar. Ou *seria* o aniversário dele. Falamos sobre Simon ainda menos do que falamos sobre a minha mãe. O nome do meu irmão é uma palavra-problema elevada ao quadrado.

Fico triste quando penso no que ele iria querer comprar de presente de aniversário no shopping. Quando eu vejo as coisas de que os garotos da minha idade gostam, às vezes paro e penso: *Será que o Simon ia gostar disso? Será que ia gostar de ler esse tipo de livro? Será que a gente ia gostar de fazer as mesmas*

coisas? Como não posso ter certeza, dou a ele presentes imaginários. Este ano meus presentes foram um patinete motorizado todo iluminado e binóculos de visão noturna. No ano passado dei um bumerangue e *O livro perigoso para garotos*, que eu li várias vezes (especialmente as partes sobre meninas). Simon me sugeriu esse livro em um sonho. Nós dois gostamos.

É, às vezes eu converso com meu irmão gêmeo morto. Isso é um claro sinal de que vou acabar ficando louca, mas com quem eu poderia falar sobre certas coisas? Além de Planta, ele é provavelmente quem me conhece melhor.

Os confidentes de Sarah = um organismo que faz fotossíntese e um irmão morto.

O Dr. Madrigal uma vez me disse que é melhor pensar em como as coisas realmente são, e não em como elas deveriam ser, mas nem sempre dá para controlar a imaginação. Ultimamente, tenho imaginado como seria se a minha mãe estivesse aqui. Eu poderia encher uma página inteira do meu diário pensando em como deveria ser. Nós não viveríamos em uma rua sem saída, encarando o chão cinzento e aturando os latidos daquele cachorro chato que fica pulando na cerca de arame. Meu cabelo seria comprido e trançado, e minhas roupas sempre seriam dobradas assim que saíssem da secadora. Se quer saber, ninguém nunca fez trança em mim, e normalmente eu pego uma camisa limpa e amarrotada direto do cesto da lavanderia.

— O que acha de ir ao shopping? — perguntou o papai, apertando meu ombro, o hálito já manchado de uísque.

— Claro — respondi.

Mas então ele sentou no sofá e ficou vendo filmes de banguê-banguê ou qualquer seriado policial que tivesse gravado. Ver tevê é uma das coisas de que ele mais gosta de fazer, então acho que é só o que temos em comum. No entanto, ver programas demais é outro sinal de que o papai está infeliz.

Eu disse a ele que ia lá para fora e pedi que me avisasse quando estivesse pronto para ir ao shopping. Ele piscou para mim, o que me deixou na dúvida sobre nosso plano. O que normalmente acontece quando papai fica com aquela cara é que acaba dormindo por horas. Eu estava torcendo para isso não acontecer daquela vez, porque já tinha resolvido que ia passar na Claire's e depois na loja da Apple. Queria comprar um iPod Shuffle verde para ouvir música enquanto ando de volta para casa depois da escola e um vale-presente da Claire's. Lisa e

eu tínhamos combinado de usar o vale-presente no fim de semana seguinte, afinal, quem vai querer o pai junto na hora de escolher uma bolsa azul ou uma pulseira preta?

Além disso, embora Lisa às vezes seja um desastre com roupas, ela ainda sabe mais que eu sobre combinar acessórios. Ela tem uns vinte pares de sapatos e me dá os que não usa mais. Se não fosse por Lisa, eu só teria alguns tênis e um par de sapatos chiques para ocasiões especiais, normalmente com meus avós, por isso quase nunca é usado e está sempre apertado demais. Lisa me deu uns chinelos coloridos para eu não ficar totalmente ridícula.

Talvez eu seja uma pessoa má por ainda querer um presente hoje. Enquanto papai está apagado, pego vinte dólares da carteira dele. Por que tenho que passar o dia inteiro em casa? Vou dar uma volta sozinha no Walgreens, que fica a cerca de uma quadra da nossa casa, passando por um grande cruzamento. Ele que se preocupe quando acordar,oras. Ele que se sinta mal a ponto de me deixar furar as orelhas. Sou praticamente a única pessoa de doze anos que conheço com orelhas sem nenhum acessório.

Passo quase duas horas no Walgreens, bebendo uma Coca e lendo umas revistas, até um funcionário sugerir, de um jeito não muito simpático, que aquilo é uma loja, não uma biblioteca, e que eu devia comprar alguma coisa ou dar o fora. Então compro um saco grande de M&M's e um romance de bolso chamado *O valente libertino*. Quero descobrir como um libertino pode ser valente. Na saída, o caixa malvado me encara enquanto passa o livro pelo leitor de código de barras.

Também compro uma faixa de cabelo preta com uma fileira de *strass* no meio. Lisa disse que é o acessório perfeito para alguém com cabelos castanhos na altura dos ombros, como eu.

Com o celular, tiro uma foto minha usando a faixa e mando para Lisa.

Ela responde na mesma hora com uma dela, exibindo brincos azuis reluzentes, e uma mensagem:

Dá 1 jeito nas suas orelhas.

Bem.

Eu respondo: Esqueceu que eh meu níver amanhã?

Ela responde com uma carinha sorridente.

Não há nada que eu possa fazer em relação às minhas orelhas. Meu pai acha que orelhas furadas são só para mulheres adultas, mas o que ele entende de

moda? Quase todos os dias tenho que conferir se está saindo com meias combinando e cortar fios soltos dos bolsos das suas calças.

Quando volto do Walgreens, nada mudou no meu beco sem saída. As cigarras ainda estão zumbindo nas árvores como cascavéis, e faz tanto calor que eu só de ficar parada. Pelo menos agora meu cabelo tem um novo acessório de *strass*, que é atualmente minha palavra favorita. Deve ser a única palavra que conheço com três letras s.

strass *s.f.* pedra de acrílico, vidro ou cristal de rocha que imita diamante e pedra preciosa

A única coisa diferente aqui é a caminhonete da Gramados e Jardins Sanchez na casa do Sr. Gustafson. Ele é o único vizinho do quarteirão que não corta a própria grama. Acho que é porque é tão encurvado que está começando a ficar que nem um cabo de guarda-chuva.

A equipe de jardineiros provavelmente não se importa muito com plateia, mas eu vou até a casa do Sr. Gustafson assim mesmo. Um rapaz mexicano de boné vermelho começa a trabalhar. Ele não parece muito mais velho que eu, e me pergunto se já sabe transformar um quintal em um tapete liso e listrado de grama. Por que ele não experimenta padrões diferentes, como aqueles círculos que os alienígenas fazem nas plantações? Como acontece às vezes, meu cérebro está pensando em tanta coisa que se esquece de dizer a meu corpo para continuar se mexendo.

Fico parada até que o garoto pigarreia como se eu estivesse no caminho, coisa que, por sinal, estou mesmo.

— Ah, desculpa — digo saindo da frente. — Então, você gosta desse trabalho? É divertido cortar grama?

— *No hablo inglés.*

— O quê? Ah. Entendi.

Não é que eu nunca tenha convivido com gente que não fala inglês. Afinal, não sou de Marte. Mas, nesse momento, o fato de o garoto na minha frente ser incapaz de me entender é um tesouro recém-descoberto. Eu poderia dizer qualquer coisa.

— Arco-íris bolo chocolate inverno neve varanda.

Ele balança a cabeça como se eu tivesse falado algo que fizesse todo sentido em blá-blá-blá alienígena. Os sapatos dele são velhos e manchados de grama, o

que faz com que eu me pergunte de quantas casas ele cuida. Esse emprego deve ser divertido. É ao ar livre e sempre tem coisas novas para se ver. Vou anotar isso no meu diário como uma possibilidade de carreira. Seria divertido ver tantos bairros diferentes. Aposto que eu saberia identificar logo as casas alugadas. Elas são marrons, têm mais ervas-daninhas e, como a nossa, normalmente têm um tronco de árvore morta no jardim. Tem uma casa assim a um quarteirão daqui, e as pessoas puseram uma planta em um vaso em cima do toco, como se isso pudesse disfarçá-lo. Tudo o que eu queria era raptar aquela planta, porque ela provavelmente vai morrer de vergonha ali.

O garoto de boné vermelho fica parado, esperando para ver se eu vou falar alguma coisa. O simples fato de dizer seus segredos em voz alta pode fazer você se sentir melhor, o que eu aprendi depois de conversar com Planta. Ela não é uma pessoa, mas é um ser vivo, então sei que me escuta.

Eu começo.

— Nunca dei um beijo de língua em um garoto — digo enquanto ele pega um soprador de folhas na caminhonete.

Esse foi um.

— Meu pai me deixou dirigir o carro uma vez.

Dois. Certo, ele ainda está em pé na minha frente.

Então paro um pouco e respiro fundo. Quando alguém descobre que somos *aquela* família e que minha mãe é *aquela* mulher e que eu sou *aquela* menina, nós nos mudamos. Mas, nesse instante, o desejo de dizer isso é quase insuportável.

Se eu lhe dissesse meu nome, você poderia dar uma busca no computador e, junto com uma pequena menção a meu irmão gêmeo, Simon, lá estaria eu, a filha daquela mulher. A filha da louca.

O garoto inclina a cabeça e aperta os olhos como se eu tivesse apontado uma lanterna para o rosto dele. Ele liga o soprador de folhas e passa ao meu redor para conseguir terminar o trabalho.

Eu podia contar a ele, mas já falei demais para um dia. Fico parada perto do meio-fio, mordiscando os M&M's meio derretidos, e observo enquanto o garoto deixa a calçada limpa, parecendo nova. Os dois outros homens da equipe guardam o equipamento na caminhonete vermelha, abrem garrafas de Gatorade e sentam no para-choque traseiro. Um deles diz algo que faz o outro rir e me dá vontade de saber um pouco de *español*, mas eu não sei.

— Bem, você trabalha muito bem — digo. O garoto de boné vermelho, que

está ocupado ajustando alguma coisa no soprador de folhas, olha outra vez para mim. Então aponto para o gramado e faço um sinal de positivo, supondo que este deve ser um sinal universal de aprovação. Ele assente. — Legal, então. A gente se vê por aí.

Faço toda a volta no final da rua sem saída e aceno para os jardineiros quando eles vão embora, imaginando o que o garoto poderia ter me perguntado se soubesse falar inglês, quais segredos ele teria. Por mais que eu não goste de gente enxerida, também adoro saber um segredo interessante.

capítulo 5

Esta deve ser a tarde mais longa na história das tardes. Meu pai ainda está bêbado.

Dei uma olhada pela porta de tela e, para variar, ele continuava esparramado no sofá, uma das mãos pendurada na almofada, a outra em cima da testa como se ele tivesse acabado de receber notícias ruins e estivesse paralisado.

É longe demais e está muito quente para ir até a biblioteca agora, então estou empacada aqui no jardim de casa com *O valente libertino*, aqueles M&M's derretidos e nada de novo para adicionar ao meu conhecimento do mundo. Eu já poderia escrever um livro com o que conheço desta cidadezinha idiota. Enchi um capítulo inteiro do diário só com isso, para o caso de ficar famosa e precisar escrever minhas memórias um dia. Rá, rá!

Vivemos em uma área onde todas as ruas têm nomes de faculdades conhecidas. Você poderia pensar que isso significa que aqui é um lugar bacana, mas não, não é verdade. Aqui é o contrário de bacana. Duvido que a maior parte das pessoas daqui tenha sequer ido à faculdade. A mãe da Lisa diz que, como todas as pessoas são parte do corpo de Cristo, algumas acabam tendo que ser o sovaco. Ela diz que, no Texas, o estado da estrela solitária, Garland é um sovaco trabalhador. É uma parte necessária do corpo, mas não é bonita e pode ser bem fedida, especialmente se você estiver contra o vento que vem da estação de tratamento de esgoto, que é o nosso caso. Sem contar as árvores que cresceram demais e tiveram que ser cortadas ao meio para dar passagem aos cabos de energia, não há muita natureza por aqui, se é disso que você gosta, mas as pessoas são legais e sorriem para você sem nenhuma razão especial.

Se meu pai e eu fôssemos o tipo de família que passa o tempo no jardim fazendo amizade com o entregador de jornais ou acenando para o vizinho do outro lado da rua enquanto rega as plantas, conheceríamos muita gente interessante. Mas não regamos nada. Nem assinamos o jornal. Sabemos quem

são os nossos vizinhos, mas isso não é a mesma coisa que conhecê-los.

Para espionar a vizinhança, eu fico da janela do meu quarto ou de cima do toco de árvore do nosso jardim. De lá, posso ver os vizinhos e todas as suas cores diferentes. Nossa rua sem saída tem famílias de quatro países: México, Índia, Irã e Vietnã. E o papai disse que o Sr. Stanley se casou com uma russa no Natal passado. Eu adoraria saber como ele consegue esse tipo de informação, já que não fala com ninguém.

O que percebi, da minha janela, é que as pessoas em nosso bairro são muito trabalhadoras. Todo dia de manhã, eu acordo com o barulho de motores velhos de caminhões e vans saindo para o mundo. Não é difícil adivinhar o que eles fazem o dia inteiro. Por exemplo, se você precisa de algum tipo de serviço, não precisa consultar a lista telefônica. É só olhar pela janela e ver a empresa de que precisa e o telefone pintados na lateral de um caminhão ou de uma van em letras grandes.

ENCANADORES JENNINGS

NGUYEN PINTURA

BOB'S MANUTENÇÃO DE PISCINAS

Uma vez, quando eu estava doente e não fui à aula, passei o dia observando os vizinhos pela janela. O que vi foi que, depois que eles saíram para trabalhar, ficou tudo tão silencioso que o quarteirão inteiro por alguns minutos pareceu ser só meu, até a hora em que os ônibus escolares passaram. Depois os garotos a pé e de bicicleta seguiram na mesma direção, parecendo robôs sonolentos de mochila.

Quando o vento está forte, dá para ouvir os sinos da igreja badalando por entre os carvalhos da Sra. Dupree. É esse som que me faz decidir se preciso usar casaco. Às segundas-feiras, ouvem-se os caminhões de lixo fazendo *bipebipebipe* pelos becos. À tarde, se estiver bem quieto, dá para ouvir os característicos parar e arrancar da van do correio, que passa na nossa rua por volta das três horas.

Depois, mais para a tardinha, percebi que tudo na vizinhança se inverte. Os ônibus escolares vêm da direção oposta, e os estudantes são os mesmos, talvez com mochilas mais pesadas. Os caminhões e as vans chegam roncando sabe-se lá de onde e tornam a estacionar na rua diante de suas casas, e os homens param para checar a correspondência. Em pouco tempo é possível sentir o cheiro da comida sendo preparada nos fornos ou nas churrasqueiras dos quintais, aromas

exóticos que me dão água na boca só de pensar.

Enquanto os jantares estão cozinhando, as crianças pequenas andam de bicicleta ou pulam amarelinha até as mães as chamarem para dentro com sotaques que você nunca ouviu na vida. Quando o sol desaparece, o barulho dos aspersores e das cigarras toma conta de tudo.

Então acho que ainda há algo a aprender em Garland, afinal de contas. É a quarta cidade do Texas em que moro. O Dr. Madrigal ia gostar de saber que essa é uma informação que compartilhei com Lisa.

Aliás, tenho um diário para cada cidade. Quatro, cada um de uma cor diferente. Comecei em Galveston (azul), aí me mudei para Waco (amarelo), depois Tyler (vermelho) e agora estou com um diário bege aqui na Terra de Gar, que é como Lisa chama a cidade.

Só pela beleza, a melhor cidade onde morei foi Galveston, à beira-mar. Sempre tinha areia no chão da cozinha, e as janelas podiam ficar abertas quase o ano inteiro. Depois do trabalho, papai e eu saíamos para caminhar perto do oceano verde-acinzentado, e catávamos conchas. Mas muita gente nos conhecia lá, por isso tivemos que nos mudar. Papai disse que se sentia desconfortável só de ir ao mercado, o que eu entendia perfeitamente.

Pouco antes de deixarmos nossa última casa, em Tyler, uma mulher de camisetinha curta e peitos gigantes reconheceu meu pai no mercado. (Meu pai depois descreveu os peitos dela como *pendulares*, uma palavra que eu gostaria de usar com mais frequência.)

pendular *adj.* relativo a pêndulo; que oscila, que se move de um lado para o outro

Estávamos procurando pêssegos maduros, cheirando cada um para achar os melhores, quando a mulher apareceu e ficou olhando meu pai como se nunca tivesse visto um homem. Os olhos dela o examinaram por inteiro, de cima a baixo, de um lado a outro. As pessoas olham de um jeito feio quando estão julgando alguém. A cabeça fica levemente inclinada; e o nariz, um pouco franzido, como se tivesse acabado de sentir cheiro de comida podre. A Mulher dos Peitos Gigantes tinha essa expressão. Se você se olhar no espelho quando estiver julgando alguém, nunca mais vai fazer essa cara. Não é uma imagem bonita.

“Ainda não tenho certeza se você deveria ou não ter ido para a cadeia”, disse

ela.

Isso acabou com nossas compras. Deixamos o carrinho ali, no meio do corredor de hortifrúti, e fomos embora. Vou dizer uma coisa: depois disso, passei a desconfiar muito de mulheres com peitos pendulares.

capítulo 6

O sol está se pondo, e o papai ainda está dormindo no sofá. Diminuo o volume da tevê e o cubro com a manta marrom. É estranho pensar que sou eu quem está agindo como adulto. Duas semanas atrás, ele disse: “Não, você não pode ir com Lisa ver esse filme para maiores de dezoito anos. Não me importa que a mãe *dela* deixe. Qual o número do celular dela, para eu explicar minha preocupação?”

Ao mesmo tempo, aqui estou *eu*, colocando dois comprimidos de Tylenol e um copo de água na mesa de centro, onde deveria haver, não sei, um presente antecipado de aniversário.

Como uma Pop-Tart fria no jantar, visto meu pijama desbotado e vou para a cama. Tento dormir, mas não consigo. Minha mente ainda está a toda. Este dia foi zero especial. Eu devia estar brincando com meu iPod novo agora. Devíamos ter jantado em um restaurante. Pop-Tarts não substituem um bolo.

Uma das folhas de Planta balança com a brisa do ar-condicionado central, acenando para mim.

— Se aquele garoto descobrir de repente que entende inglês e contar a alguém que nunca beijei de língua, posso me dar mal — digo a ela, que não responde, nem mesmo com um aceno.

Rolo na cama e olho para o teto. Às vezes a gente faz coisas estranhas e depois fica se perguntando o motivo, enquanto o ventilador de teto gira lá no alto. E, se faço coisas estranhas, isso significa que vou acabar louca como a minha mãe? Talvez eu precise telefonar para um hospital e descobrir o que uma pessoa deve fazer se perceber os sinais. Eles podiam estudar meu cérebro. Aí eu podia conseguir um atestado médico que me liberasse do projeto da árvore genealógica.

Sarah está dispensada da tarefa por motivos de saúde mental.

Por enquanto, vou ficar a noite inteira sem dormir até o momento exato em

que fizer doze anos. Feliz aniversário para mim. Por favor, passem os presentes.

Pelo menos eu me dei um livro de bolso novo, que quase já acabei de ler. Mas, como me dei conta, *libertino* é uma palavra que não posso acrescentar ao meu vocabulário, pelo menos não no sentido usado em *O valente libertino*.

libertino *s.m.* homem dissoluto na alta sociedade

E, claro, como costuma acontecer comigo, precisei procurar a definição de uma palavra dentro da definição.

dissoluto *adj.* indiferente a restrições morais; aquele que se comporta de modo imoral ou impróprio

Vasculhei meu cérebro em busca de alguém que eu conhecesse que se encaixasse na descrição de libertino. Não conheço ninguém na alta sociedade. Mas já vi várias garotas mais velhas que andam por aí pagando calcinha. Algumas gostam de tirar fotos e mandar para os garotos. Tenho que investigar se uma garota pode ser libertina. Parece que sim.

Como amanhã é meu aniversário de verdade, as pessoas vão esperar que eu use palavras diferentes. Pode ser que eu consiga incluir *dissoluto* em alguma conversa.

Espero que os doze sejam diferentes dos onze. Mas eu tenho essa esperança todos os anos, e a maioria das coisas não muda. Essa manhã percebi que tudo no meu quarto parecia pertencer a uma menina mais nova. Talvez essa seja a primeira diferença. Vou ter que mudar a decoração e comprar mais roupas pretas, para combinar com minha linda faixa de cabelo nova. Espero que meu pai me leve ao shopping ou ao cinema. Talvez eu consiga fazê-lo sentir tanta culpa que ele me deixe furar as orelhas. *Sabe de uma coisa, era para você ter me levado ao shopping, mas aí ficou bêbado...* Rá! Como se eu fosse corajosa o suficiente para dizer isso em voz alta.

Em algum momento após a meia-noite, quando já tenho oficialmente doze anos, saio pé ante pé pela casa, como se o chão fosse feito de algodão. O papai está dormindo, então não tenho como esquentar uma Pop-Tart sem acordá-lo. Nossa torradeira é tão barulhenta que é capaz de acordar a vizinhança inteira. Então eu pego uma fria mesmo e corro de volta para o quarto. Talvez mais tarde ele faça panquecas. Ou saia para comprar donuts, como nós fazemos quase todo

domingo.

Rapidamente, antes que ele acorde, pego meu diário verdadeiro e faço uma lista. Penso em meu aniversário como uma forma de começar do zero, do mesmo jeito que as pessoas veem o primeiro de janeiro como um novo começo. Minha avó faz isso no início do ano. Este ano algumas das suas promessas de Ano-novo são experimentar um corte de cabelo mais simples, entrar para um clube do livro e plantar tomates.

Escrevo meus objetivos, como melhorar minha postura e minha habilidade em passar sombra azul ou verde nos olhos. Também gostaria de saber mais sobre as Testemunhas de Jeová e por que elas fazem meu pai ignorar a campanha. O que testemunharam, e por que ninguém quer saber nada sobre isso?

Hoje, escrevo minha lista de novos objetivos no diário:

- Dar um beijo de língua em um garoto.
- Tornar a minha vida mais rica.
- Furar as orelhas.
- Aprender um pouco de *español*.
- Prestar atenção a sinais de estar enlouquecendo (rá, rá).

Eu queria ter minhas velhas listas de aniversário neste momento. Podia procurá-las na minha caixa e ler sobre quem eu era. Faço essas listas desde o meu aniversário de oito anos. Meu aniversário de oito anos foi uma bosta. *Bosta* é uma palavra-problema tão grande quanto o Texas, por isso não falo na frente do meu pai, que é o maior sabe-tudo quando se trata de gramática, já que é professor. Mas às vezes você tem que usar a palavra certa, mesmo que seja apenas na sua cabeça.

Nem vou contar a você como aquele aniversário foi ruim. Vamos dizer apenas que, se eu quisesse escrever uma reportagem intitulada “Dez dicas para uma comemoração péssima”, eu poderia fazer isso com a maior facilidade.

1. Comer pizza fria no Chuck E. Cheese.
2. Voltar para casa.
3. Seu pai assistir a *Três Homens Em Conflito* pela milionésima vez.
4. Servir uma bebida para o seu pai.
5. Dar à sua filha uma casa de bonecas mais apropriada para uma

menina de cinco anos.

6. Abrir um cartão da mãe louca.
7. Interrogar seu pai sobre a mãe louca.
8. Ajudar o pai a limpar a bebida derramada “sem querer”.
9. Comer bolo em silêncio.
10. Ler um livro até cair no sono.

Como eu disse, às vezes usar a palavra certa é necessário, seja ela um problema ou não. Há maneira melhor de descrever esse dia do que com *bosta*? Eu acho que não.

capítulo 7

Duas semanas se passaram desde aquele fim de semana terrível do meu aniversário. E finalmente chegou o último dia horrível do sexto ano, mas isso impede que nosso professor de inglês, o Sr. Wistler, tente enfiar mais alguma coisa no nosso cérebro? Não. Só que não vai adiantar. Todo mundo está ignorando a voz dele.

Estou inquieta na carteira, e tudo que eu queria era atravessar o vidro da janela e dar início à marquinha de sol deixada pelas tiras dos chinelos. Não que minhas férias de verão costumem ser muito espetaculares. Um verão entediante ainda é o Problema 1. A mesma velha Houston com meus avós. A mesma vida chata. O mesmo tudo.

Os ingredientes de um típico verão chato de Sarah Nelson:

- Viajar de carro direto até Houston, sem fazer paradas em nada interessante, como na Maior Bota do Mundo, nem para um sundae na Dairy Queen.
- Chegar à casa dos meus avós e conferir imediatamente a previsão do tempo na tevê.
- Observar minha avó parada à janela da cozinha por *horas*, tentando combinar os pares de meias pretas e azuis.
- Ir ao encontro com o prefeito no centro da cidade, porque é servido um jantar grátis — e não ia ser divertido ouvir um político falar? (Resposta: Não.)
- *Finalmente* chegar aos dias divertidos, quando minha avó pega a caixa de costura e juntas fazemos um bicho de pelúcia, tipo um camelo vermelho com crina preta, e ela me diz como sou bonita. (Por que não

podemos adiantar o verão logo para essa parte?)

- Terminar o verão com uma vergonhosa ida ao shopping com a vovó, que me dá vestidos de criança que eu nunca vou usar, a menos que haja um concurso do vestido mais feio — eu venceria fácil, fácil.

Isso é tudo o que me espera. Isso é o início da minha investigação do Problema 2: o temido trabalho sobre a árvore genealógica do sétimo ano.

Nesse meio-tempo, o Sr. Wistler continua a falar daquele jeito que os adultos falam quando acham que estão fazendo um favor por compartilhar sua inteligência. É como se a própria voz fosse a canção favorita deles. O Sr. Wistler fala sem parar sobre a geração “das mensagens de texto”, sobre como só sabemos pensar com os polegares, como a tecnologia está levando a uma linguagem condensada, desprovida de vogais, que nossas avós não reconheceriam.

— Vocês escrevem desse jeito quando estão diante de um computador? — quer saber ele. — Ou, ousa dizer, com lápis e papel de verdade nas mãos?

Examino meus dedos dos pés, decidindo de que cor vou pintar as unhas da próxima vez, roxo ou rosa clarinho. Gosto mais de roxo, mas fica muito óbvio quando você borra o esmalte, o que às vezes acontece comigo.

Então o Sr. Wistler escreve no quadro-negro:

Nuss n tm como flar d vcs sm dizer: vcs são d+.
mds, q sdds d td mnd! kkkkk <3

E, é claro, ver um professor escrever isso no quadro é muito engraçado, então todo mudo dá uma risadinha.

— Então estou desafiando vocês a escrever cartas para alguém, qualquer pessoa, durante o verão. Escrevam com *palavras* de verdade, *vogais*. Escrevam uma história. Escrevam um livro de poesia. Qualquer coisa. Só é preciso que tenha palavras escritas corretamente. Como estão escritas no dicionário!

Rá! Eu já sei fazer isso, Sr. W.

— Agora, antes que comecem a dizer: “Ai, que saco, Sr. Wistler, está falando sério?”, escutem. Não posso dar nota a esse trabalho, porque não vou ser professor desta turma no ano que vem, então estou oferecendo uma recompensa.

Um prêmio! Quem me mostrar, no início do próximo ano letivo, provas consistentes de ter realmente escrito com frequência, vai ganhar um iPod Nano.

Ele ergue uma embalagem com um iPod verde dentro. É uma oportunidade envolta em plástico. Eu quero.

Alguém da turma diz que é uma ideia idiota. *Beleza*, penso. Um concorrente a menos.

— É idiota — diz o Sr. Wistler. — Eu queria saber como expressaria seus pensamentos em uma mensagem. Você consegue escrever uma frase completa? Ou tem uma gíria para isso?

— Chatão — diz Dale Baker. — É isso o que a gente diria.

— Interessante — retruca o Sr. Wistler. — Bem, sabe, nós temos um problema. Eu adoro ler, e estou em uma sala cheia de escritores da próxima geração. Será que vou precisar de um dicionário de inglês/mensagens de texto para conseguir entender suas histórias? Queria que tentassem. Escrevam textos para seus amigos, nem parem muito para pensar nisso. Estou pedindo que escrevam cartas, que incluam acontecimentos, coisas que tenham percebido, como a mudança das estações afeta vocês ou o cheiro das flores. Imaginem morar na Índia com um macaco. Expressem a alegria de beber uma simples limonada em um dia quente. Finjam ser estranhos em sua própria casa, onde acabaram de notar uma rachadura no teto. Seria uma passagem para um cômodo oculto? Escrevam cartas para alguém que vocês viram em um restaurante. Talvez uma pessoa famosa, viva ou morta. Ou talvez para seus personagens favoritos de um livro ou de um filme! Perguntem coisas sobre a vida deles, as escolhas que fizeram. E se Harry Potter tivesse vindo morar no Texas? Digam por que gostam tanto dele. Escrevam sobre por que ele é tão interessante para vocês. Finjam que vão encontrá-lo, ou qualquer outro personagem, no fim do verão. Sejam curiosos e libertem sua mente de abreviações.

Olho pela sala. Dá para perceber que agora *todas* as pessoas vão escrever para Harry Potter.

— E se não conhecerem ninguém, podem escrever para mim — diz o Sr. Wistler. — Mas, cuidado, eu posso escrever de volta!

— A gente tem que fazer isso? — pergunta Jimmy Leighton.

Se quer saber, Jimmy Leighton é o único garoto da escola inteira que eu queria que prestasse atenção em mim.

Por falar nisso, ele não está em um relacionamento sério com Emma Rodriguez. Ela estava apenas inventando coisas no Facebook, provavelmente

porque queria que fosse verdade. Eu não posso culpá-la. Jimmy tem os cabelos mais louros do mundo e provavelmente é o cara mais bem-vestido da escola.

Quando eu o vejo, minha mente tira todo mundo do caminho e o observa andar em câmera lenta, de tão bom que é olhar para ele. Jimmy tinha sua própria página no Facebook, e eu costumava entrar e ficar olhando para ele, porque podia fazer isso sem ninguém ver. Mas vários garotos escreviam coisas idiotas, como dizer que ele era gay só porque um dia usou colete, então Jimmy saiu do Facebook. Sem brincadeira, eu queria que o Lucas McCain viesse à nossa escola e tivesse uma conversa séria com essas pessoas.

O Sr. Wistler tenta explicar para Jimmy Leighton o que quer enquanto eu penso: *Ah, você pode escrever para mim, Jimmy. Escreva para mim, Jimmy! Eu adoro coletes!*

— Sr. Leighton, não posso obrigá-lo a fazer isso, mas vou torcer para que tente.

O Sr. Wistler começa a andar de um lado para o outro com as mãos nos bolsos. A única vez que me lembro de ele ter ficado agitado desse jeito foi quando lemos *O doador*. Então ele levanta uma caixona e começa a jogar cadernos pautados para todos nós.

— Agora abram estes cadernos e comecem. Escrevam a primeira frase de uma carta ou uma história de verdade e me mostrem quando saírem para que eu saiba que não estou aqui falando com as paredes, PFVR.

Tanta gente na turma reclama que é impossível contar.

“Eu não sei o que escrever”, repetem todos.

“Não consigo pensar em nada, Sr. Wistler. O senhor quer acabar comigo.”

“Sr. Wistler, isso é muito sem graça.”

Ao que o Sr. Wistler retruca:

— A maioria das pessoas não sabe o que realmente pensa até colocar no papel. Vocês não querem descobrir o que *realmente* pensam?

O caderno de redação que ele jogou na minha carteira é verde, o que considero um sinal de que vou ganhar o iPod. Já estou até ouvindo a música. Vai ser fácil. Eu escrevo mais do que falo. Olho para a página em branco. As linhas azul-claras gritam para serem preenchidas. Mordo a borracha do lápis, imaginando como seria viver na Índia com um macaco que bebe limonada enquanto um furacão vai passando. Tem uma rachadura gigantesca no teto do corredor lá de casa, e ela leva ao nosso sótão cheio de aranhas. Há uma boa história escondida ali.

Antes que dê para dizer *verão*, começo a escrever. E o que o Sr. Wistler disse é verdade. Eu não sabia que estava pensando nisso:

Querida Mary,

Eu queria lhe fazer uma pergunta. Alguém lembra você de que é meu aniversário, ou você sabe o dia de cor? Porque eu acho que você não sabe. E também estou curiosa para saber como você passa o seu aniversário. Vocês têm bolo aí?

Escrever *Querida Mary* foi inteligente, assim ninguém vai saber do que estou falando. Em filmes policiais, isso se chama camuflagem. O problema é que meu corpo não queria que meu cérebro tivesse pensado nessa história, porque meu pescoço fica quente e corado. Ergo os olhos do caderno. O Sr. Wistler está sorrindo. Para mim. Será que ele sabe meu segredo? Acho que é possível. Ou pelo menos parte dele. Hoje, porém, posso ter acabado com todo o meu disfarce, como também dizem nos filmes policiais.

Arranco a página, dobro ao meio e guardo no fim do caderno. *Rápido*, digo para mim mesma. *Escreva outra coisa!*

Minhas mãos se movem o mais depressa possível.

Caro Atticus Finch,

Estou escrevendo para você por causa de um trabalho escolar para o melhor professor de inglês de todos os tempos, o Sr. G. Wistler. Ele deu a ideia de escrevermos uma carta para um personagem. Não tenho certeza, mas acho que sou a única que escolheu o senhor. Isso é bom para mim. A maioria dos meus colegas de turma vai escrever para Harry Potter ou Lucy Moon. Talvez o senhor os tenha conhecido na biblioteca. Quando era pequena, eu achava que, depois que a biblioteca fechava, todos os personagens saíam dos livros.

Enfim, preciso confessar que não tinha lido sobre o senhor a princípio. Provavelmente você sabe que fizeram um filme do livro que conta sua história. Eu o vi tarde da noite uma vez, quando meu pai assistia a *O sol é para todos*. Ele disse que era uma boa história, mas acabou dormindo,

então eu continuei sozinha. Isso foi mais ou menos um ano atrás. Tinha muitas coisas legais na história. Depois descobri que tínhamos um exemplar em casa. Eu li o livro em quatro dias.

O Sr. Wistler disse que a gente devia contar na carta o que achava ser a coisa mais interessante sobre o personagem que tinha escolhido. Disse que nós devíamos pensar em uma ou duas perguntas que faríamos se tivéssemos a chance de tomar um café da manhã juntos e conversar. A pergunta mais importante que me vem à mente é: por que o senhor decidiu defender Tom Robinson? Sei que o senhor disse no livro que era a coisa certa, mas as pessoas nem sempre fazem a coisa certa. Quando eu preciso saber se uma coisa é a certa, escrevo todas as minhas opções e circulo a mais difícil. A mais difícil é quase sempre a certa, mas também pode causar problemas. Eu queria saber se o senhor faz a mesma coisa. Eu gostaria de perguntar se o senhor se sentou na varanda da sua casa e fez uma lista de suas opções com relação a defender Tom Robinson? O senhor já sabia que as pessoas iriam xingá-lo e zombar de você? Para mim, foi a decisão certa. É por isso que acho o senhor tão interessante. Também gosto do modo como fala com seus filhos, Scout e Jem. Eu gostaria de tomar café da manhã com todos vocês.

Atenciosamente,
Sarah Nelson

O sinal toca. Só algumas crianças deixam o Sr. Wistler ver suas primeiras frases. A lata de lixo no corredor vai ficar cheia de cadernos pautados em branco, pode ter certeza.

O Sr. Wistler lê minha carta e me devolve o caderno como se fosse algo frágil.

— Hummm — diz ele. — Essa carta é bem interessante, especialmente a parte sobre o ótimo professor de inglês. Espero que continue a escrever, Sarah. Gosto do seu estilo.

— Obrigada.

Eu pego o caderno e me dirijo à porta.

— Ei, Sarah — chama o Sr. Wistler. Eu me viro e o vejo segurando o iPod. Ele o joga na minha direção e milagrosamente eu consigo pegá-lo no ar. E olha que nunca consegui pegar nem uma bola nem nada na vida. — Não conte a ninguém — diz ele com uma piscadela.

Eu agradeço, mas as palavras saem em um sussurro.

— Agora pode ir, e tenha o melhor verão da sua vida.

Rá! Essa é a tarefa mais difícil que ele poderia me passar, mas pelo menos agora meu verão entediante vai ter a própria trilha sonora.

Saio pelo corredor me sentindo estranha. Na primeira lata de lixo, vejo dois cadernos. Espero até que ninguém esteja olhando, pego os dois e abro o primeiro.

CARO HARRY POTTER,

Eu enfio os cadernos na mochila junto com o iPod.

Esvazio meu armário e recolho principalmente lixo e pedaços de papel, até o último chiclete velho. Nenhuma prova deixada para trás. Penso no caderno pautado e rezo para não morrer no caminho de casa, para nenhum funcionário da ambulância encontrar a carta à *Querida Mary* escondida. *Pelo menos me deixe chegar em casa, Deus, para que eu possa rasgá-la em um milhão de pedacinhos.*

capítulo 8

Tenho que tomar cuidado com Lisa. Pode-se dizer que ela é minha melhor amiga, mas, quando quase não se tem amigo nenhum, *melhor* é algo relativo. Ela é minha amiga e existe, e, se eu não tivesse *nenhuma* amiga, chamaria tanta atenção quanto um girassol azul. Lisa diz que consegue saber várias coisas sobre uma garota só pelo jeito como ela inclina o pescoço.

Ela chega para mim e pergunta:

— E aí, o que foi? Você está vermelha. Meu Deus, você recebeu um bilhete de um garoto?

— Não tem nada disso — respondo contrariada, esticando o pescoço.

O sorriso da Lisa hoje tem como acessório um gloss rosa superbrilhante. O cabelo está puxado para trás e preso por uma faixa bonita xadrez. Eu nunca a vi triste. Gosto disso nela. Se ela fosse uma cor, seria o amarelo.

Além disso, ela me deu um par de brincos de aniversário.

Brincos. Para orelhas furadas.

Lisa gosta mesmo de botar pilha.

— Agora ele vai ter que deixar você furar a orelha — disse ela.

— Você está viajando.

— Não custa tentar.

As coisas que ela não sabe sobre meu pai dariam para encher um livro. Um livro que Lisa nunca leria.

— Vamos, vamos — diz ela com aquele seu jeito rápido e meio sem fôlego.

Outro fato curioso sobre Lisa é que normalmente ela quer estar em qualquer lugar que não seja onde está no momento.

Então saímos depressa da escola, conversando sem parar sobre seus planos divertidos de ir para o acampamento, sobre como eu iria escrever para ela e...

— Não se esqueça do nosso pacto: antes do fim do verão, temos que dar um beijo de língua em algum menino. Me mande uma mensagem assim que rolar.

Lisa está determinada a conseguir esse negócio do beijo por alguma razão, como se isso fosse mudar a vida dela. Acha que todo mundo vai saber quando acontecer, que o beijo vai fazê-la parecer mais velha, que ela vai passar a andar com a cabeça mais erguida.

Não tenho muita certeza de que seja mesmo assim e, mesmo se fosse, por que alguém ia querer que o mundo soubesse da sua vida? Pessoalmente, eu ia preferir que um garoto percebesse qual livro eu estava lendo e me dissesse que também tinha gostado. Isso parece um sinal melhor de carinho do que um beijinho qualquer.

O Sr. Wistler, minha nova pessoa favorita no planeta, diz que dar diversas experiências a um personagem o torna interessante. Eu acho que isso também deve ser verdade na vida real, por isso vou tentar criar experiências variadas para mim mesma neste verão, e um beijo de língua com certeza seria algo bem diferente, logo entrou na minha lista. Mas vai ser difícil. Não tenho ideia de como vou conseguir encontrar alguém para beijar enquanto passo o verão inteiro exilada na casa dos meus avós. Eles nem ao menos pagam algum garoto para aparar o gramado.

Lisa encontra o carro da mãe esperando na rua, e eu sigo para a fila dos ônibus.

Hoje o ônibus está uma verdadeira festa sobre rodas. Ora, afinal de contas, é o último dia de aula. E a última viagem de volta também. Se eu fosse o tipo de pessoa que diz “Graças a Deus!” o tempo todo, diria “Graças a Deus esta é a última vez que tenho que entrar nesse ônibus!”. Eu preferiria andar a pé o caminho todo até em casa, mas não, isso nunca vai acontecer por causa do meu pai e das suas “preocupações com minha segurança”. Ele deveria andar no ônibus algum dia, e aí teria motivos para se preocupar de verdade com a minha segurança.

Por exemplo: as pessoas em geral são fedorentas e nada simpáticas com alunos novos, especialmente se você for uma reles aluna do sexto ano. No sexto ano, os garotos maiores não precisam de nenhuma razão especial, além da sua idade, para perturbar você. O bom de ser eu é que já aprendi a identificar os dardos no ônibus antes que eles me peguem. *Dardo* agora tem outro sentido, que eu inventei para mim.

Dardo s.m. criança que descobre a fraqueza de uma pessoa e faz questão de

ser má com ela

Posso usar essa palavra e insultá-los sem que eles percebam. Além disso, é perfeita. Dá para imaginar as palavras maldosas deles viajando pelo ar e acertando quem eles querem. Não é difícil identificar os dardos. Eles gostam de plateia e andam em grupos de dois ou três. Têm qualquer que seja A Novidade antes de todo mundo. Falam alto. Acham que sabem tudo. E não levam merenda, o que me dá vontade de perguntar: *cadê a sua mãe?* Mas eu nunca pergunto. Fico invisível como sempre.

Especialmente hoje.

Tem dois dardos no meu ônibus: Mark Medina e Daryl Land. Eles adorariam roubar meu iPod, ou zoar minha carta para Atticus, ou as duas coisas, se soubessem. Ainda bem que está tudo bem escondido no compartimento supersecreto da minha mochila. Daryl é o líder de um grupo grande de dardos. Tem uma mochila verde camuflada e não usa cadarço nos tênis, o que, imagino, ele deve achar supermaneiro. Eu acho meio babaca, mas nunca vou dizer isso em voz alta.

No início do ano, tinha um garoto novo chamado Russell. Eu podia ter avisado a ele que seu estojo de clarinete com um adesivo dos escoteiros causaria problemas, mas não falei nada. Daryl Land o chamou de otário e de fracote. Russell ficou parado por um instante e depois tentou passar à força, mas Daryl o empurrou para um dos bancos e jogou o estojo do clarinete no chão. Russel tentou falar, mas, seja lá o que estivesse pensando, levou mais ou menos uma hora para sair, porque ele gaguejava. Isso piorou a situação dele, pois Daryl ficou mandando um xingamento atrás do outro.

A coisa estava tão feia que fiquei com raiva de Russel por não se defender, por não encontrar outro jeito de ir para casa, outro transporte. Mas talvez a diferença entre nós seja que eu tenho uma garagem cheia de caixas de papelão prontas para serem usadas se precisarmos ir embora. Além disso, eu sou covarde. Vejo Russell apanhar e não faço nada, porque antes ele do que eu.

Russell não está no ônibus hoje. Será que ele adora o verão e prefere qualquer coisa a estar dentro de um ônibus escolar?

Eu moro a duas quadras do ponto do ônibus da escola. Quero tirar as sandálias e andar pela grama recém-aparada, sentir o começo do verão sob meus pés, talvez seguir as linhas no asfalto quente no meio da rua. Além do mais, esta vai ser a última vez em que vou estar completamente sozinha por algum tempo. Cansei de brigar com meu pai por ser mandada para longe de casa o verão inteiro. Não adianta.

O que aconteceu ontem à noite foi o seguinte — no jantar, ele disse:

— Precisamos começar a fazer nossos planos para o verão.

Ele não olhou para mim enquanto falava. Ficou só olhando para o cardápio. Tínhamos saído para jantar porque alguém havia se esquecido de ir ao mercado, e ninguém queria tomar sopa enlatada.

— Acho que sim — falei, me esforçando muito para pensar em uma forma de convencê-lo de que eu já sou grande o bastante para ficar em casa.

Como meu pai é professor, é treinado para encontrar falhas nos argumentos dos outros. É preciso tomar cuidado e usar frases curtas, que não deem informação demais.

— O vovô está ansioso para pescar com você — comentou ele. — E este ano vão chegar algumas exposições novas nos museus. Talvez vocês possam ir ao parque de diversões de Kemah.

Ele fechou o cardápio e olhou diretamente para mim, com as sobrancelhas erguidas como se tivesse feito uma pergunta. Claro, o vovô às vezes me leva junto quando vai pescar com os amigos. O que eu faço? Levo um livro. E museus? Cada um sabe o que acha divertido.

— Eu já falei. Não quero ir. E você falou que a gente ia discutir o assunto — argumentei.

— Sarah, você sabe que preciso trabalhar.

— E eu preciso viver!

— Pare de fazer drama.

— Você tem que me dar mais liberdade ou eu nunca vou aprender nada. Tenho doze anos.

— Acabou de fazer.

— O que você fazia quando tinha doze anos? — perguntei, já sabendo a resposta: ele ia para vários acampamentos de escoteiros bem longe de casa e andava de bicicleta sem capacete.

— Eu me preocuparia se você ficasse sozinha em casa o dia inteiro. Não consigo evitar.

Se o papai procurasse no *meu* dicionário a palavra *preocupado*, poderia mudar de opinião.

preocupado s.m. que pensa nas coisas ruins que podem acontecer (ver também: **Tom Nelson**)

Bem, eu podia lembrá-lo sobre o fato de ele ter enchido a cara, me deixado completamente sozinha, não ter me levado ao shopping, e dizer: *você não ficou preocupado naquela hora?* Mas não, eu não fiz isso.

Só falei:

— Eu não quero *mesmo* ir neste verão.

Ele pagou a conta e fomos embora.

Quando chegamos, entrei em casa na frente e estava em silêncio quando ouvi meu pai me chamar atrás de mim.

— Sarah. Sarah, por favor! É porque eu amo você.

— Tanto faz, pai — falei, tentando controlar o tremor na minha voz, mas não adiantou. Ela saiu fraca.

— Não estou dizendo que você não seja uma garota responsável, Sarah — começou ele.

— Está dizendo isso, *sim*.

Saí pisando firme pelo corredor, bati a porta e esperei até que ele estivesse parado do lado de fora. Levou um bom tempo para ele falar.

— Moça, vou tentar pensar em alguma coisa, está bem? Vou tentar pensar em outras opções para o verão, certo?

Eu não disse nada. Ele que esperasse.

— E vou compensar você pelo shopping. Vamos lá quando a vovó chegar.

— É, se você não encher a cara — respondi.

Achei que me sentiria bem ao jogar o erro na cara dele, mas não me senti. Isso fez com que me sentisse um dardo idiota.

capítulo 9

Como é o último dia de aula, vou andando calmamente do ônibus para casa, dou algumas voltas no quarteirão, finjo morar em outra rua. Nada de escola, ônibus escolares ou dardos por três meses inteiros. Por outro lado, também não estou com a mínima pressa de chegar em casa.

Se houvesse algum lugar para se existir entre a casa e a escola, você gostaria de viver lá? Eu gostaria.

Passo pela casa com a planta no vaso em cima do toco de árvore. Sinto que ela está me encarando, pedindo ajuda. Dou mais alguns passos e aí não aguento. Volto correndo, resgato-a do toco e ponho com cuidado o vaso na varanda da casa, onde deveria ficar (todo mundo sabe disso, não é?). Será que alguém me viu? Os vizinhos vão achar que estou louca, mas eu não ligo.

Saio apressada da cena do crime e viro na Yale Court. Me dou ao luxo de uma caça ao tesouro e pego uma pedra em forma de coração — são mais fáceis de achar do que você imagina —, depois uma bola de golfe no jardim do Sr. Gustafson. Tenho duas em casa, e desenhei nelas carinhas com caneta preta. Uma é alegre; a outra, triste. Elas são úteis; coloco uma na prateleira do banheiro do meu pai para que ele saiba como está meu humor.

Esta manhã eu botei as duas na toalha de rosto dele. Talvez eu tenha que criar uma bola de golfe nova com o desenho de uma cara meio alegre, meio triste, porque ultimamente tenho me sentido dividida o tempo todo. Metade de mim puxa para um lado, a outra puxa para o outro. Planta sugeriu que isso é um claro sinal de loucura e que eu devo ficar atenta ao surgimento de novas vozes.

Dou a volta na rua sem saída, chutando uma pedrinha pelo caminho. Pego a correspondência.

Lá está.

De algum modo eu sabia que estaria. Tem uma coisa que você precisa saber sobre a minha mãe: ela me manda um cartão duas vezes por ano, no meu

aniversário e no Natal. Não recebo mais nada no restante do tempo. Sempre foi assim.

O cartão me dá um pouquinho de medo. Tenho que lembrar a mim mesma que é apenas um cartão. Mas ela tocou aquele pedaço de papel, e isso faz dele um objeto raro. É como se nós duas tivéssemos ido ao mesmo lugar, só que em momentos diferentes. Como se eu estivesse entrando em um prédio, e ela, saindo.

No início, finjo não ligar para o cartão e leio primeiro a outra correspondência. Depois vou cumprimentar Planta e giro o vaso para que ela tome um pouco de sol na parte de trás. Vejo se alguém deixou recado na secretária eletrônica, e mando uma mensagem para Lisa.

Escreva para mim do acampamento!

O Sr. Wistler teria ficado feliz por eu ter usado uma frase completa na mensagem de texto.

Tudo isso leva mais ou menos cinco minutos.

O envelope fica me olhando.

Na parte de fora, tem a letra floreada dela e um carimbo do Departamento de Justiça Criminal do Texas.

Deslizo os dedos na tinta que escreve meu nome.

Sarah Nelson

Passo o dedo sob a aba do envelope, e a sensação é boa quando ela se abre. Puxo o cartão e viro para ver a frente. Cheiro o papel e o levanto contra a luz, para ver se há alguma mensagem oculta, escrita com tinta invisível. Já li que pessoas loucas às vezes fazem coisas assim. Mas não tem nada. Só a foto de um labrador preto olhando para mim. Ele está com a cabeça inclinada, como se alguém tivesse acabado de pedir que resolvesse um problema de matemática e ele estivesse pensando: Sério?

Abro o cartão.

Tenha um aniversário feliz pra cachorro.

Depois, na letra dela:

Feliz aniversário, Sarah. Como você está? Doze anos é uma idade maravilhosa. Por favor, me mande fotos do seu novo eu.

Com amor, Jane Mamãe

Tudo bem, isso é muito legal, mas, só para começar, há dois problemas no cartão:

1. Ela assinou primeiro como *Jane*.
2. Ela acha que eu tenho um novo eu.

Fico curiosa para saber se alguma pessoa no hospital avisou-a para não assinar o cartão de aniversário da própria filha com o nome. E o que ela poderia querer saber sobre meu novo eu? Ela não sabe nada sobre mim.

Mesmo assim, vou até o banheiro ver se um novo eu me olha de volta no espelho. Passo a mão pelo cabelo e o coloco atrás das orelhas, para que talvez pareça arrumado. Aperto os lábios e giro os ombros, estilo top model. Não sei; talvez haja uma pequena mudança, mas só a diferença entre 6h e 6h05. Sou a mesma pessoa sem graça, só que cinco minutos mais velha.

Talvez ela tenha escrito aquilo sem qualquer razão, e eu esteja toda animada por nada. Analisar é paralisar, como sempre diz meu avô quando estamos tentando escolher um restaurante para comer, e ninguém consegue se decidir. Estou pensando demais nisso. Deixo o cartão de lado, digo a mim mesma que ela só quer uma foto minha, mais nada. A pior parte de toda essa história de “mãe louca” é que não há ninguém com quem eu possa conversar sobre o cartão.

— O que acha, Simon? — digo para o meu reflexo. — Doze anos. Parece diferente para você? Eu pareço diferente de onde você está?

Na mesma hora, me sinto sozinha pelo Simon, então apago meus pensamentos sobre ele e foco em outra pessoa.

Minha tia Mariah?

Eu poderia telefonar e perguntar o que ela acha. Ela é outra pessoa sobre quem nossa família não gosta de falar, provavelmente porque é meia-irmã da minha mãe. Eu gostaria que fôssemos mais próximas, mas não somos. Quando penso nela, eu a vejo citando a Bíblia e segurando minhas mãos quando me cumprimenta. Minha avó não gosta nada disso. Minha tia Mariah é daquele tipo que adora abraçar os outros e vive enfeitada com joias e cores. Se as pessoas fossem cores, minha avó seria bege, e a tia Mariah, um arco-íris. Rá!

Fecho os olhos e imagino as mãos dela no meu rosto. Sim, eu poderia falar com ela sobre esse cartão. Vou ter que anotar isso na minha lista, pedir o telefone

dela ao papai. Não me lembro de quando foi a última vez que nos falamos.

Simon volta à minha mente, e tenho que pedir a ele para, por favor, ir embora agora.

Quando estávamos em Galveston, minha tia e eu fazíamos longos passeios pela praia. Ela aproximava o rosto do meu, e eu sentia o aroma das folhas de hortelã que ela gostava de mascar. Minha tia dizia coisas tão maravilhosas que dava vontade de ter lápis e papel presos à camisa só para poder anotar todas as suas frases.

“Há pessoas esperando apenas para amar você, pessoas que Deus pôs ao longo do caminho da vida como placas de sinalização em uma autoestrada. Siga nessa direção, Vire aqui, Ame essa pessoa. Ajuda: 10 km. A maioria de nós não lê as placas, Sarinha.”

Uma coisa de que me lembro com certeza é: ela disse que, se eu amar alguém quando mais estiver precisando me sentir amada, bem, aí vai chover tanto amor em mim que eu vou poder mergulhar.

Nesse momento percebo que estou chorando.

As lágrimas correm, e abraço o cartão junto ao peito. Deslizo para o chão amarelo do banheiro e deito de lado, então vejo uma presilha de cabelo minha embaixo do armário. Eu me sinto dividida ao meio. Sofro de tanta vontade de saber mais sobre minha mãe; ao mesmo tempo, queria que ela nunca tivesse me mandado cartão nenhum. Sentir duas coisas ao mesmo tempo deve ser um dos primeiros sinais de loucura.

Após alguns minutos, escuto o barulho do portão da garagem se abrindo. Ele chacoalha e range como se algo o estivesse atacando.

Levanto do chão e me ajeito. Minhas bochechas estão vermelhas e manchadas, então jogo água no rosto, corro para o meu quarto, fecho a porta e me sento ao lado de Planta. O aniversário dela é em setembro, então ela vai ter que esperar para ganhar algo especial. Leio meu cartão para ela.

— Fico pensando se ela não estava assinando um monte de autógrafos, e eles botaram esse cartão na frente dela — digo. — Aí ela achou que era só mais um, para um fã.

Já li na internet que tem gente que quer se corresponder com a minha mãe. Pelo que entendi, alguns homens são apaixonados por ela, algumas mulheres querem bater nela e tem gente que gostaria de estudar o caso dela. É estranho pensar como algumas pessoas sabem mais sobre a minha mãe do que eu. É tão injusto.

capítulo 10

Olho pela janela e vejo minha ruína sobre rodas.

A banheira bege gigantesca embica na entrada da nossa garagem. O carro significa tédio. Significa que meu pai não pensou em nenhuma outra opção para as férias.

— Olá! — grita o vovô.

Ele é o primeiro a me alcançar quando caminho até a cozinha. Aperta meu ombro. Eu esperava conseguir buscar algo rápido para comer, me esconder no quarto e abrir a caixa do meu iPod.

Minha avó me dá um abraço.

— Quer limonada? — pergunta. — Eu trouxe na viagem.

Meu pai me dá um tapinha nas costas.

Aperto. Abraço. Tapinha.

É sempre a mesma coisa quando vejo os três juntos. Pelo menos assim eles não conseguem ver que eu chorei. Ou não reparam.

— Como foi o último dia de aula? — pergunta o vovô.

— Aprendeu alguma coisa nova hoje? — pergunta a vovó.

Minha pele está elétrica de tanta irritação. Será que não posso ter nem um minuto de sossego? Não quero que Lisa vá para o acampamento. Queria não ter um labrador idiota me desejando feliz aniversário, perguntando sobre meu “novo” eu. E não suporto a ideia de ir para Houston, aonde a diversão vai para morrer. Sou uma mistura de raiva e tristeza. Nenhum investigador conseguiria lidar com todas as perguntas que borbulham dentro de mim, por mais esperto que fosse.

— Eu já volto — digo.

Não, não vou voltar. Vou me trancar até vocês me obrigarem a sair.

Talvez este seja outro sinal de estar enlouquecendo, mas escrevo melhor dentro do armário, que é aonde vou para escrever outra carta.

Caro Atticus,

Aqui estou eu escrevendo para você outra vez. Não me pergunte por que, mas senti que precisava fazer isso. Além do mais, tenho um iPod novo (você não sabe o que é isso, mas, pode confiar em mim, é muito legal) e três cadernos e estou com vontade de usá-los até o fim. Não tinha certeza de como começar esta carta. Pensei em escrever *Caro Sr. Finch*, para ser mais respeitosa. Sei que seus filhos chamavam você pelo primeiro nome, em vez de pai ou papai. Isso me surpreendeu na primeira vez em que li o seu livro. Meu pai (Tom Nelson) me disse que era porque você estava tentando ensinar Scout e Jem a respeitar os mais velhos. Acho que isso devia valer na sua época, mas tem uma menina na minha turma que chama a mãe de Lori quando ela não responde ao ser chamada de mãe. Descobrimos que isso desperta a atenção de um adulto quando ele está falando ao telefone e ignorando você. É assim que ela fala: “Com licença, *Lori*.” Não acho que essa seja a intenção dos seus filhos quando o chamam de Atticus. Você parece dar atenção a eles. Além disso, parece que Harper Lee, a autora, gostava de dar nomes e sobrenomes aos bichos de estimação da história. Sei disso porque os circulei no meu exemplar. Tem um cachorro maluco chamado Tim Johnson, a gata chamada Rose Aylmer e a cadela do xerife, Ann Taylor. Nunca pensei em dar sobrenomes a bichos de estimação. Talvez seja assim no Alabama.

Como você sabe, meu professor de inglês, o Sr. Wistler, pediu à nossa turma que cada um escrevesse para seu personagem favorito. Você é o meu. Cheguei a pensar em outros, como Boo Radley, mas, por várias razões, as pessoas que lerem esta carta poderiam revirar os olhos e dizer: “Sabia que essa menina ia escrever para um personagem bem esquisito, e não para alguém normal.” Então vou guardar comigo as perguntas para Boo. Além disso, pensei por um bom tempo em escrever para Scout. Isso é verdade mesmo. A questão é que eu gostaria de ser Scout, porque ela às vezes é durona, mas ainda consegue ser feminina. Tem horas em que penso nas coisas que ela consegue fazer e me pergunto se eu faria as mesmas

escolhas. Mas percebi que, se escrevesse para Scout, tudo o que eu dissesse levaria a: Atticus, queria que você fosse meu pai. Você é o único que eu consegui imaginar lendo minha carta sem rir de mim. Eu o imagino sentado na sua varanda com este papel nas mãos, lendo a carta inteira antes de responder qualquer coisa. Será que isso é estranho? Talvez seja, mas estaria mentindo se dissesse que nunca tive uma conversa imaginária antes. Tenho doze anos, só pra você saber.

Se você pudesse me responder, eu gostaria de perguntar: é difícil ser pai sem ter uma esposa? Com você não parece muito difícil, talvez porque, no momento em que sua história é contada, seus filhos já estão na escola e você tem uma empregada bacana, Calpúrnia. Amo esse nome. Se um dia eu tiver uma gata, vou chamá-la de Calpúrnia. Talvez use Finch como sobrenome. Calpúrnia Finch.

Também gostaria de saber como você ficou tão educado. Como consegue ser tão paciente e gentil? Acho que o que mais gosto em você é que, se fosse meu pai, seria o mesmo praticamente todos os dias. Se dissesse que ia trazer espaguete para o jantar, você traria. Se dissesse que ia me ensinar um jogo de cartas, me explicaria as regras com uma voz calma e firme. E tenho certeza de que não teria nenhum problema em me deixar em casa durante o verão enquanto estivesse no trabalho. Como conseguiu se tornar tão confiável? Isso veio dos seus pais? Sabe, se um dia me conhecer, vai ver que penso muito sobre essas coisas. Eu me pergunto, por exemplo, quanto da minha mãe e quanto do meu pai há dentro de mim. Você se acha mais parecido com um do que com o outro? Se disser que sim, ainda tenho alguma esperança. Vou guardar essa história para a próxima carta. Como muita gente gosta de dizer, isso já é informação demais.

Um abraço,
Sarah Nelson

capítulo 11

Minha avó bate na porta do meu quarto. Saio do armário rápido como uma bala.

— Sarah, onde você quer jantar?

— Já vou sair.

Não. Não vou sair nem agora nem nunca. Vou pular pela janela e fugir. Vocês vão ter que encontrar um lugar para jantar sozinhos.

— Estou ansiosa para conversar sobre os planos para o verão com você — diz ela. — Podemos ir ao Chuck E. Cheese!

— Está bem — respondo.

É todo o entusiasmo que consigo reunir.

Chuck E. Cheese e eu não nos damos bem.

A última vez que fui lá, não sei se você lembra, foi no ano daquela péssima comemoração de aniversário, da casa de bonecas para criancinhas e da bebida derramada, que era praticamente só uísque. Isso foi antes de o uísque passar a ser disfarçado com refrigerante.

Eu disse que não ia falar sobre isso, mas aqui estou com um cartão da Jane, também conhecida como minha mãe. Este aniversário está começando a se parecer com aquele.

Ao menos minha mãe lembrou. Não ganhei nada do meu pai.

Quando fiz oito anos, ele me deu dois bichos de pelúcia, um colar com pingente, vários livros, um kit de maquiagem infantil, chinelos com estampa de oncinha cor-de-rosa, uma garrafa de água com minhas iniciais, um diário amarelo e a casinha de boneca para criancinhas.

Era rosa, claro.

Cada aposento tinha uma luzinha no teto, e você podia acendê-los e apagá-las separadamente. Havia até retratos de rostos felizes nas paredes, que, imagino, deviam representar os membros da família das bonecas.

O cartão de aniversário da minha mãe estava no chão ao meu lado.

— Por que eu só ganho um cartão? — perguntei. — Por que não ganho mais nada dela?

— Não sei, Sarah — respondeu o meu pai, o rosto ainda grudado à tevê.

— Talvez porque a gente se mude demais, e ela não tenha nosso endereço novo.

— Eu dei a ela. Ela sabe.

— Podemos telefonar para ela agora mesmo e perguntar? Talvez tenha mais alguma coisa.

— Vou perguntar na próxima vez, mas acho que não tem mais nada.

— Você acha que o cérebro dela algum dia vai ficar bom?

— Não sei.

— Eu queria saber como ela era quando tinha oito anos.

— Foi mais ou menos nessa época que a mãe dela morreu. Ela foi morar com o pai, no sul do Texas.

— Então somos parecidas?

— Bem, sim. Talvez.

— Eu queria fazer um desenho para ela. Do que ela gosta?

— Não sei. Ela vai gostar de qualquer coisa que você desenhar.

— Você não quer me dizer.

— Sarah, na verdade eu não...

O copo de vidro grosso escorregou de seus dedos e se estilhaçou no chão de azulejos. Vidro e gelo por todo lado. Não sei se caiu ou se foi jogado.

Sentei em meu ninho de papel de presente e tentei virar uma coisa rosa invisível.

— Sinto muito, querida. Não sei como o copo escorregou assim...

Ele não conseguiu terminar a frase; tentava não chorar.

Havia um tiroteio na tevê. Era estranhamente reconfortante. Os mocinhos estavam ganhando.

— Desculpa se deixei você chateado.

— Você não me deixa chateado, Sarah — disse ele. — Você é minha menina curiosa.

Eu o ajudei a limpar o vidro e as pedras de gelo. Dei uma cheirada para ver qual era a daquele uísque. Era meio parecido com xarope para tosse.

Naquele dia, tentei parar de ser uma menina curiosa em público. Me tornei uma curiosa solitária. Remexia nas coisas do meu pai quando ele saía ou à noite.

Foi quando vi a caixa de sapatos.

Estava na prateleira de cima, escondida no canto mais fundo do armário. Quando eu a abri, encontrei o que os detetives chamariam de um indício interessante.

Querida Jane,

Sei que conversamos um pouco ao telefone e por e-mails, mas nunca ouço você rir. Queria saber o que faz você rir. O que a faz rir? Ah, que carta horrível esta. Veja quantas vezes escrevi a palavra “rir”. Bem, não me importo em admitir AQUI porque ninguém nunca lê as cartas que não envio, mas eu estive bebendo. Sim, é verdade. A minha mãe fez o possível para que eu parasse, e funcionou até certo ponto. Bem, na verdade fiz isso por Sarah. Mas às vezes a bebida é a única coisa que me faz dormir. Sou fraco. Sou um homem muito, muito fraco.

A carta terminava sem despedida ou final, sem “Beijos, Tom”, nem nada assim. Talvez ele tivesse caído no sono.

Sabe, isso é o que acontece quando só se recebe dois cartões por ano de uma pessoa que você não entende. Alguém acaba derramando uma bebida, ou chorando, ou as duas coisas, e você não chega a lugar nenhum.

capítulo 12

Eu me pergunto se eles perceberiam se eu sumisse.

— *Aonde ela foi?*

— *Não sei.*

— *Vamos tomar outro drinque.*

Como não posso desaparecer completamente, empurro a tela da janela, pulo para fora e coloco a tela de volta no lugar como uma criminosa. Sei bem como encobrir meus rastros. Então subo no toco de árvore do nosso jardim. O toco tem menos de um metro, mas pelo menos não estou no chão. Você pode até achar que as coisas não parecem diferentes dessa altura, mas não é verdade. Eu adoraria ser desse tamanho na vida real. Isso me daria a vantagem de ver as coisas se aproximando antes de chegarem perto demais.

Na melhor das hipóteses, vou apenas esperar o tempo passar até que chegue a última semana boa em Houston. Vou admirar os brincos da minha avó e tentar convencê-la a me deixar furar as orelhas no momento em que ela estiver começando a gostar de mim outra vez.

Olho de volta para nossa casa. O nariz da minha avó está colado ao vidro da janela. Viro o rosto, mas ainda posso sentir seu olhar. Eu apostaria dez dólares que eles estão tendo a mesma conversa que tiveram na última vez em que meus avós vieram a Garland.

— *Esse toco de árvore é um horror, Tom. Por que você não se livra dele?*

— *Isso é responsabilidade dos proprietários. Além do mais, ela gosta de subir ali em cima.*

— *Quer dizer que ela já fez isso antes?*

— *Qual o problema?*

— *É esquisito.*

Eu odiaria se eles arrancassem o meu toco.

Mesmo assim, tento imaginar como minha avó vê a cena. Ficar de pé em

cima de um toco de árvore sem qualquer razão com certeza entra na sua categoria de “coisas que merecem uma careta de reprovação”. Coisas que merecem uma careta de reprovação são uma grande parte da vida da minha avó.

Talvez eu devesse pedir que tirassem uma foto um dia, para ver se pareço uma idiota completa. Mesmo que seja o caso, estou fazendo um grande esforço para não me importar. Só tenho doze anos há uns dez minutos, mas de uma coisa eu sei: sou diferente do restante da família, e isso deixa todos nervosos. Talvez eles também estejam à espera dos sinais de loucura.

Pulo do toco e volto para casa pela porta. Faço um esforço extra para dizer alguma coisa simpática à minha avó, para reverter as coisas a meu favor. Isso deve aumentar minhas chances de conseguir furar as orelhas. Olho para baixo e vejo minhas roupas.

— Bem, eu não posso ir a nenhum lugar decente vestida *desse jeito*. — Percebo a expressão de satisfação no rosto dela, que está pensando: “É como se Sarah tivesse lido meus pensamentos!” — Vou trocar de roupa.

Sinto o sorriso de felicidade dela às minhas costas enquanto sigo pelo corredor até meu quarto. Agora que tenho doze anos, me pergunto como deveria decorá-lo. A verdade é que ele também não combinava comigo quando eu tinha onze anos. Ainda é uma vergonha absoluta para mim, e é por isso que nunca trago amigos para casa, à exceção de Lisa, e quando isso acontece tudo o que ela faz é dizer: “Vamos pedir para o seu pai nos levar ao shopping.”

Se quer saber, meu quarto parece vômito de Pepto-Bismol. Nada escapou. Paredes rosa. Tapete rosa. Colcha rosa. Abajur rosa. Meu pai acha que é isso o que uma menina quer. Eu quase disse como era horrível quando ele abriu a porta há mais ou menos dois anos para me mostrar meu quarto novo, mas então ele me deu meu primeiro celular.

Também rosa.

O que eu podia fazer?

O armário é o único lugar no meu quarto esquisito que parece comigo. Pequeno e reservado. É de uma cor clarinha, que muda dependendo da hora do dia e da luz que entra pela janela. Quando sento dentro do meu armário, imagino que estou observando a menina que morava aqui antes. Na minha cabeça, ela é uma garota loira e feliz, que lê e faz pulseiras de contas com os nomes das amigas. É uma menina que gosta de rosa.

Tenho também uma grande caixa preta no fundo do armário.

Outra garota poderia achar que está cheia de lixo, mas, para mim, está cheia de recordações. Cada vez que nos mudamos, tenho que repensar o que é importante, o que vai caber na caixa. Algumas coisas precisam ser jogadas fora, e o restante tenho que guardar na minha cabeça. Eu guardo o canhoto do ingresso do primeiro filme a que assisti com meu pai no cinema, *O Expresso Polar*. Um postal da minha tia Mariah, com uma foto gigante da costa do Texas na frente. A foto de um filhote de beagle que cortei de uma revista, o tipo de cachorro para o qual você sabe que pode contar todos os seus segredos. Uma tampinha de garrafa que o vovô me deu — na verdade, fingiu tirar da minha orelha. Às vezes guardo meu diário falso nessa caixa, porque é o lugar mais óbvio.

E, é claro, também guardo os cartões dela. Uma pilha pequena amarrada com uma fita preta.

Se esse fosse o armário do papai, todos os cartões estariam enfiados nos buracos nas paredes. Os buracos são do tamanho exato de um punho. Da última vez que contei, havia três.

Dou uma olhada nas minhas roupas e pego uma camisa branca e uma calça capri. Penteio o cabelo para trás das orelhas e coloco a minha faixa de *strass* nova. Minha avó com certeza vai perceber as minhas orelhas. Elas praticamente gritam sua nudez.

Meu pai e meus avós estão sentados em um reservado semicircular cor de pêssego no La Norte Tex Mex, e eu estou apertada no meio. É a minha mesa favorita, no meu restaurante preferido. Os funcionários daqui deixam os piscapiscas de Natal pendurados o ano inteiro e tem silhuetas esquisitas de gatos, porcos e pássaros de madeira nas paredes. Minha avó diz que isso é além da conta, e eu sempre me pergunto: *De que conta?* É difícil se aborrecer em um lugar com tantas cores. E mais: eles servem tortilhas e *salsa* grátis assim que você se senta. Seria possível comer só isso e sair correndo sem pagar, mas a gente nunca faz isso.

A garçonete traz as bebidas e anota os pedidos. *Enchiladas* com *sour cream* e o dobro de arroz, sem feijão, muito obrigada.

— E então, Sarah — começa o papai. Lá vem. Lá vem a ideia de alguém sobre o que seria um verão divertido para Sarah Nelson. Não posso esquecer que meu pai não está acostumado a se divertir e não liga se os outros estão desesperados por felicidade, que é minha frase favorita de *O valente libertino*.

Tem sempre alguém desesperado por alguma coisa naquele livro. — Você se lembra da Charlotte Reynolds? Ela está em casa, de férias da faculdade, e pediu que você ligasse para ela.

É claro que me lembro da Charlotte. Eu *amo* Charlotte. Ela foi a primeira garota a me dizer que as unhas dos pés sempre devem estar pintadas, mesmo no inverno. Além disso, no ano passado, ela me deu uma pilha de quase um metro de altura de revistas e livros. Do tipo que eu nunca pediria que o meu pai comprasse para mim.

E os livros que Charlotte me deu eram os melhores. Brochuras com as beiradas gastas, várias páginas com orelhas e trechos destacados em marca-texto amarelo. Eram suas histórias favoritas no ensino médio, disse ela, me pedindo para ler primeiro *O sol é para todos*, o que, é claro, eu fiz. Era a segunda vez que eu lia esse livro.

A outra coisa maravilhosa em relação a Charlotte é que ela tem um irmão que é entregador de pizza. Isso é realmente um bônus quando seu pai se esquece de comprar comida. Os dois moram em frente à nossa casa quando não estão na faculdade. Quando ela veio no Natal, passamos uma tarde inteira lendo, com uma caixa de pizza fria na mesinha de centro para a gente beliscar quando quisesse.

— Claro que me lembro da Charlotte — respondo, me perguntando como eu ainda não tinha percebido que ela estava em casa e se ela havia trocado de carro.

— Nós conversamos, e ela quer muito encontrar você neste verão.

Me encontrar onde, exatamente? Ela vai estar em Houston?

— Que legal!

— Charlotte vai ter que estudar bastante no verão, então vai passar muito tempo em casa — diz ele. — Bem, então eu perguntei se ela não se importaria se você ficasse com ela durante o dia. Você sabe, até eu chegar do trabalho.

Isso é inacreditável! Não vou ter que ir para a casa dos meus avós. Ganhei um indulto, coisa que só vi acontecer nos filmes.

indulto *s.m.* suspensão ou livramento de pena

Sinto meu corpo relaxar. É como se eu tivesse prendido a respiração por uma semana e alguém dissesse finalmente: *Tudo bem, pode soltar.*

Em casa, eu me permito sonhar acordada com as férias. Dentro de alguns poucos

diazinhos, vou poder passar um tempo com Charlotte, planejar como fazer as coisas que quero. Estou quase pronta para escrever sobre esses novos acontecimentos no meu diário de verdade quando papai bate na minha porta.

— Então estamos combinados?

— Claro — digo.

Ele me abraça, e eu deixo. Já estou grande demais para os abraços demorados que o papai gosta de me dar. Mas como posso evitá-lo agora? Eu o abraço também, ainda mais apertado, e juro que sinto os cantos da boca dele se erguerem. Os meus fazem a mesma coisa. Quando ele se afasta, me passa a bola de golfe com a carinha triste e fecha meus dedos em volta dela.

— Posso entrar? — pergunta a vovó.

Ela vai entrando antes que a gente consiga dizer qualquer coisa, senta na minha cama e me dá uma bolsinha roxa de presente.

— Feliz aniversário — diz. — Parece que você já precisa usar isso e, mesmo que ainda não precise, pode começar a treinar.

Eu abro, e é um sutiã. É rosa, claro. E horroroso.

— Exatamente como eu pensei — continua ela.

Não só ela está segurando o sutiã na frente do meu peito, como também fazendo isso diante do meu pai. Estou prestes a entrar em desespero e nunca mais mostrar a cara na rua outra vez. Quando olho para o papai, vejo que ele está virado para a cômoda.

Os dois saem do meu quarto, e olho para o caderno pautado verde ali, à mostra, com o envelope da minha mãe do lado. Por que deixei aquilo exposto?

Depois que meu pai e minha vó se vão, eu escondo tudo. O caderno. O envelope. O sutiã rosa novo. A próxima família que alugar esta casa vai encontrar tudo isso em um lugar estranho e se perguntar que tipo de família esquisita morou aqui.

Eu mesma me pergunto.

capítulo 13

A perfeição da Charlotte faz nosso sofá furreca parecer superfurreca.

Ela senta com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos e as mãos no colo em cima da saia branca rodada, parecendo calma e elegante. Há algo impecável e diferente em Charlotte. Claro, ela tem vinte anos, e é de se esperar que uma pessoa tenha alcançado a perfeição nessa idade. Em comparação comigo, ela foi comprada em uma loja, e eu, feita em casa. Sempre que ficava nervosa na escola no ano passado, eu perguntava a mim mesma “Como Charlotte agiria?” e fazia o que viesse à cabeça, que normalmente era fingir não me importar.

Pode ter certeza de que foram os melhores conselhos que eu já dei a mim mesma.

— Oi — cumprimento.

— Então, preciso ir ao mercado — diz ela. — Quer vir?

Entendeu o que eu quis dizer? Fazia meses que eu não a via, mas já estamos indo fazer compras como duas melhores amigas.

Dou uma olhada para meu pai, que diz:

— É claro. Divirtam-se, garotas.

— Vou trazer aquele biscoito para você.

— O saco grande, por favor. Tenho muitos trabalhos para corrigir.

Então ele pisca para mim. Sempre que tem uma pilha grande de trabalhos para corrigir, meu pai gosta de ter um saco de biscoitos ao lado. Ele diz que assim fica mais fácil ler os trabalhos ruins, mas eu acho que é só uma desculpa para comer salgadinhos.

Atravesso a rua saltitando e entro no carro da Charlotte, que é tão baixo e perto do chão quanto dá para ser sem realmente encostar na rua. Ela aumenta o volume do rádio e abre os vidros. É bem do jeito que eu gosto.

Eu observo o perfil dela enquanto dirige com confiança, como farei um dia em breve. Mesmo olhando apenas um lado de seu rosto, dá para ver como

Charlotte é bonita. Ela tem as qualidades que as revistas dizem definir um belo rosto. Pele lisa, olhos verdes e um lindo sorriso valorizado por um brilho labial rosa que nunca suja seus dentes. Para mim, ela é o tipo de garota que um fazendeiro bonitão avistaria do outro lado de uma plantação e, só de vê-la, já iria querer se casar. Bem, talvez eu tenha visto filmes de faroeste demais, mas juro que ela é assim. Ela também não me faz um zilhão de perguntas, o que é um ponto realmente positivo.

Quando paramos em um sinal vermelho, ela diz:

— Eu nem sei onde comprar salgadinhos de cebola.

— Às vezes a gente vai à loja de 1,99.

— Eu não vou à loja de 1,99.

Charlotte é sofisticada. Eu não devia ter mencionado isso. Sou uma idiota. Adoro a loja de 1,99 porque não acaba com a minha mesada e você sempre encontra alguma coisa que nunca imaginou, como um porta-moedas feito de meia.

— Tenho que preparar dois guisados de forno hoje e preciso da sua ajuda.

Isso é outra coisa que adoro em Charlotte. Ela não se pergunta se eu posso ajudar. Ela simplesmente pressupõe que eu possa.

— Quem morreu? — pergunto.

— O quê? Ninguém morreu.

— Achava que esse era o prato oficial de quando alguém morre ou alguma coisa ruim acontece.

— Acontece que também é o prato oficial de rapazes famintos. Ou pelo menos do garoto que eu amo.

Amo?

Isso é novidade com N maiúsculo. Tenho um milhão de perguntas, porque eu nunca amei ninguém, ainda. Assim que Jimmy Leighton prestar atenção em mim, vai acontecer imediatamente. Mas preciso saber várias coisas. Será que há um momento entre você conhecer alguém e estar tudo normal e ele apanhar o livro que você deixou cair da mochila e, *bum*, cinco minutos depois você está apaixonada? E quando você sabe que deve começar a se aproximar para um beijo, como as pessoas fazem nos filmes? Quem deve virar a cabeça de lado para que os narizes não batam um no outro?

Meus pensamentos estão berrando na minha cabeça agora, por isso finjo que está tudo bem e digo apenas:

— Ah, que legal!

— Você já gosta de garotos? — pergunta Charlotte. — Ou está naquela idade em que ainda acha os garotos fedorentos e idiotas?

— Depende da idade deles, acho — respondo. — Mas a maioria dos meninos que eu conheço são simplesmente estranhos.

Menos Jimmy Leighton, que é estranho de um jeito bom.

A verdade é que presto, sim, atenção nos garotos e tenho curiosidade sobre o que eles pensam, como são seus quartos e, claro, a parte do beijo. Sei as coisas básicas sobre eles: são loucos para ver até mesmo o menor pedacinho da calcinha de uma garota; quando entram no ônibus, falam alto; arrumam confusão por coisas idiotas, como escrever *Você pinta como eu pinto* no quadro-negro; e, quando andam de skate perto da minha casa, parecem muito destemidos. Às vezes eu me pergunto se Simon seria como eles. Ele seria skatista, isso com certeza.

— Bem, um dia você vai aprender tudo sobre isso — diz ela. — Por enquanto, pode acreditar em mim. É extraordinário.

Charlotte é o tipo de pessoa que pode usar a palavra *extraordinário* com toda naturalidade. A maioria guarda essa palavra para descrever uma tempestade muito forte ou um quadro em um museu, mas não, ela pode falar isso em um dia quente em Garland. Deixo os músculos da minha boca formarem a palavra em silêncio. Experimento para ver se ela se encaixa. *Nossa, esses salgadinhos estão extraordinários!*

Não, parece estranho. Vou ter que esperar o amor para falar como Charlotte.

— Você não quer saber tudo sobre ele?

— *Você* sabe tudo sobre ele? — pergunto.

— Sei várias coisas sobre ele — responde ela. — As coisas importantes.

Quero que ela escreva uma lista para mim agora mesmo. Ponho as mãos embaixo das minhas pernas e enfio as unhas no banco do carro para não falar mais nenhuma besteira.

— Ele trabalha na Wilson's Western Wear do shopping e gosta de guisado à King Ranch, que será nossa missão especial de hoje. Vamos descobrir como fazer essa receita.

Bem, é por isso que amo Charlotte. Nós duas sabemos que a ocupação e os pratos favoritos são dados importantes para se saber sobre uma pessoa. De repente, eu me vejo pensando sobre o cara do guisado à King Ranch e como ele também deve achar Charlotte extraordinária, e o que isso pode significar para o meu radiante verão sem avós. Enquanto estou entretida com meus pensamentos,

chegamos ao mercado.

Charlotte sai do carro e está três passos à minha frente antes que eu perceba. Corro para alcançá-la, e um dos meus chinelos sai do pé no meio do estacionamento. Sinto os olhos dela me observando e faço o possível para agir com naturalidade. Entro atrás dela no mercado e penso em como Charlotte poderia me ajudar a convencer o papai a me deixar furar as orelhas. Elas já deveriam estar furadas antes de eu dar um beijo de verdade em um garoto.

Durante o ano letivo, Lisa e eu demos uma festa e chamamos garotos. Tivemos que fazer tudo em segredo. Se tivéssemos contado à mãe dela: “Ei, vamos fazer uma festa com garotos”, bem, isso teria acabado com nossas festas para o resto da vida. Éramos três garotas e três garotos na casa. A mãe dela fez pipoca e pediu pizzas. Todo mundo ficava lá dentro por algum tempo ou saía para dar umas voltas. O lado de fora parecia estar a um quilômetro da mãe de Lisa. Eu a imaginava pensando: *Ah, as crianças só estão pegando um pouco de ar fresco, vendo as estrelas. Não estão fazendo nada de mais.*

Ou talvez a mãe dela nem ligasse para o que a gente estava fazendo lá fora. Ou talvez ela já tivesse tido onze anos antes e se lembrasse da sensação de nunca ter sido beijada. Foi aí que surgiu a história do pacto do beijo. Lisa e sua ideia brilhante.

Por muito tempo, um beijo me parecia ser apenas duas partes do corpo se tocando, e qual seria a diferença se fossem os nós dos dedos ou os joelhos? Roubamos alguns livros de romance que a mãe da Lisa guardava debaixo da cama e descobrimos que beijar podia ser muito mais que isso, apesar de eu precisar procurar no dicionário e no Google para descobrir a explicação de várias coisas. Se você acredita em romances baratos, é uma sensação estranha que faz uma pessoa querer beijar a outra.

Nesses romances, a pessoa normalmente tem essa sensação quando está chovendo ou quando vê um homem sem camisa se escondendo atrás das cortinas do seu quarto. E, por alguma razão que Lisa e eu nunca entendemos, a mulher não fica com medo do estranho. Se fosse eu, ligaria para a polícia na mesma hora.

Qual é a emergência? Tem um estranho no meu quarto! Socorro!

Não sei muita coisa sobre muita coisa, mas sei que a definição do dicionário deixa de fora algo importante, que é aquilo que você sente, mas não consegue descrever. Um dia vou ter coragem de perguntar à mãe da Lisa sobre aqueles

livros.

Lisa convidou Renee para nossa festa. Renee é a mais bonita de nós três. Tem cabelos louros dignos de comercial de xampu, que deixam todo mundo com inveja.

Convidou também Jimmy Leighton. Ele ficou tímido e calado, e foi então que eu comecei a gostar dele. David Waters e Steven Ng também foram, mas são dois exibidos. Andam de skate por Garland inteira e fazem questão de contar isso para todo mundo. E desconfio de que foi David quem começou a chamar Jimmy de gay. Vou descrever o que acho dele: ele é um nada!

Mas Steven Ng é um dos garotos mais fofos do mundo. O cabelo dele é perfeito e, quando ele sorri, o rosto inteiro é pura felicidade.

Então estávamos na festa, os garotos devorando a pizza, e nós sentadas juntas vendo *Alma Perdida*. Prestei atenção para ver se Jimmy se assustava nas partes mais assustadoras, mas não. Depois, todos nós fomos para fora e, você não vai acreditar, Steven e David pegaram seus skates e começaram a repetir frases idiotas do filme. Lisa e Renee acharam aquilo *hi-lário*. Isso me deixou meio que sozinha com Jimmy. Ele ficou chutando uma pedrinha pela calçada e eu me sentei no meio-fio.

Lisa me fez mil perguntas depois que os garotos foram embora. Ela achou que talvez Jimmy Leighton estivesse citando falas de outros filmes para mim. Lisa sempre espera que alguém saia da tela do cinema e fale com ela como o Hugh Grant fala com a Julia Roberts. Isso seria o máximo. Mas não, Jimmy Leighton não me disse uma palavra sequer a noite inteira.

Ficamos lamentando nossa situação, porque foi Renee quem beijou Steven Ng. Na verdade, não vimos acontecer, mas, quando ela entrou depois de dar mais uma voltinha na rua, estava toda vermelha. Ela disse que beijou Steven primeiro. Aí ele ficou parado por um segundo e depois saiu andando de skate dizendo: “OK, a gente se vê.”

Foi por isso que Lisa decidiu fazer o pacto do beijo de língua. Ela quer ficar com a mesma expressão que Renee tinha. Tentei argumentar que Renee parece feliz o tempo *todo*, mas não, ela não acreditou em mim. Disse que uma luz tinha se acendido nos olhos dela, como se um interruptor se ligasse quando você é beijada. Vou ter que perguntar a Charlotte se é isso que acontece.

capítulo 14

Pelo que estou percebendo, uma receita é um código secreto feito de medidas. E pelo modo como Charlotte está analisando a do guisado à King Ranch, parece até que ela está estudando para uma prova. Como se o Cara do Guisado não vá achar que ela o ama se o prato não tiver exatamente uma xícara e meia de queijo ralado e um quarto de colher de chá de chilli em pó, muito obrigada. E talvez isso seja verdade. E, como ela estava estudando até agora, resolvo ajudar e organizo os ingredientes na bancada em ordem alfabética.

Arroz, caldo, frango, queijo, sopa, temperos, tortilhas.

— Está bem, precisamos de uma assadeira de trinta por quarenta centímetros.

Ela abre e fecha as portas dos armários à procura do que precisa. A mãe da Charlotte está fazendo um cruzeiro esta semana, por isso temos o luxo da casa inteira só para nós, sem contar o irmão dela. Charlotte diz que ele não vai ficar muito por aqui porque está na escola e ocupado com a carreira no ramo de entrega de pizzas.

Gosto de como a cozinha dela é mais ajeitada do que a nossa. As bancadas são amarelo-claras, assim como os azulejos nas paredes atrás delas. Os armários não são só de madeira; têm vidros no meio, o que faz parecer que você está olhando para pequenas casinhas onde os pratos moram. Apesar de a casa ter uma planta mais ou menos como a nossa, parece maior. Os painéis de madeira da sala, por exemplo, foram pintados de um tom bonito de azul-celeste.

Na nossa casa, ainda temos os painéis marrom-escuros originais. É como viver em um barril. Se ficarmos em Garland, vou tentar juntar coragem e conversar com o meu pai sobre pintarmos a casa. Podíamos pintar os nossos painéis de azul também. Talvez começar pela sala, seguir pelo corredor e acabar com aquela desgraça rosa que é o meu quarto.

— Primeiro, vamos escaldar o frango — diz Charlotte.

— Parece devasso.

Ela revira os olhos.

— O quê?

— *Escaldar*. Parece devasso.

— De onde você tira essas ideias?

— A maioria vem de vários filmes que eu não deveria ver — falo. — Há muitas palavras assim na alta literatura. Eu li os livros que meu pai passa para os alunos, e eles têm muitas palavras incomuns e cenas de amor, o que, se você me perguntar, fica mais impactante quando está em um livro. Deixa sua imaginação bem animada.

Charlotte pergunta se meu pai está namorando alguém. *Namorar* é uma palavra-problema. Ele raramente passa de dois encontros.

— Ninguém fez um guisado para ele ainda, se é isso o que você quer saber — digo a ela, me perguntando se um dia haverá uma mulher preparando comida para meu pai e, se houver, se eu vou ter que comer, porque o tal guisado de forno à King Ranch não está com cara de que vai ficar muito gostoso.

A última mulher durou mais do que as outras que conheci. Demorou alguns meses até ela descobrir quem nós éramos. Claro, não sei todos os detalhes, porque o nome dela é uma palavra-problema e “*Sarah, isso não é da sua conta*”.

Bem, ela *era* da minha conta enquanto estava toda feliz e contente vendo filmes na nossa casa. Então ela mandou um e-mail para o meu pai dizendo que não queria mais vê-lo. Eu sei. Eu li.

Tom,

Não queria ter que escrever isso num e-mail, mas não posso mais ver você. Espero que entenda. É que eu me dei conta de que não deveria estar saindo com ninguém agora.

Deirdre

A história dela podia ter colado se a gente não a tivesse visto na semana seguinte no cinema com outro homem. Claro que tive vontade de levantar e dizer: *Oi, você não deveria estar saindo com ninguém, hein?*, de tanta raiva que me deu. Eu disse para o meu pai que nunca tinha gostado dela, com aquele cabelo ruivo absurdo de farmácia que não enganava ninguém.

Vou untando as assadeiras enquanto Charlotte escalda o frango. Enquanto esperamos ele cozinhar, peço que ela veja a definição de *escaldar* no celular. É óbvio que a primeira definição tem a ver com culinária, mas a segunda tem a ver com castigo. Uma palavra assim é muito amor.

escaldar v. Cozinhar alimento em água fervente com temperos; ação de água fervente ou vapor para esterilizar instrumentos ou utensílios; impor castigo a (alguém) ou punir a si mesmo

Em seguida, ela me põe para desfiar o frango enquanto vai checar seus e-mails. Como ela demora para voltar à cozinha, decido impressioná-la cumprindo os outros passos da receita. Sou especialista em seguir instruções e, em um piscar de olhos, deixo os dois guisados prontinhos para ir ao forno ainda a tempo de lavar a louça.

Vou da cozinha até a sala de estar para dar uma espiada na casa. Nada mudou muito desde que eu estive aqui em dezembro. Só há mais fotos da mãe de Charlotte em cruzeiros diferentes.

Como em várias casas desta região, há um frigobar em um canto. A parede logo acima tem sempre um espelho com quatro prateleiras de vidro para copos e bebidas, mas na casa de Charlotte as prateleiras estão cheias de livros, o que dá um belo toque.

Investigo quais livros eles têm que eu possa querer ler. Toco as lombadas enquanto os examino, cada um com uma história nas suas páginas. Puxo um para ler o texto da capa. Adoro fazer isso. Ler uma descrição curta do livro, que tem só a informação necessária para você saber a história.

Antes de colocá-lo de volta no lugar, vejo meu reflexo num pequeno espaço entre os volumes. Também sou um livro não lido. Estou esperando para saber o que acontecerá comigo.

A mesa da nossa cozinha balança quando você se apoia nela. Ela não é nossa, já veio com a casa, o que deve explicar muita coisa. Temos que lidar com isso enquanto comemos nosso guisado à King Ranch. Acabou que fizemos dois, para poder provar um deles antes e ver se estava bom. Charlotte quer saber o que um adulto acha da receita, então tenho que conseguir a opinião do meu pai e contar para ela amanhã. Em troca, ela vai me deixar baixar músicas para o meu iPod novo. Ainda não contei para o meu pai sobre a tarefa que o Sr. Wistler passou e o prêmio que eu ganhei.

Mas então o Cara do Guisado vai ter que esperar mais um dia. Até lá, vou aproveitar um jantar novo, que na verdade está até mais gostoso do que eu esperava. Meu pai parece gostar também. Ele não para de balançar a cabeça.

Espero que não me pergunte sobre os biscoitos que eu deveria ter comprado mas não comprei. Caso contrário, vou ter que inventar uma mentira.

— Então — diz meu pai. Posso dizer, pelo jeito como ele estica o “ãããoooo”, que é o primeiro passo para uma pergunta que ele queria me fazer desde o começo do jantar. Ele é tão óbvio. — Você recebeu algum cartão da sua mãe?

Ele está bebendo Dr Pepper, e seus olhos estão tristes. Tenho que pensar por um minuto sobre o que posso contar, repassar a minha lista mental de palavras-problema. Conversei com Planta, e concordamos que o último cartão era diferente dos outros e devia ser jogado fora. Eu não conseguia superar o fato de que ela tinha riscado o nome e assinado *Mamãe*, como se só tivesse pensado nisso depois. Eu não queria correr o risco de o papai encontrar o cartão no lixo, então o joguei na lata de lixo da Sra. Dupree. Mas ele sabe. Ele viu o envelope na minha cômoda.

— Tinha um cachorro nele. Um cachorro sorridente.

Ele tenta investigar mais.

— Alguma coisa interessante dentro? Alguma coisa sobre...

Ele não conclui seu pensamento. Eu espero para ver se vai falar mais alguma coisa. Este pode ser um momento oportuno para soltar uma pergunta relativa à minha investigação. *Oportuno* é minha nova palavra favorita, principalmente pelo som.

oportuno *adj.* que acontece no instante certo; apropriado, propício

— Ela quer saber sobre o meu novo eu.

— Legal — diz ele após um tempo.

Depois toma um gole grande e fica olhando fixamente para o copo. Tento pensar se algo que eu disse era uma palavra-problema. Ele não recebe dois cartões por ano dela. Não depois do divórcio. Antes, trocavam e-mails de vez em quando, ou pelo menos era o que ele dizia. Nunca consegui encontrar nada. A última notícia que eu vi foi uma carta oficial do governo avisando que ela havia sido transferida para um hospital em Wichita Falls.

— Quer jogar Scrabble? — sugiro, tentando aliviar o clima.

— Acho que só uma partida. Eu tenho muitos trabalhos para corrigir.

Seu olhar ainda está distante, a mente viajando para outro lugar.

— Por que eu não faço um café e você já começa a corrigir? Prefiro sentar lá fora e ficar observando as árvores, de qualquer forma.

— É? Acho que você está querendo espionar a vizinhança.

— Bem, às vezes isso acontece quando você está observando as árvores.

Como ele sabe que sou uma espiã? Tenho que tentar para ser mais furtiva, que também é minha nova palavra preferida.

furtivo *adj.* que se faz ou ocorre disfarçadamente; dissimulado, clandestino; disfarçado, secreto, não óbvio

Ele toca meu rosto daquele seu jeito carinhoso e sorri. É bom que hoje eu tenha o tipo bom de pai. Isso compensa um monte de coisas.

— Diga a Charlotte que estava excepcional.

Eu limpo a mesa, lavo os pratos e penso em como seria se um dia eu tivesse alguém para quem preparar um guisado. Para que se dar todo esse trabalho quando você pode pedir uma pizza e não ter que limpar a cozinha depois? Mas, se eu tiver alguém especial para quem cozinhar, vou arranjar um jogo de pratos melhor. Os nossos estão todos com as bordas lascadas.

Pego Planta e nos sentamos nos degraus da varanda, olhando a noite. O sol só se põe às oito e meia, por isso o céu está de um azul-acinzentado. Arranco as ervas daninhas que nascem pelas rachaduras da calçada e desejo que já estivesse completamente escuro.

Quero dar uma volta e olhar pela janela das outras casas para ver o que as pessoas fazem à noite. Claro, Charlotte provavelmente está dizendo bobagens românticas para o Cara do Guisado. E os Dupree, bem, eles às vezes saem para passear quando fica mais escuro e fresco, então talvez eu os encontre pessoalmente. Algumas vezes, vi a Sra. Dupree parada perto da janela da cozinha e me perguntei o que eles teriam jantado. Quando joguei meu cartão de aniversário no lixo deles, percebi uma lata vazia de molho de tomate, então talvez estejam comendo espaguete esta noite.

Aí vem ela, a dor de estar sozinha. Por que faço isso, ficar aqui sentada imaginando a vida das outras pessoas?

Digo a mim mesma para calar a boca, ficar feliz, afinal você está tendo o verão que queria. Estaria ainda mais sozinha em Houston com seus avós. Dá para aturar o Cara do Guisado. Bem. A situação toda parece um pouco bizarra. Como a cama que ainda está desarrumada às duas da tarde e faz o dia todo parecer uma bagunça. Quando começo a me sentir assim, tenho vontade de ter alguém com quem conversar. Como uma mãe.

Querido Atticus,

Queria começar esta carta com um pedido de desculpas. Você sempre diz que é mais educado fazer uma pessoa falar sobre algo em que ela está interessada do que sobre algo que interesse a você. Aqui estou eu, escrevendo tudo isso, pedindo sua opinião, e não conversamos sobre seus interesses. Coisas que eu sei que você gosta:

- Você lê os jornais todo dia.
- Você é advogado.
- Chamavam você de Finch Um Tiro Só por causa da sua boa pontaria.
- Você lê toda noite.
- Você não bebe.
- Você prefere ir a pé para o trabalho.

Admiro todas essas coisas em você, Atticus. Se de algum modo pudesse vir ao meu mundo hoje, eu arranjaria todos os jornais para você, mas ia ter que lhe dizer que a maior parte das notícias está na internet, que é uma janela para o mundo na tela de um computador. Com ela você pode ler notícias sobre todo o planeta. Eu imagino que você ainda ia preferir ter o jornal de verdade nas mãos. Sou assim também. Minha melhor amiga, Lisa, acabou de ganhar um novo tablet, que é um substituto eletrônico e fino para os livros, do tamanho de um prato de sobremesa. Você não ia gostar.

Além disso, eu adoraria caminhar com você. Eu mostraria nossa cidade, apesar de ela não ser nada de mais. As casas na vizinhança não têm varanda. Ou pelo menos não do tipo que vocês têm em Maycomb, onde dá para ficar só ouvindo as conversas dos outros nas varandas nos fundos, como sua irmã faz. (Acho que eu faria a mesma coisa se pudesse.) Aqui, as varandas são uns pedacinhos quadrados de concreto que só servem para os entregadores deixarem as encomendas ou para trocar um beijo de boa-noite. Não foram feitas para se ter uma conversa longa ou para abrir uma

cama de armar e dormir, embora eu queira experimentar isso uma noite dessas só para testar. Você provavelmente gostaria mais do centro da cidade, que tem uma praça, lojinhas, uma fonte e um monte de bancos nos quais ninguém realmente senta. Não tenho certeza do que mais há de interessante em Garland que eu poderia lhe mostrar. Preciso descobrir. Deve haver alguma coisa. Meu pai mesmo trabalha em uma faculdade da região que fica longe demais para ir a pé. Ele falaria mais comigo se caminhássemos juntos para algum lugar, não acha? Ele lê muito, mas também bebe até desmaiar, então isso meio que anula a parte boa.

Abraços,
Sarah Nelson

capítulo 15

Aqui estou eu, na porta da casa da Charlotte, esperando que ela atenda a campainha. Vamos ter um dia menininha hoje, pintando as unhas, vendo filmes e comendo pipoca. Aí eu vou dar a ela vinte dólares do dinheiro que ganhei de aniversário, e ela vai me ajudar a botar mais músicas no meu iPod novo. Adoro este dia. Vou fingir que somos irmãs. Gosto de pensar que ninguém conhece uma pessoa melhor do que a sua irmã. E, no fim das contas, há pouca gente na frente de quem você gostaria de pintar suas unhas do pé.

A porta de tela range e abre, e um cara de calças de flanela e camiseta verde aparece.

— Hum, a Charlotte está? — pergunto.

— Pode entrar. — Ele sorri e passa a mão pelo cabelo castanho-claro. — Ela já vem em um segundo.

Tenho quase certeza de que esse é o irmão entregador de pizza, mas eu mal o reconheço porque no verão passado ele estava sempre usando um boné com um *pepperoni* gigante na frente.

Ele é mais ou menos um ano mais novo que Charlotte, então deve ter dezenove agora. Tenho que virar a cabeça rápido quando percebo que o estou observando. Será que todo mundo nessa família é perfeitamente lindo? Algumas pessoas têm aquele tipo de olhos que não dá para esquecer. Os dele são assim. Se perfeito fosse uma cor, seria aquele tom de azul.

— Eu sou Finn, lembra? — diz ele, estendendo a mão para apertar a minha.
— Sarah, não é isso?

Então Charlotte aparece, ainda usando o seu roupão de banho roxo.

— Já está na sua hora? — pergunta ela.

— Nossa, Charlotte, relaxa — diz Finn.

— Cala a boca, Finn.

— Posso esperar aqui fora — falo.

— Não — diz ela. — É que eu fiquei estudando até muito, muito tarde mesmo.

Quando entro na casa, dou uma olhada discreta no espelho para conferir meu pescoço vermelho. Bati o recorde de ficar vermelha depois de tanto tempo olhando para o Finn, mas, quando alguém é tão bonito de se ver, fica difícil olhar para outra coisa.

Sigo Charlotte até a cozinha. O maravilhoso cheiro de café enche o ar. Por alguma razão o cheiro é melhor aqui. Ela se espreguiça e boceja, e então um tipo novo de sorriso surge em seu rosto.

— Bem, eu não fiquei estudando a noite toda — diz, como se respondesse à pergunta no meu rosto. — Fiquei acordada até tarde no telefone com Christopher.

— Quem?

— O cara — diz ela. — De quem eu falei para você.

O Cara do Guisado se chama Christopher.

— Ah. Quanto tempo você ficou conversando com ele?

— Uma eternidade — interrompe Finn.

Ela dá um tapa na cabeça do irmão enquanto ele se serve de uma xícara de café.

— Você não tem que ir trabalhar? — pergunta.

— Estou aqui para entretê-las — responde ele.

— Olhe só, Sarah — diz ela. — Finn é um dicionário humano. Contei a ele sobre a sua obsessão por palavras. Não vai precisar que eu pesquise mais nada para você. Diga uma palavra.

— Uma palavra?

Eu me pergunto que história é essa de obsessão por palavras e se isso é um bom sinal.

— Qualquer uma.

Eu devia dizer alguma coisa sagaz e bizarra, mas, bem, ele estaria esperando por isso. Uma palavra comum vai atrapalhá-lo, com certeza. Então escolho.

— O que acha de *eternidade*, então?

E Finn responde:

— Tempo muito longo, que não tem começo nem fim. Como em “Charlotte passou uma *eternidade* no telefone”.

— Pelo menos eu tenho uma vida e não sou uma perdedora — responde ela.

— Uhum, sei — diz Finn. — Grande resposta. Não se preocupe. Vou sair do

seu pé em uma hora.

Fico meio sem saber sobre o que duas pessoas podem ficar conversando por tanto tempo, mas por outro lado já fiquei horas conversando com Lisa no shopping sobre como algumas roupas deveriam vir em apenas determinados tamanhos e não ter nada escrito se a bunda fosse grande demais. Eu me pergunto se é sobre isso que Charlotte e o Cara do Guisado conversaram. Provavelmente não.

— Vamos pintar as unhas primeiro? — pergunta ela.

— Lembra que no ano passado pintamos uma unha de cada cor?

— É. Eu não gosto mais disso — diz ela.

Sinto meu rosto queimar.

— É. Nem eu — minto.

Ainda quero pintar cada dedo do pé de uma cor diferente. Agora só vou fazer isso no inverno, quando meus pés estiverem protegidos do ridículo.

Eu me sento no chão do quarto e organizo os vidros de esmalte de unha em fileiras, a começar pela cor mais clara, Rosa Balé, e terminando com a mais escura, Carmim Revelador. Quando acabarmos de fazer os pés, vamos calçar nossos chinelos de dedo e deixar o esmalte secar enquanto escolhemos minhas músicas. Aí a gente vai fazer sanduíches de pão de forma sem casca com manteiga de amendoim e geleia, ou talvez consiga uma pizza grátis. Charlotte vai estudar para a faculdade enquanto eu vejo um filme, faço alguma coisa para a gente beliscar e penso mais sobre o trabalho do Sr. Wistler. Claro, eu sei que não tenho que continuar a escrever para ganhar o iPod, mas sinto que deveria, então trouxe meu caderno pautado comigo. Talvez isso seja parte da minha obsessão por palavras.

Charlotte trocou o roupão por uma camisa larga e uma saia brancas e prendeu o cabelo com uma faixa azul-marinho. Ela está parecendo uma modelo de anúncio de sabonete facial. Tenho que me lembrar de espiar o banheiro mais tarde, enquanto ela estiver estudando, e anotar a marca de sabonete que ela usa.

Montamos nosso esquema de manicure em duas banquetas e começamos. Charlotte é muito legal e me deixa pintar as unhas dos pés dela primeiro. Então despreocupadamente diz:

— Me conte alguma coisa sobre você que eu não saiba.

Penso em falar a primeira que passa pela minha mente:

Recebi um cartão da minha mãe.

Vejo as palavras pairando no ar, balançando um pouco.

Charlotte acha que minha mãe morreu. Ela não sabe que tenho um irmão gêmeo, ou que deveria ter. Posso deixar essa mentira quieta, apesar de ter vontade de contar a ela, confessar, ter uma confidente que me beliscasse quando eu começasse a mostrar sinais de loucura, que dissesse para eu me concentrar em pensamentos normais, como acessórios e guisados.

Quando enfio o pincel no vidro de esmalte, resolvo manter minha mãe morta. Sei que Charlotte seria uma boa amiga em relação a essa história toda, mas não posso arriscar que ela olhe para mim do jeito triste que as pessoas sempre fazem antes de dizerem adeus.

— Fumei um monte de cigarros este ano — minto. — E estou quase dando meu primeiro beijo de língua.

Não conto sobre a aposta com Lisa por enquanto. Ela ficará mais impressionada se eu tiver decidido isso por conta própria.

— E sendo beijada também, imagino — diz Charlotte, completando minha frase imaginária.

Por enquanto, só dou de ombros. A imagem da boca de outra pessoa encostando na minha surge diante de mim, embora eu não consiga ver o rosto que vem com a boca.

— O que mais eu não sei sobre você?

— Nada.

O nome do meu irmão é Simon. Só eu estou aqui, viva e contando mentiras. Minha mãe não está morta, só em isolamento. Meu pai bebe. Tenho dois diários. Converso com uma planta. Tenho medo de fazer um trabalho de árvore genealógica e estou tentando imaginar um jeito de pular o sétimo ano.

— Estou tão feliz com a chegada do verão — diz Charlotte. — É bom voltar para casa, para a minha própria cama aconchegante. Minha cama na faculdade é nojenta.

— Imagino.

— Eu nunca consigo que a minha roupa limpa fique com o mesmo cheiro de quando a minha mãe lava.

Não lembro se a minha mãe lavava minhas roupas, mas meu pai faz um trabalho decente. Eu sempre lavei as roupas brancas enquanto o papai ficava com as escuras. Não é muito divertido, a menos que o papai resolva que é dia de fazer guerra de meias. Uma guerra de meias é quando você pega duas meias, faz uma bola com elas e joga no seu adversário.

Passo uma camada brilhante de Carmim Revelador em cada unha dos pés de

Charlotte. Não é o melhor trabalho que já fiz, porque minha mão estava tremendo um pouco sob o olhar intrigado de Charlotte.

— Por favor, não conte para o meu pai o negócio dos cigarros. Ele ia me encher o saco.

Isso não é mentira. É bem verdade. O papai gosta de imaginar que estou segura sob uma redoma de vidro, longe de garotos e cigarros. Se ele soubesse o que as crianças falam no ônibus, eu teria um chofer particular para me levar para a escola, com certeza.

— Não vou contar para ninguém — diz ela, botando um dedo junto do vidro de esmalte Rosa Balé. — O que dissermos fica guardado na cripta dos segredos.

Como costuma acontecer com meu cérebro, imagino uma verdadeira cripta dos segredos. É ampla e cinzenta, e há um vigia bonito na entrada, que por acaso tem a cara de Jimmy Leighton. Ele gira a enorme tranca dourada da porta e joga um envelope com um segredo lá dentro. O vigia fecha rapidamente a porta, antes que algum outro segredo possa escapar. Quando ele se recosta na porta, ouve-se o som de mãos batendo do outro lado, segredos implorando para sair.

É isso o que eu sou. Uma cripta de segredos. Eles se agitam dentro do meu peito como pássaros engaiolados que querem fugir, mas têm medo de voar.

capítulo 16

O dia que eu tinha planejado bateu asas e voou pela janela assim que Charlotte disse que o Cara do Guisado estava chegando. Acho que li numa revista que as mulheres “abandonam” as amigas quando há um homem em sua vida. Agora sei que isso é verdade. Eu me sinto abandonada.

Espio pela janela do quarto de Charlotte e a vejo abraçá-lo na entrada da casa. Ele é tão alto que deve bater a cabeça no batente da porta. Tem cabelos muito claros e um bigodão da mesma cor e está com botas de caubói com um bordado intrincado. Quem ele acha que é para usar botas no verão?

Eles se abraçam e se beijam. Da distância em que estou, é difícil dizer se ela está sendo beijada também. Espero no banheiro até ouvir o rangido da porta de tela. Conto até dez antes de entrar na sala, no caso de ainda haver mais beijos. Mas não, isso parou, porque Finn está sentado no sofá, e tenho certeza de que deve ser estranho dar uns amassos na frente do próprio irmão.

— Este é o Finn, meu irmão mais novo — diz Charlotte.

— Eu nem sabia que você tinha um irmão — diz o Cara do Guisado.

— Bem, ele só está em casa porque minha mãe não está.

Finn lança um olhar para ela.

— Esta é Sarah, a amiga de quem eu falei.

Agora eu sei que há alguma coisa diferente nela: está muito formal. Christopher estende a mão, e eu também, e ele dá um aperto firme e seguro.

— Ela quer dar o primeiro beijo neste verão — acrescenta Charlotte.

Meu rosto fica vermelho e começa a formigar; minha boca parece seca. Onde está o vigia da cripta dos segredos agora? No horário de almoço? Charlotte está contando minhas coisas para o irmão e o namorado como se eu não estivesse ali.

Não tenho intenção de olhar para Finn, mas faço isso. Ele dá uma piscada para mim, o que faz meu rosto ficar mais vermelho ainda. Provavelmente está combinando com meus dedinhos Carmim Revelador.

— Então, o que vamos fazer hoje? — pergunta o Cara do Guisado.

Charlotte pergunta se nós não gostaríamos de dar uma volta no quarteirão antes. Bem, isso não vai ser nada bom para minhas unhas dos pés recém-pintadas, que eu tive que pintar sozinha, aliás, valeu mesmo! Já estou me sentindo menos infantil, e meus ombros mostram isso porque Christopher sacode um deles e pergunta:

— Ei, por que você fica parada de pé em cima daquele toco no seu jardim?

Todos os três olham para mim como se eu fosse uma peça de museu e houvesse um cartão aos meus pés que dissesse: *Garota que fica de pé em cima do toco*.

Eu não me importaria se um furacão atingisse Garland neste exato momento. Ele podia me pegar e levar para um lugar novo, onde eu não conhecesse ninguém e pudesse começar novamente e ser conhecida apenas como a garota do furacão.

Não gosto do fato de o Cara do Guisado saber alguma coisa sobre mim. E Charlotte e Christopher estão de mãos dadas, o que deixa claro que vou caminhar atrás deles. Eu queria que não tivéssemos feito um guisado à King Ranch tão gostoso. Ele não merece.

— Sabia que Charlotte está planejando fazer doutorado? — pergunto, tentando mudar de assunto.

— Sei, sei disso, sim — responde ele.

— Para ver como ela é inteligente. Mais inteligente que a maioria. O que você está estudando?

Ponho ênfase no *você* com itálico duplo.

— Administração.

Finn ri.

— Cale a boca, Finn, e vá ficar com a sua namorada, o dicionário! — grita Charlotte, mas ele não para de rir.

Eu torço para que não pare; sua risada é muito legal.

Então Charlotte me diz que ela e o namorado vão dar uma voltinha e não vão demorar. Sozinhos. Por mim, tudo bem. Vá passear com um caubói falsificado comedor de guisado, não estou nem aí. Num piscar de olhos eles já saíram.

— Por que ela disse que o dicionário é sua namorada? — pergunto a Finn.

— Porque adoro palavras — diz ele. — Tenho certeza de que foi isso que ela quis dizer.

— Ah, legal!

Não quero que ele pense que eu considero isso algo ruim.

— Muita gente não acha, mas, ei, eu consegui uma bolsa para a faculdade por causa disso, e ela fica com inveja.

— É mesmo?

Eu não sabia que ler livros podia fazer com que você conseguisse entrar para a faculdade.

— Alerta nerd! — diz ele. — Você está olhando para um supercampeão de concursos de soletração. Tenho os cartões usados nos campeonatos para provar.

Bem, isso é impressionante. E tudo o que consigo dizer é um mísero:

— Uau!

— Pois é. Agora estou na faculdade, no penúltimo ano do curso de linguística e etimologia. Você sabe o que é isso?

— Meu pai é professor da faculdade, então pode apostar que eu sei um monte de coisas — digo a ele, o que é verdade.

Estou familiarizada com todas as *-logias* que existem. Ele olha para mim e inclina a cabeça de lado antes de dizer:

— Bom saber, bom saber. Bem, é por isso que ela às vezes implica com o meu curso. Você sabe como as irmãs são.

— Na verdade, não sei, não.

— Então você tem sorte.

— Nunca conheci mais ninguém que gostasse de ler dicionário — digo a ele.

— Ah, então você é uma de nós, hein? Não somos muitos, eu garanto — diz ele. — Desista agora antes que seja tarde demais.

— O quê?

— Deixe pra lá.

— Você ainda entrega pizzas?

— Sim.

— Legal.

E nossa conversa acaba aí porque os pombinhos apaixonados voltam. Quando passa por mim, Christopher bagunça meu cabelo. Será que ele acha que sou um bicho de estimação? Ele me diz que Charlotte esqueceu a bolsa. Não tenho ideia de por que uma pessoa precisa de bolsa para dar uma voltinha. Minha antipatia por ele está aumentando, mas mesmo assim vou tentar fazer uma expressão agradável e trocar algumas palavras com ele.

— Mas que história é essa de você gostar tanto de guisado? Isso é comida de enterro — digo.

A cara de Christopher é a mesma que imagino que ele faça quando está tentando resolver um problema de matemática. Ele não me parece ser a pessoa mais inteligente do mundo.

— É, Sarah me ajudou com umas coisas ontem. Na verdade — diz Charlotte, me puxando para a cozinha —, preciso falar com ela sobre umas receitas.

Ela me arrasta até a sala de jantar.

— O fato de o guisado ser para ele era segredo — diz ela, enquanto tira uma escova da bolsa e me penteia. Odeio fazer isso. — Eu devia ter dito antes. Estou tentando impressioná-lo.

— O fato de eu ficar de pé em cima do toco da árvore e querer dar meu primeiro beijo *também* era segredo — digo, o que a faz rir. — Bem... Você com certeza escolheu a cor certa de esmalte. Ele deve ter ficado impressionado, mas acho que ele não se dá conta de como você é inteligente.

— Como você pode saber disso? — pergunta ela.

Para mim parece óbvio, mas digo a ela aquilo em que deve prestar atenção e pergunto:

— Quantas perguntas ele fez a você hoje?

Ela pensa.

— Isso não quer dizer nada.

Infelizmente, ela não tem o privilégio de possuir a sabedoria do meu pai. Ele sempre diz que uma pergunta bem-feita mostra mais inteligência e interesse do que dois parágrafos de falatório.

— Vamos sair de novo. Preciso de tinta para a impressora. Finn vai tomar conta de você.

— Não preciso que ninguém tome conta de mim.

— Se você se comportar, eu conto tudo quando voltar — sussurra ela no meu ouvido.

Imagino que isso seja o melhor que posso esperar para hoje. Preciso coletar informação sobre a vida real e comparar com o que li em *O valente libertino*. Agora mesmo estou relendo o capítulo em que Rebecca diz ao libertino que o odeia, e que amá-lo é a pior coisa que ela jamais poderia fazer. Então ela o beija, o que não é lá muito inteligente da sua parte.

Quando Charlotte e Christopher chegam à calçada, já estão de mãos dadas, caminhando com os ombros grudados. Olham um para o outro enquanto andam e, se não tomarem cuidado, vão bater em uma árvore ou tropeçar no meio-fio. Lisa está errada sobre beijos e amor. Podem deixar você bonita no início, mas

também deixam você com cara de idiota.

Sento numa cadeira de plástico na varanda da Charlotte, ou no que faz às vezes de varanda. Já está quente por causa do sol. Enquanto meu esmalte seca de verdade, dou uma boa olhada na vizinhança. Não vi os Dupree saírem para caminhar noite passada, e o carrão verde do Sr. Dupree ainda está estacionado em frente à casa deles. Isso me faz considerar as possíveis opções: estão doentes, perderam a hora ou morreram. Há outras possibilidades menos prováveis também: foram abduzidos por extraterrestres, tiraram férias, estão fazendo uma maratona de filmes. Em séries policiais, o detetive às vezes faz marcas de giz nos pneus dos carros para monitorar seu movimento.

Hoje vou para casa cedo, vou encontrar algum giz e resolver isso sozinha, muito obrigada. Neste exato momento nossa geladeira está cheia de comida de verdade. Há coisas em todas as prateleiras. Vovó sempre a deixa assim, e não apenas com cenouras.

Quando a Charlotte volta, seu lábio superior está vermelho. Eu sei que é de beijar aquele bigodão peludo. Se quer saber, desconfio de que ela esteja saindo com um libertino da vida real.

Os pombinhos fingem não perceber minha presença quando entram, ainda de mãos dadas. Penso: *Tanto faz*. Folheio uma revista e escolho as garotas com quem quero ficar parecida. Isso é uma coisa que eu e Lisa costumamos fazer, apesar de sabermos que não vai adiantar nada, nunca vamos ficar tão bonitas quanto elas, nem em um milhão de anos. Tem uma garota que eu acho especialmente bonita, porque o cabelo dela é curto e cortado reto que nem o meu. Ela está usando uma gargantilha grossa e escura e brincos compridos em forma de gota. Eu ficaria ótima com eles, tenho certeza. Na página ao lado começa a reportagem:

Cinco maneiras de parecer mais confiante:

Ponha os ombros para trás.

Conte até três antes de responder a alguém.

Cruze as pernas na altura dos tornozelos ao se sentar.

Pergunte à pessoa sentada à sua frente o que ela está lendo.

Faça contato visual.

Finn deixa a porta de tela bater e se senta na outra cadeira de plástico. Ele coloca os pés descalços em cima da grade e entrelaça as mãos atrás da cabeça. Percebo que a barra da calça jeans dele está gasta de arrastar por aí. Isso é um sinal de que ele andou por muitos lugares.

Eu me abano com uma revista, do jeito que já vi algumas mulheres fazerem em filmes.

— Achei que você gostasse de ler — diz Finn, sem sequer se virar para mim, então não posso olhar diretamente nos olhos dele. É difícil, mas consigo contar até três antes de responder.

— Estou lendo — digo, acenando com a revista, caso ele enxergue mal e não consiga notar que está obviamente equivocado.

— Eu quis dizer livros.

Sei que ele está querendo conduzir a conversa para livros *versus* revistas, mas, se me conhecesse, saberia que eu já li mais que a maioria das pessoas da minha idade. Especialmente se contar os resumos de livros que meu pai pede para os alunos fazerem. E há montes de livros que não li, mas posso esperar. Livros não estragam. Não azedam como leite, que é preciso beber dentro do prazo de validade.

— Então o que você anda lendo? — pergunto.

Ele baixa as pernas e senta, prestando atenção.

— *Ulisses*, de James Joyce — responde. — Já ouviu falar?

— Meu pai tem, mas eu nunca li. Ele diz que vou gostar mais depois de ler Homero.

— Ceeeeerto — diz ele, de um jeito que eu percebo que o deixei impressionado.

Isso. Consegui. A revista estava certa. Meu pai sempre me aporrinha por causa dessas revistas, mas agora tenho a prova de que funcionam.

— Você não tem que estudar alguma coisa? Ou é preguiçoso?

Torço para que isso o faça entrar e me deixe com meus pensamentos sobre o carro do Sr. Dupree e onde seria melhor fazer as marcas de giz, nos pneus da frente ou de trás.

Finn ri.

— Ora, como você sabe, tenho toda a minha carreira de entregador de pizza pela frente. E escrevi um trabalho bem grande que está em processo de edição. Enquanto minha mãe está viajando, estou tentando relaxar um pouco. Por conseguinte, eu devo ser um pouco preguiçoso mesmo. Mas, neste momento,

estou só esperando uma encomenda.

Ele diz isso com tanta naturalidade e tanta doçura que de repente fico envergonhada das minhas perguntas. Sem contar que acho que nunca conheci ninguém na vida real, além do meu pai, que usasse a expressão *por conseguinte*.

— Então, por que você sobe naquele toco?

— Você já me viu? — pergunto.

Isso é bem embaraçoso. Ele pensa por um minuto e diz:

— Você não repara quando vê algo que nunca viu antes?

Acho que sim. Esse tempo todo eu fiquei olhando para todo mundo da vizinhança e não tinha ideia de que pudesse haver alguém olhando para mim.

O olhar dele fica distante, e Finn sorri para o sol. Sua mente está viajando para algum lugar legal, eu simplesmente sei disso. Tenho uma bela vista do perfil dele. Finn podia facilmente estar numa revista. Talvez em uma propaganda de perfume. Como eu queria ter uma máquina fotográfica agora! Como eu queria!

Querido Atticus,

Hoje estou me sentindo estranha e não sei bem o que dizer. Tentei pensar em como lhe pedir conselhos sobre a minha mãe. Para fazer isso, percebi que tenho que contar sobre ela. Essa vai ser uma carta com informação demais, com certeza. Eu quase não quero escrevê-la, pois alguém pode descobrir nossa correspondência. E, se isso acontecer, vou ter muitos problemas. Já me xingaram na rua por causa da minha situação. E tivemos que nos mudar muitas vezes. Mas eu me lembro do que você disse a Jem sobre as pessoas que xingavam vocês de nomes feios, de coisas que não posso nem mesmo repetir aqui. Lembra aquela vez? Você disse a Jem que não é um insulto quando alguém chama você de alguma coisa que *ele* acha ruim. Atticus, não quero magoá-lo, mas não sei se acredito nisso. Enfim, vou lhe contar sobre minha mãe e resolver logo isso.

Vamos lá. A situação é a seguinte: ela enlouqueceu há dez anos. Agora, antes que você me diga que estou imaginando coisas e que ela é só como o Arthur Radley: não, não é, não. Ela é uma pessoa louca de verdade, que mora num hospital psiquiátrico, porque matou meu irmão e tentou me matar. Também houve um grande julgamento por causa disso. Dois, na

verdade. O dela e o do meu pai, que foi acusado de alguma coisa que eu não entendo direito.

Então, sabe, eu não tenho contato com a minha mãe. Scout tem mais sorte do que eu nesse quesito. A mãe dele, sua mulher, morreu quando ele tinha dois anos, então ele não se lembra dela. E como você é um pai muito bom, seus filhos não sentem falta dela. (Além disso, eles têm a Calpúrnia para ajudar a criá-los e cozinhar para eles, o que deve ser legal.) Eu, por outro lado, não tenho nada assim. Não tenho mãe. Não tenho irmão. Não tenho Calpúrnia. E tenho um pai que está presente, mas é ausente.

E, acabo de me dar conta disso, conheço a minha mãe mais como Jane Nelson, uma pessoa mais ou menos famosa que me deixa envergonhada. Sempre que ouço o nome *Jane*, imediatamente viro o rosto e começo a ficar vermelha. Não era para eu ter vergonha do nome da minha própria mãe, não é? Você provavelmente me diria que eu sou uma pessoa ruim por sentir isso. Vou tentar melhorar.

Abraço,
Sarah Nelson

capítulo 17

Papai está corrigindo trabalhos na sala esta noite, cantando uma música dos Beatles. Ele sempre fica com as músicas de uma banda antiga de cada vez na cabeça, e você só escuta aquilo e mais nada. Durante um tempo foi Bob Seger, e agora cá estamos com John, Paul, George e Ringo.

Vou para o meu quarto e me pergunto como um cérebro consegue se lembrar das letras sem escrevê-las. Como ele decide quais coisas guardar e quais esquecer. Deve haver pequenas lembranças grudadas dentro da mente, como chicletes embaixo de uma mesa. É preciso muito esforço para arrancá-las, então ou você quer mesmo se livrar delas, ou vão ficar lá para sempre, secas e duras. Às vezes as lembranças surgem do nada, e você tem que refazer seus passos até descobrir o que levou sua mente a pensar em determinada coisa. O Dr. Madrigal disse que isso pode ser chamado de gatilho.

Agora mesmo, por exemplo, eu olho para o teto texturizado do meu quarto e tudo em que consigo pensar são sandálias brancas de verão. Por quê? Porque hoje mais cedo vi uma garotinha de sandálias brancas correndo pela calçada atrás do caminhão do sorveteiro. Ela olhou para trás e gritou para o pai:

“Corre! Corre! Senão ele vai embora!”

Foi muito engraçado, porque o caminhão do sorveteiro anda mais devagar do que uma pessoa de bicicleta. Mesmo assim, ela ficou toda nervosa, achando que não ia conseguir comprar seu picolé ou sei lá.

Bem, ver aquela garotinha foi um gatilho para uma lembrança da minha mãe. Foi assim, num estalar de dedos. Aqui está o que meu cérebro tirou do arquivo:

1. Eu tinha sandálias de verão brancas iguais àquelas, com uma tira no tornozelo.
2. Eu estava com elas quando visitei a minha mãe no hospital.
3. Papai me escondeu embaixo do casaco dele quando fomos andando

do hospital até o carro. Ele disse: “Estou com você. Só cuidado com os pés.”

4. Eu fiquei observando os pés com as sandálias brancas se moverem pelo asfalto quente do estacionamento.

Por que eu não tinha o bom senso de escrever no diário naqueles tempos? Eu seria capaz de me lembrar de mais coisas, como, por exemplo, se eu tinha seis ou sete anos quando isso aconteceu. Eu já havia visitado minha mãe antes daquele dia? Quantas vezes eu a vi na vida real desde então? Duas? Três? Foi nessa época que anunciei para meus colegas da escola “Ei, minha mãe mora num hospital e não pode ficar comigo”? Acho que eu tinha seis. Quando a gente tem seis anos, fala tudo. Eu sei que contei a uma garota que ia sair mais cedo da aula para visitar a minha mãe no hospital, e ela me disse que tinha visto a mãe fazer xixi num potinho no consultório médico.

Mais tarde, quando a gente faz sete anos, percebe que essa informação vai voltar de um jeito ruim. Então aprende o que dizer, quando mentir, quando não falar nada. Quando se chega aos oito anos, todos os segredos já estão trancados nos diários.

Agora, só penso naquele dia quando estou sozinha. Os detalhes anseiam por escapar. É por isso que amo Planta. Ela é uma boa ouvinte, paciente e gentil. Agora mesmo, conto a ela que minha mente não vai me deixar em paz até que eu consiga pensar em um novo fato, uma nova cena. É como se o computador dentro do meu cérebro estivesse montando um quebra-cabeça, mas algumas peças foram perdidas. Planta quer saber se isso é por causa de todas as perguntas que os terapeutas me fizeram. Talvez eles tenham encaixado peças que não estavam lá antes. Talvez tenham inventado gatilhos. Não sei.

Conto a Planta que a época em que eu tinha as sandálias brancas foi logo depois do julgamento do papai. Estávamos pensando em nos mudar, porque todo mundo nos conhecia por causa dos jornais. Às vezes os vizinhos usavam a técnica do disfarce, quando fingiam ser amigáveis e depois começavam a se intrometer.

Por causa dessa gente curiosa, meu pai me mantinha ao seu lado sempre que íamos pegar o carro perto de casa ou em um estacionamento. É, foi aí que eu observei as minhas sandálias caminhando depressa. Sempre que sinto o cheiro do desodorante dele me lembro de ser perseguida por repórteres. Então, quando

ele me perguntou enquanto comíamos panquecas com bacon se eu queria me mudar para um lugar onde fôssemos apenas nós dois, eu respondi: “*Poxa*, com certeza!”

Na verdade, eu não disse *poxa*. Eu disse outra palavra. Meu pai fez uma cara feia, disse que obviamente eu vinha passando tempo demais com o vovô e pediu que eu, por favor, não usasse mais aquela palavra. Essa foi uma das minhas primeiras palavras-problema.

Agora eu me lembrei de mais coisas. Conto a Planta que foi naquela vez que meu pai disse: “Ei, vamos ao hospital visitar a sua mãe. Ela pode não falar com você hoje, mas não esqueça que ela te ama, mesmo que não olhe para você, tudo bem?”

E então nós fomos.

No hospital, o médico disse: “Ei, é aquela ali, de cabelo castanho-claro e olhos azuis. Ela é a sua mãe.”

Lembro que eu não queria ir até lá porque estava com medo. Lembro que o médico me levou com o papai até uma salinha com uma mesa e várias cadeiras. Havia um tapete gigantesco de quadrados multicoloridos no chão.

Lembro que ela esfregava as palmas das mãos na calça azul simples e não parava de alisar o tecido, embora não estivesse nem um pouco amarrotado.

Lembro que lhe estendi um cartão que eu mesma tinha feito. Na verdade, foi o papai quem disse que eu devia fazer um cartão para ela. Não foi ideia minha. Quando ela não deu sinal de que iria pegá-lo, eu coloquei o cartão em cima da mesa e me afastei.

Lembro que o papai me mandou brincar lá fora; o único problema é que não tinha lugar nenhum para brincar no hospital psiquiátrico. Saí da salinha e fiquei sentada sozinha no corredor, mexendo no carpete.

Planta ainda está ouvindo, por isso continuo a falar.

O que mais eu lembro? Não sei.

Me pergunto se estou inventando esses detalhes do mesmo modo que uma criança colore um desenho, rabiscando fora das linhas. A imagem passa a ser o que você mesmo desenha, e ninguém pode dizer se está certo ou errado. Eu queria ter uma foto daquele dia. Seria uma prova concreta de que aquela visita realmente aconteceu do jeito que eu lembro. Uma prova concreta é quando você

tem algo tão verdadeiro que não dá para questionar.

A única prova concreta que tenho é a seguinte: lembro que usava sandálias brancas quando fui visitar a minha mãe. É só o que realmente sei.

capítulo 18

Planta acha que estou errada, mas eu a estou ignorando. Conteí a ela que tenho medo de ficar igual ao meu pai, alcoólatra. Pego meu dicionário e leio em voz alta:

alcoólatra *adj.* quem é viciado na ingestão de bebidas alcoólicas

Não sou alcoólatra, digo a ela, porque não bebo. Isso é um alívio. Posso acabar louca como a minha mãe e não conseguir evitar. Mas uma pessoa pode evitar beber um drinque. Enquanto eu conseguir fazer isso, *alcoólatra* continua fora da lista de coisas que vão acontecer comigo. Mas aí meu cérebro me vem com um bom argumento. Se minha mãe é louca e meu pai é, por definição, alcoólatra, então eu prefiro ser como ele. Qualquer idiota escolheria o uísque em vez da loucura. E Planta disse que eu era louca por estar conversando com ela.

Aí ela tem razão.

Escrevo esses pensamentos no meu diário verdadeiro para me concentrar mais neles depois. Super-rápido, pego o diário falso e escrevo algumas linhas sobre estar pensando em entrar em um concurso de soletração. Então olho fixamente para o ventilador de teto e acompanho seu ritmo tamborilando no colchão. Estou na cama pensando no dia e tentando bolar uma boa mentira para contar à Lisa, só para me garantir, no caso de eu não encontrar ninguém para beijar. Ela não sabe como eu sei mentir bem. Posso dizer que o garoto tinha bigode e que meu lábio ficou todo vermelho. Descarto a ideia porque ela faz meu cérebro trabalhar como se eu estivesse lendo um problema de matemática que não consigo resolver. E agora estou completamente acordada.

Meu pai também está acordado até tarde, vendo um faroeste na tevê. O som dos tiros atravessa o corredor e entra no meu quarto. Isso me faz imaginar que tipo de pioneiro ou caubói veio para Garland e pensou: *Ei, esta planície parece ótima. Vamos montar acampamento aqui e começar a trabalhar.* A esposa, uma

mulher com um xale carregando uma criança pequena nos braços, deve ter perguntado: *É seguro aqui?* E ele provavelmente respondeu: *Claro! Afinal, quem mais vai disputar este lugar com a gente? Não vejo ninguém em um raio de quilômetros.* Assim começou uma longa história de pessoas que não se importam com o local onde se fixam. Não consigo pensar em nenhuma outra razão para a existência de Garland. Esta cidade é como um moletom cinza. Cumpre seu papel, mas não é nada *fashion*.

Agora sinto um calor subir pelo meu pescoço quando penso em como agi feito boba na frente do Finn. Eu me pergunto se ele poderia me contar mais sobre o que os garotos fazem, me ajudar a preencher algumas lacunas de conhecimento. Talvez eu descubra que há coisas para admirar neles, embora eu duvide. Garotos normalmente são fedorentos e mal-educados e nem abrem a porta do carro para você, o que é uma característica na qual o vovô diz que eu devo prestar atenção.

Preste atenção em garotos que não abrem a porta do carro.

Preste atenção em garotos que têm o cabelo comprido demais. Que porcaria eles estão escondendo? (Não preciso dizer que ele não falou *porcaria*.)

Preste atenção em suéteres de boa qualidade que duram mais de uma estação.

Preste atenção em jantares grátis.

Prestar atenção nas coisas é algo importante para o vovô.

Eu me sento na cama e tento pensar se me esqueci de fazer alguma coisa. Será que me esqueci de regar Planta? Ou deixei minhas roupas na secadora? Então lembro que não fiz as marcas de giz nos pneus do Sr. Dupree. Talvez seja isso.

Meus pensamentos são interrompidos pelo barulho de um cavalo e, como sei que não tem nenhum na nossa cozinha, pulo da cama e vou investigar. É só meu pai, agora dormindo um sono profundo no sofá, com um trabalho da faculdade caído no peito e o filme a todo volume na tevê.

Pego o trabalho das mãos dele e o cubro com um cobertor. Vou deixá-lo dormir ali mesmo, onde ele acaba ficando muitas noites. Seus olhos se mexem sob as pálpebras, então sei que ele está no meio de um sonho agitado. Talvez esteja montado em um cavalo selvagem, tentando acompanhar um caubói. Bem, ele pode sonhar.

Junto o restante dos trabalhos dos alunos e os organizo em uma pilha na mesa de centro. Ponho o que ele leu por último por cima, na transversal. Algo no

primeiro parágrafo salta da página:

Se ela quisesse, teria feito. Teria continuado com o trabalho que tinha à sua frente com seriedade e dedicação. Em vez disso, deixou tudo para trás sem pensar duas vezes. Seus talentos inutilizados secaram e murcharam como uma folha ressequida de outono.

Zero.

Eu daria a esse trabalho um zero bem grande e redondo. O leitor não tem ideia de quais talentos ou trabalho *ela* tem ou teve e deixou de utilizar. Meu pai defende que um bom texto deve ser compreendido por uma criança de doze anos, e agora eu entendo o que ele quer dizer. Não consigo entender nada daquilo e já estou entediada demais para continuar a ler. Deve ter sido isso que fez meu pai dormir. Ele diz que a maioria dos alunos escreve como se tivesse acabado de descobrir Shakespeare e o dicionário no mesmo dia.

Um som de tilintar de copos surge do computador do meu pai no fim do corredor. Vou até o escritório e dou uma espiadinha na janela amarela no canto da tela com um ponto de interrogação piscando. Sento na cadeira de rodinhas e dou uma olhada. É uma mensagem de PBroom: “*Ainda está on-line?*”

Quem é PBroom e como meu pai aprendeu a fazer essas coisas? Como o Sr. Wistler, meu pai é contra mensagens de texto. Vejo o cursor piscando e não resisto. É como se estivesse dizendo *responda agora responda agora*. Digito “*Estou*” e dou *enter*. O computador faz o tilintar de novo. Logo pipoca outra mensagem de PBroom, e não posso evitar responder.

Também não consigo dormir. O que está fazendo?

Corrigindo trabalhos.

Ugh. Parece superdivertido.

É. Tem um que é especialmente ruim. Acho que vou dar zero.

Ai! Que maldade.

Bom...

Foi divertido tomar café com você no outro dia. Como sempre.

Foi.

Acho que você está me mimando demais.

KKK. Tenho que ir.

Boa noite.

E PBroom vai embora. Dou uma olhada de novo no chat. Tenho tantas perguntas! Meu pai tomou café com PBroom. Ele ou *ela* sabe que pode falar com o meu pai por mensagens on-line. Ele/ela está pensando no meu pai a esta

hora da noite. Pior, meu pai *nunca* usaria “kkk” em uma mensagem. Com certeza vou ser descoberta.

Ouçó o confronto entre dois caubóis na sala. Esta é a parte favorita do meu pai, por isso deixo a tevê ligada, para que penetre bem na sua mente enquanto ele sonha. Talvez ele acorde amanhã e se sinta heroico. Vai se ver como um mocinho à moda antiga. Aí eu vou preparar para ele um café preto superforte de caubói com torrada amanteigada e mandá-lo de volta para encarar mais um dia no mundo real. Rá, rá! E tenho que descobrir um jeito de perguntar sobre PBroom sem que ele desconfie de que sei alguma coisa. Sem entregar que eu fingi ser ele por sessenta segundos.

No caminho de volta para o quarto, faço um desvio e, *voilà*, estou na garagem. É como se meus pés tivessem me levado até lá sem dizer nada ao meu cérebro. As garrafas estão atrás das latas de tinta. Não sei por que ele as esconde ali. Não é como se nós dois não soubéssemos que ele bebe. Pego uma garrafa pela metade, desenroscó a tampa e penso em tomar um gole. Só dou uma fungada, e é horrível. O cheiro quase queima meu nariz. Ainda não entendo por que ele bebe isso.

Quando volto para o quarto, fico envergonhada. Eu quase bebi uísque! E fingi ser meu pai no chat. Tenho que considerar se isso faz parte do meu novo eu. Uma criminosa.

Meu caderno pautado verde está ali em cima do travesseiro, e eu sei que Atticus me olharia por cima dos óculos, e eu sentiria sua decepção apenas com um olhar. Atticus seria um grande caubói. Eu o imagino com um chapéu de abas largas e uma daquelas jaquetas, talvez um reluzente distintivo de xerife. *Você sabe a diferença entre o certo e o errado*, diria ele. E isso seria o bastante para me fazer morder o lábio para não chorar.

capítulo 19

Odeio a nossa casa e acho que ela me odeia.

De manhã, quando quero dormir até tarde, o encanamento do chuveiro do meu pai faz um zunido agudo até a água esquentar. Eu sento na cama e lembro que estou de férias e não tenho que correr, pelo menos posso me dar ao luxo de ficar mais um pouco de pijama. Mesmo assim, ainda gosto de ser a primeira a chegar à cozinha de manhã. É meio emocionante chegar a um lugar antes de todo mundo, como se eu fosse a primeira a fazer uma descoberta e todos fossem bater palmas para mim. *Ei, você foi a primeira a chegar aqui. Que incrível!* Esta é a minha casa e gosto de reafirmar isso quando posso.

Coloco um waffle congelado na torradeira. Meu pai e eu gostamos de manteiga de amendoim e calda nos waffles, então resolvo que é isso o que vou fazer hoje. Fazer o dia começar bem antes que eu faça alguma pergunta. Além disso, tenho um grande dia pela frente: vou investigar o que está acontecendo com os Dupree. A manhã já carrega em si uma eletricidade palpável. *Palpável* é minha palavra favorita no momento.

palpável *adj.* que pode ser tocado ou percebido; tangível

Tudo pode acontecer. Ainda não são nem sete da manhã. O dia ainda não começou. Mas de uma coisa eu sei: hoje, pela primeira vez, vou tomar uma xícara de café. Percebi que café é o contrário de álcool, então vou seguir nessa direção.

Meu pai chega à cozinha, e eu pego sua caneca preferida, uma azulzinha com um cachorro voador. Aprendi a fazer café muito bem. Sirvo uma xícara cheia para ele. Depois uma xícara para mim. Ele apenas me olha e balança a cabeça, como se soubesse que é uma boa decisão.

— Obrigado, querida. Eu precisava mesmo de um café.

Com certeza, penso.

— Você dormiu vendo tevê.

— Obrigado pelo cobertor.

— De nada — digo. — Estava pensando em costeletas de porco para o jantar.

— Parece bom, garotinha — diz ele, bebendo o café. O jeito como fecha os olhos quando a caneca se aproxima de seu rosto o faz parecer tranquilo. — O que vai fazer hoje?

— Não sei — digo. — Só passar o tempo, acho.

Tomo um gole grande de café. Tento parecer tranquila como ele, mas é muito amargo e quente. Mesmo assim eu engulo. É o que tenho que fazer.

— Você vai se lembrar de dizer a Charlotte que eu preciso falar com o irmão dela esta semana?

— Ele não tem nada de mais. Está estudando palavras na faculdade ou alguma coisa assim. Além disso, fica trancado no quarto porque Charlotte está louca de amores pelo namorado, e ele fica incomodado.

Papai me lança aquele seu olhar cético, que faz suas sobrancelhas quase cobrirem os olhos.

— Louca de amores, é? — pergunta ele.

Agora tento corrigir o que disse.

— Bem, não *louca* de amores. Ele respeita o quanto ela tem que se esforçar para a faculdade e tudo.

Pronto. Isso deve bastar. O único problema é que acabei usando a palavra *louca* de novo. Sirvo uma boa dose de calda nos waffles dele, na esperança de que isso ajude a mudarmos de assunto.

— Humm-hummmmm.

E isso é tudo o que ele diz, o que significa que vou ter que permitir que ele também conheça Christopher.

— Não acho que o irmão de Charlotte vá passar muito tempo em casa — digo. — Ele também entrega pizzas.

— Onde ele estuda?

— Eu não sei — respondo. — Por que está fazendo tantas perguntas?

— Só quero saber com quem você está, Sarah — explica ele. — Diga a Charlotte que vou ligar para ela hoje.

— Pai!

Se eu reclamar, vai ser pior. Já sei que a conversa deles vai ser um *game show* com mil perguntas que Finn nunca vai responder corretamente. Meu pai está entrando no modo Agente Secreto de novo.

— E tenho umas perguntas para o namorado dela também.

— Sério, pai, você não precisa fazer isso.

— Bem, você não vai querer ir para a casa dos seus avós.

É duro o jeito como ele diz isso, e me acerta bem na boca do estômago. Então as palavras jorram de mim sem que eu tenha a chance de me imaginar dizendo-as.

— Quem é PBroom?

O ar fica imóvel entre nós. Uma corda invisível paira ali, e cada um espera que o outro a puxe um pouco. Eu devo parecer tão surpresa quanto ele nesse instante. Tomo outro gole grande de café. Para mostrar que estou mais velha.

— Acho que não deveria me surpreender por você descobrir essas coisas, Sarah — responde. — A Srta. Broom é uma colega minha. Ela dá aulas de História Americana.

— Ela mandou uma mensagem on-line para você ontem à noite — digo. E emendo rapidamente: — Quando eu estava arrumando a casa e tal.

Eles tinham almoçado e tomado café várias vezes. Meu pai diria que eram “bons amigos”. Ele quer saber se isso me incomoda. É claro que ele já saiu com outras mulheres antes e nunca deu muito certo, então isso me faz pensar por que ele ainda se dá o trabalho de tentar. Muitas mulheres que ele levou para tomar café ou chá ou até ao Taco Bell foram legais no início. Depois ele fala sobre mim, e as coisas parecem ficar complicadas. Duvido que com PBroom seja diferente.

— É sério? — pergunto por fim.

— Não — diz ele, e percebo um brilho animado em seus olhos.

Ele gosta dela, isso com certeza. Deve ser bonita.

— Bem, acho que gostaria de conhecer essa moça se você vai passar tanto tempo com ela — digo.

Ele leva o prato até a pia e lava as mãos.

— Vou comprar as costeletas quando estiver voltando para casa.

Mais tarde, quando conto isso para Planta, nós duas concordamos que *PBroom* talvez seja uma palavra-problema. Eu a anoto no diário, acrescentando-a à minha lista. Até agora, são vinte e três as palavras-problema.

capítulo 20

Este seria um dia comum se não fosse por duas coisas: eu fiquei menstruada, e meu pai entrevistou Finn.

Mas eu não sabia disso quando fui para a casa da Charlotte. Tinha botado na cabeça que ia resolver o mistério do carro dos Dupree. Logo de cara, vejo que o carro deles não saiu do lugar.

Na próxima vez que eu for ao mercado, vou comprar um caderninho que caiba no meu bolso. E uma câmera descartável também. Preciso registrar esses detalhes caso algo esteja errado. Meus instintos — é o que os policiais sentem em certas situações — me dizem que há algo errado.

Uma coisa que eu já sabia sobre os Dupree é que eles tinham uma plantação de maçãs verdes na Califórnia, o que é interessante, porque o carro deles é verde-maçã e a bancada da cozinha também. Só entrei na casa uma vez, quando me chamaram, com meu pai, para pegar uma caixa de maçãs.

Eles nunca moraram perto da plantação, na verdade, mas sempre recebiam grandes engradados da fruta, cada uma embalada individualmente em papel da cor de açúcar mascavo. A Sra. Dupree disse que eles venderam o negócio para o filho depois que se aposentaram. Contou que o Sr. Dupree ainda trabalhava com hortifrúti, mas na feira local. Eles sempre distribuem frutas e verduras bem coloridas, que não vão conseguir vender no dia seguinte, principalmente por estarem feias — mas a Sra. Dupree diz que ainda estão boas; basta descascar a parte de fora e usar o miolo. Foi assim quando ela conheceu o Sr. Dupree. Ela disse que ele era bom por dentro e sólido como um melão maduro.

Todo dia de manhã, quando o Sr. Dupree sai de casa, sua partida é igual à de todos os outros, que deixam nossa rua sem saída como se estivessem em um desfile de carros. Além disso, eles sempre pegam o jornal. Não que eu os esteja espionando ou nada assim. Hoje, enquanto atravessava a rua para a casa da Charlotte, vi dois jornais no gramado. Também tem um folheto comprido

pendurado na porta. E o carro verde-maçã ainda está lá, estacionado do mesmo jeito que ontem. Eu tenho muitas coisas para fazer: investigar os Dupree, baixar músicas para meu iPod, pedir a Charlotte para ver a lista de professores na faculdade do meu pai e descobrir quem é PBroom. Também estou torcendo para que mais tarde dê tempo de jogar a bola de basquete nas árvores e fazer as cigarras voarem. Então terei as próximas oito horas completamente cheias. Um copo que você acabou de encher de água.

A caminhonete da Gramados e Jardins Sanchez está parada em frente à casa do Sr. Gustafson outra vez. Os empregados estão trazendo várias bandejas grandes cheias de mudas de flores amarelas, cravinhos, acho. Parece que a casa está passando por uma transformação de estilo, ou pelo menos ganhando uma maquiagemzinha. Já consigo até imaginar como as flores vão ficar bonitas. Eu passo pela caminhonete e faço questão de dar um alô para o garoto do boné vermelho.

— *Hola* — digo, porque é a única palavra que sei em espanhol. Ele responde e acena. — Essas flores são bonitas. Eu gosto de plantas. — Bem, essa foi uma coisa genial mesmo de se dizer. Mas ele balança a cabeça para mim de um jeito simpático. — Eu hoje bebi café — conto. — Não é ruim. Entendo por que as pessoas gostam.

— *Sí* — diz ele.

— E você nunca faria isso, mas ontem à noite eu fingi ser o meu pai. Quer dizer, no computador. Não sei por que estou contando isso.

O garoto vai até a frente da casa, ajoelha-se e começa a fazer buraquinhos na terra para cada muda. Ele acena quando eu vou embora, e acho que agora somos amigos.

Quando chego à casa da Charlotte, conto a ela sobre minha investigação, começando com os Dupree, para depois me aprofundar na história da PBroom.

— O carro dos Dupree não sai do lugar há dois dias.

— E daí? — diz ela.

— E daí que eu preciso saber por quê.

— E para a segunda coisa?

— Vamos precisar da internet — digo.

— Ah, pesquisa do tipo feita a distância.

Ainda estou com um frio no estômago e me pergunto se é culpa do café. Amanhã vou colocar um monte de leite nele. Vou fazer isso até me acostumar a beber café como os caubóis.

No quarto da Charlotte, acho fácil confessar como, por um brevíssimo minuto, fingi ser meu pai e descobri a existência de PBroom. O rosto dela se ilumina, sem nenhum julgamento, como se achasse divertido. Então ela gira na cadeira e começa a digitar tão rápido que a minha cabeça roda. Em menos de um minuto, surge na tela uma foto em preto e branco de PBroom: Patricia Broom, professora de História Americana, sendo exata.

— E agora? — pergunta.

— Não sei. Só queria saber como ela era.

Agora me sinto idiota só por querer procurá-la. Isso não mudou nada. Ela é bonita e parece magra, se é que dá para dizer só pelo pescoço. Não há nada em seus olhos que indique que ela odeia crianças. Aprendi a identificar essa expressão nas mulheres. Elas mantêm o sorriso artificial por tempo demais. Forçam o riso. Então, como se o universo se sentisse mal por minha causa e quisesse inverter meu humor, ele me dá outra coisa em que pensar. Sinto um aperto por dentro da barriga. Saio do quarto da Charlotte. Fecho a porta do banheiro e seguro o abdome. Sinto vontade de chorar e rir ao mesmo tempo.

Claro, tenho uma ideia do que fazer. Não sou totalmente desligada da realidade como Darla Jacobs. A gente fez uma festa do pijama uma vez e, quando começou a falar sobre isso, ela não tinha ideia do que era. A gente teve que explicar.

Vou precisar tomar uma atitude. Preciso de absorventes e essas coisas. Talvez de algo especial para comer. Se eu fosse acreditar em comerciais, já devia estar cavalcando na praia, miraculosamente dotada de habilidades equestres. Se eu fosse acreditar na Bíblia, agora já poderia me casar, milagrosamente qualificada só porque posso gerar filhos. Não quero cavalgar nem me casar. Esse é o tipo de coisa que garotas com mães sabem.

Quero me encolher em posição fetal, ficar sozinha e ao mesmo tempo quero ficar com Charlotte. Que história é essa de cada hora pensar uma coisa? É demais para mim.

Posso pedir para Charlotte me levar para comprar uns salgadinhos e, enquanto estivermos lá, eu compro os absorventes. Vou ao balcão e pago pelos dois como se tivesse feito isso a vida inteira. Talvez ainda leve um pacote de chicletes para mostrar como acho tudo normal.

— Sarah? Você está bem? — pergunta Charlotte do outro lado da porta.

— Estou.

— Pensei que a gente podia sair para dar uma volta e jogar bolas de basquete

nas árvores do parque antes que fique quente demais. Eu contei ao Finn que você gosta de fazer isso.

Droga! Como vai ser divertido comprar absorventes estando nós *três* juntos. O que fazer? Vou ter que ser honesta. Afinal de contas, eu sou uma mulher agora.

— Charlotte — digo. — Humm, acho que preciso da sua ajuda.

Ela abre a porta, e eu fecho depois que ela entra.

— Desceu.

— O quê?

— Você sabe — digo, apontando para baixo.

— Ahhhhhhhhh — diz ela. — Eu achava que você já tinha...

Tenho vontade de perguntar se eu já pareço uma mulher, mas não é o momento.

— Acho que vou precisar de alguma coisa para isso.

— Eu tenho alguns por aqui, e mais tarde a gente sai e compra para você. Precisamos comprar chocolates para comemorar também.

Ah, isso é maravilhoso. Quase tenho vontade de chorar um pouco e pedir para ela escovar meu cabelo. Sinto o impulso de rir/chorar surgir outra vez dentro de mim.

— O que foi? Está doendo? Está se sentindo mal? — pergunta Charlotte.

Um pensamento muito esquisito surge em minha mente. E se isso tivesse acontecido enquanto eu estivesse na casa dos meus avós? Agora sei que uma coisa que minha tia Mariah me disse é verdade, apesar de eu não ter explicação: o universo *está* escutando. Pensei que precisaria encontrar todo o meu conhecimento nos livros, mas recebi uma surpresa, alguém para me confortar parada bem à minha frente. Talvez você tenha que ser mulher para saber o negócio do chocolate. Mais tarde vou fazer uma lista nova de coisas que chegaram quando fiz doze anos.

— Não, estou bem — digo a Charlotte.

Estendo os braços para abraçá-la e ficamos paradas por um momento. O abraço dela é firme, apertado de um jeito bom. Sinto como se pudesse desmontar se ela me soltasse. É engraçado como eu não sabia que era só um monte de peças soltas até que alguém me abraçou forte.

Quando estamos pegando nossas bolsas e nos despedindo de Finn, olha quem aparece: meu pai, com um envelope pardo nas mãos. Já vi isso antes, quando

estava para começar em uma escola nova ou em alguma atividade extracurricular. Ele confere os antecedentes das pessoas e depois faz uma lista de perguntas. Se achar alguma coisa estranha, meu pai liga para o advogado dele em Houston, e os dois levantam uma quantidade de informação sobre a pessoa que nem *ela* sabia que existia. Aí meu pai senta, conversa e diz que deve ser mantido atualizado em relação a qualquer coisa que possa ter a ver com meu bem-estar. Blá-blá-blá. Já ouvi isso mil vezes.

— Vou levar Sarah para comprar uma coisinha.

— Vai ser só com seu irmão, então?

Eu olho para o Finn. Ele não tem ideia de que está prestes a ser interrogado. Ele é o suspeito, e meu pai é um dos policiais durões da tevê. Espero que não haja nem mesmo uma multa de trânsito naquele envelope.

Quero gritar com meu pai, dizer a ele para não me matar de vergonha, mas minha barriga está tão esquisita que não consigo. Olho para ele com raiva, deixando claro que amanhã a bola de golfe com a cara triste vai aparecer. *Prepare-se*, digo com meus poderes mentais, mas não adianta. Quando meu pai está bem acordado, de terno e sóbrio, não há ninguém mais bem-preparado nem mais interessado na minha vida. Tenho dois pais. O bêbado e o detetive. Isso não pode ser normal.

Apesar disso, espero que o que ele tenha descoberto confira a Finn o *Selo de Aprovação de Condição Especial de Tom Nelson*, porque basta uma infraçãozinha nos registros, e vai ser um voo direto e sem escalas para férias com meus avós.

capítulo 21

Estou no chuveiro, desejando que a água pudesse subir até o meu pescoço, e que eu flutuasse, sem peso nenhum. Eu queria inventar uma máquina que tirasse a pessoa direto do chuveiro e, puf, ela estaria seca e vestida na cama. Pular todos os passos chatos no meio. Isso seria o paraíso.

Sou oficialmente mulher há oito horas e já estou oficialmente cansada. A única coisa de que gostei no fato de ser mulher até agora é meu rímel novo. *Passo, passo*. Pareço ter pelo menos catorze anos quando o uso.

Agora vou deitar na cama com uma toalha de rosto quente na barriga. Charlotte me disse que isso ajuda a melhorar a cólica. Quando me levou à farmácia esta tarde, ela me contou tudo o que eu precisava saber. Foi legal também porque, se eu ficasse no corredor olhando todos aqueles produtos por muito tempo, começaria a me sentir idiota. Só quero saber por que existem tantos? Ela me explicou que talvez eu tivesse que experimentar algumas marcas diferentes para ver à qual delas me adaptaria melhor. Durante toda a minha vida eu pensei que esse seria o tipo de coisa que só tem tamanho único, mas aparentemente não é.

Depois passamos na seção de maquiagem, porque Charlotte queria comprar sombra metálica para os olhos. Também não sou especialista na arte dos produtos de beleza, mas gosto de ver todas aquelas cores enfileiradas. Charlotte diz que dá para usar praticamente qualquer cor nos olhos. Fácil. É só passar e... *voilà*, você vira uma top model.

Pensei em todas as coisas que eu gostaria de comprar na loja. As cores de batom, por exemplo, me deram vontade de ter um de cada só pelos nomes. Cherry Ice. Pink Sugar. China Red. Crystal Peach. Eu me vi arrumando-os na pia do meu banheiro para poder escolher um diferente a cada dia. *Será que estou num clima Pink Sugar hoje?*, eu poderia me perguntar.

Passei por toda a seção de cosméticos e parei no rímel. Eu não uso nenhuma

maquiagem, só um brilho labial de vez em quando. Rímel parecia alguma coisa que até eu poderia passar direito. Uma ou duas passadinhas, e eu ficaria com um visual novo. Escolhi castanho-escuro. Um presente para meu novo status.

— Terminou? Vamos? — perguntou Charlotte.

— Vamos — disse a ela.

Então, vergonha completa.

Só havia um homem no caixa da loja. Senti meu pescoço ficar vermelho quando olhei para a cesta. Era tão óbvio por que eu tinha ido até ali. A embalagem rosa e branca praticamente gritava para o mundo: *Sarah ficou menstruada!*

Charlotte foi na frente e comprou a sombra de olhos para ela e os chocolates para mim. Olhei rapidamente ao redor e botei um chiclete, uma câmera descartável e uma revista na cesta. O rapaz do caixa sorriu para mim, depois passou a embalagem pelo leitor. Pensei comigo mesma: tenho que descobrir se é possível encomendar um suprimento para um ano de absorventes, para não ter que passar por esse tormento toda hora. Talvez Lisa saiba. Podemos fazer o pedido juntas.

A toalha de rosto na minha barriga já está fria, então eu a ponho de lado e baixo a blusa do pijama. Pego meu caderno pautado (que agora escondo entre os colchões) e penso em escrever algo para o trabalho do Sr. Wistler, ver se meu novo eu adulto tem algo melhor a dizer do que meu eu criança. Afinal de contas, eu li o artigo sobre *menstruação* na Wikipédia. Fiquei aliviada ao descobrir que meus pensamentos estranhos são meio que normais quando se é uma mulher de verdade.

Os sintomas podem incluir cansaço, mudanças de humor, irritação, nervosismo, confusão, depressão, choro e ansiedade.

Na mosca! Tenho muitos desses sintomas, especialmente confusão. Por exemplo, comprei uma revista para *mim* quando fui à farmácia? Não. Nem olhei para ver o que estava pegando e comprei uma revista para donas de casa, em vez da *Glamour*. Para piorar as coisas, tem nela uma reportagem grande sobre como parecer mais jovem. Como isso vai me ajudar?

Depois que folheio a revista, não estou muito cansada, mas também não me sinto muito bem. Estou com raiva, porém de ninguém em especial.

Tem uma página em branco no caderno olhando para mim. *O que foi?*, me dá vontade de perguntar. Mas não vou começar a conversar com o caderno. Já

converso com uma planta. Mando duas mensagens de texto para Lisa, conto sobre o que aconteceu e que comprei um rímel, mas ela não para de falar nos garotos do acampamento e em como está se divertindo nadando e fazendo artesanato com alfinetes de fralda. Bem, hoje estou muito bem sem ela e sei que ela vai ficar irritada por Charlotte estar me ajudando. Não quero deixá-la com raiva, talvez só com um pouquinho de ciúme. Quero que outra pessoa fique frustrada. Estou com raiva de tanta coisa que não faz nem sentido.

Normalmente não me importo quando ouço o aparelho de som do papai tocando Beatles. De novo. Mas agora estou com vontade de jogar uma bola de basquete naquela coisa idiota e quebrá-la em pedacinhos. Hoje pensei muito em Simon. Estou tentando entender o que significa um sonho que tive na noite passada, no qual ele colocava um bilhete na minha mochila. Já sonhei com meu irmão antes, mas normalmente ele está apenas parado me ouvindo. E acho que estou com raiva da minha mãe também. Por causa dela, minha avó é quem compra roupa íntima e meias para mim. *Alô!*, eu já sou grande demais para isso e estou desesperada para comprar minhas próprias coisas. Mas com quem eu posso falar sobre isso? Resposta: ninguém.

Um sentimento de tristeza/raiva me domina mais uma vez, o que Charlotte diz o tempo todo que é normal. Ela falou que eu devia aceitá-lo, porque nem todo mundo consegue lidar com dois sentimentos ao mesmo tempo. O que ela não sabe é que tenho o gene da loucura, que pode estar fazendo com que eu sinta como duas pessoas diferentes. É uma sensação pesada. Sou como um copo d'água prestes a transbordar ao menor toque.

Eu me levanto e vou até a cozinha pegar algo para comer. Papai está sentado à mesa bamba idiota quando eu passo. Ele me olha com um sorriso e começa a rir.

— O que aconteceu com você? — pergunta.

— O quê?

— Em volta dos seus olhos — diz ele. — Acho que não era isso que queria fazer.

Olho meu reflexo distorcido na torradeira. Há círculos de rímel em torno dos meus olhos, que me deixam parecida com um monstro de um filme de terror.

Ele tenta esconder a boca com a mão, mas eu sei que está rindo.

— Acho que você devia lavar isso, meu amor.

Saio da cozinha o mais rápido possível.

Bato a porta do meu quarto com força. Sou tão idiota! Não sei muito sobre

muita coisa, mas tenho quase certeza de que uma mãe não teria rido de mim. Então, sinto muito, Lucas McCain, ódio pode ser uma palavra forte demais para meu pai, mas neste momento não estou preocupada em encontrar um sinônimo. Ódio serve.

E a minha mãe? Estou com muita raiva dela. Era de se esperar que *pelo menos* ela pudesse me escrever coisas úteis. Contar sobre absorventes e maquiagem. Algo melhor que *Doze anos é uma idade maravilhosa*. Blá. Blá. Blá. Se ela achasse essa idade tão boa assim, não me faria passar por essa humilhação.

Então percebo que há coisa pior que ter uma mãe que não pode aparecer na árvore genealógica. É ter uma mãe que não aparece de jeito nenhum. E disso também entendo, sem dúvida alguma.

Querido Atticus,

Esta carta vai parecer cheia de raiva, mas não é de você. Este é um daqueles momentos em que um conselho seu ajudaria muito. Não tenho a menor ideia de o que devo fazer em relação ao meu pai. Eu estava tendo um dia bom (algumas coisas interessantes aconteceram comigo hoje), e meu pai teve que ser a pessoa mais insensível do planeta. Sei que você conheceu muita gente insensível em Maycomb e vai me dizer que os problemas deles eram piores que os meus. E é verdade. Mas as pessoas que estão ofendendo as outras na sua cidade (especialmente as que tratam mal as pessoas negras) são ignorantes, como você diz. E nem conhecem quem estão xingando. Por isso lhe pergunto: não é *pior* ser mau com alguém que você supostamente conhece e ama? Bem, estou ficando com muita raiva, mas é isso que eu sinto. Devia haver uma lei que obrigasse as pessoas a seguir aquele ditado: *Se não tem nada de bom a dizer, é melhor ficar calado*. Se quer saber, acho que seria bem legal se isso acontecesse. Mas aí teria mais um milhão de pessoas na cadeia. Você nunca ficaria sem clientes. (Apesar de eu achar que você seria o procurador nesses casos.) Os culpados (como meu pai) teriam que sentar no banco dos réus e seriam atacados por você com perguntas como: “Na sua opinião, Sr. Nelson, o senhor acha que foi inteligente rir da vítima naquele momento de

desespero e sofrimento?”

Consigo até ouvi-lo falando bem assim. Bem, pelo menos a versão de você no filme baseado no livro. Quase me esqueci de contar que eu o vi na tevê de novo ontem à noite, depois que meu pai dormiu. A imagem que faço de você na minha cabeça e a da tevê estão misturadas. Espero que não se importe. Aliás, você gostaria do meu novo amigo, Finn. Ele não é insensível como algumas pessoas, mas adora saber a palavra exata para tudo. Ele disse que estudar uma palavra é como abrir uma mala antiga. Se você quiser, pode continuar a tirar coisas lá de dentro e olhar para elas como se fossem novas em folha. Como Finn sabe que eu gosto de moda, ele me explicou que é possível combinar palavras como se faz com roupas e acessórios. Sabe, eu acho que a maioria das pessoas usa acessórios demais quando fala. Você, não. Você tem a quantidade certa de roupas simples.

Eu gostei especialmente da cena do tribunal no filme. Finn, meu amigo inteligente, disse que aquela também é a cena favorita de todo mundo. Eu gosto de ser comum assim. Queria poder estar naquele balcão com Jem e Scout para ver você trabalhar. Sinto como se eu estivesse lá. Por causa do seu jeito de falar, tive que fazer uma lista das palavras que eu não conhecia. Bem, talvez elas não sejam todas suas. Tenho que lembrar que você foi escrito por Harper Lee, mas, mesmo assim, para mim você ainda parece uma pessoa real, de carne e osso. *Boudoir* foi a primeira. Há algum tempo, eu marco no meu exemplar as palavras que tenho que procurar no dicionário. São tantas que meu livro não vai servir muito para alguém que queira lê-lo depois, então será meu para sempre.

Estas são as palavras que procurei:

Ultraje

Paliativo

Cabernet

Tenho que ver se encontro alguma uva cabernet aqui em Garland. Eu acharia legal pelo menos saber que comi algo que você também comeu. É

estranho, eu sei. (Espero que não se sinta ultrajado com isso. Rá, rá.)

Bem, obrigada por me ouvir sempre. Eu já me sinto um pouquinho melhor. (Mas ainda estou com raiva do meu pai.)

Um abraço,
Sarah Nelson

capítulo 22

Quando estou reclamando ou apenas dando minha opinião em voz alta, meu pai sempre diz:

— Ah, sem drama!

Mas ele não sabe de nada. Do meu ponto de vista, a vida em si é muito dramática. Eu estou apenas fazendo meu papel.

Por exemplo: hoje o noticiário vai mostrar a reportagem sobre o julgamento de outra mãe que matou o filho. É estranho pensar no tanto de coisas que podem acontecer em um dia quente no Texas, mas, sabe, é verdade. Alguém deveria investigar se o calor tem algo a ver com as pessoas matarem as outras.

Eu só fiquei sabendo dessa outra mãe mais tarde, o que foi uma coisa boa. Cedo, eu simplesmente saí correndo pela porta e dei uma olhada na casa dos Dupree. O carrão verde comprido continuava parado. Eu estava meia hora atrasada para a casa da Charlotte. Só queria um tempo a mais para mim, um breve período de calma entre meu pai sair e eu estar com outra pessoa. É um luxo. Precisava disso para melhorar o meu humor, que não está nada bom.

Depois de meu pai ter feito umas mil perguntas para o Finn, o suficiente para ter certeza de que ele não era um assassino em série ou um repórter disfarçado, os dois tiveram uma conversa agradável. Meu pai me contou que falaram principalmente de palavras e de quantos livros os dois tinham lido, e provavelmente do quanto eram eruditos. Posso ouvi-los dizendo: *Ah, olha só, como somos especiais e eruditos! Blá. Blá. Blá.*

Erudição significa “grande conhecimento obtido em livros”, o que eu sei bem, porque uma vez o Sr. Wistler disse que queria nos transformar em “eruditos cidadãos do mundo”. O truque, segundo ele, era nunca deixar ninguém ouvir você chamar a si mesmo de erudito, ou iam achá-lo o contrário: ignorante. Então *erudito*, de certa forma, é uma palavra-problema.

A casa da Charlotte é muito fresquinha e cheira a cookies. Eu bem que

poderia tirar um cochilo.

— Tente ler isso por uma hora antes de sucumbir à Tevelândia — diz Charlotte, me entregando um exemplar de *O emblema rubro da coragem*.

Ela diz que vou impressionar as pessoas se ler esse livro agora. Mas eu fico me perguntando se ela o escolheu pelas palavras *emblema rubro*, porque, se for o caso, não foi engraçado.

É uma conspiração entre o papai, Charlotte e Finn. Todos os três, com suas escolhas de livros metidos à besta. Não posso imaginar o que eles pensariam de *O valente libertino*.

Pego o livro e me jogo no sofá da sala. Abro na primeira página e já estou entediada. Podia só ficar ali o dia inteiro, bebendo Coca e comendo salgadinhos. Meio cochilando, esticada que nem um cachorro. Podia mandar outra mensagem para Lisa e ver se ela está mais perto de beijar algum garoto do acampamento. Esperar até ouvir o aspersor de algum gramado ligar e sair correndo pelos jatos de água até ficar encharcada. Seria uma perda de tempo, eu sei. Mesmo assim, parece um bom dia para fazer alguma coisa infantil, alguma coisa do meu antigo eu.

Ouçõ a porta de um carro bater e corro até a janela. Não, não é o Sr. Dupree, como eu esperava. É Finn, subindo pela calçada. Ele está usando uma camisa de botão xadrez, bonita, e seus jeans surrados, que são do mesmo tom de azul dos seus olhos. Sento de novo e me ajeito para não parecer tão preguiçosa. Meu cérebro me diz: *Por que não se lembrou de passar nem um brilhaquinho nos lábios? Qual o seu problema?*

Abro o livro de novo para deixar Finn impressionado.

Então calculo o momento exato de falar para que minha voz soe super-relaxada, e ele entra em casa.

— E aí.

— Tudo bem?

— Estou lendo.

Agora eu sei que minha voz parece natural.

— Achei que você só lesse revistas.

— Bem, não é verdade. — Um grande sorriso aparece no rosto dele. Finn tem o tipo de rosto que faz você querer sorrir. — E aí, você tem namorada?

— Você é bem direta, hein? — diz ele, bem irritado. — É de família.

Se Finn soubesse o que mais é de família, sairia da sala que nem um criminoso, devagar e com as mãos para o alto.

— Você foi interrogado e considerado digno — falo.

— Bem, fico feliz, acho — diz ele. — Imagino que é melhor ser direto mesmo.

— Vai ser muito fácil para as pessoas interpretarem mal as coisas se você não for.

Quero dizer a ele que descobri essa filosofia depois de me mudar muitas vezes. Você tem pouco tempo, então é melhor ir conhecendo logo as pessoas se quiser fazer amizade. Ser a garota sem amigos nunca me ajudou em nada. Além disso, meninas sem amigas sempre são vítimas dos dardos.

— E então? Namorada?

— No momento, não — responde Finn, o que deixa meu coração feliz. — O que você está lendo? — Ele vira a capa do livro. — Esse é bom.

— Eu devia ter lido mais, mas está muito quente — comento. — Por que o calor deixa a gente sem vontade de fazer nada?

— O verão é mesmo tempo de preguiça — diz ele.

Eu me pergunto se Finn consegue ler a minha mente, pois é exatamente isso que estou pensando.

Ele tira um livro da mochila. Não consigo ver qual é, mas é supergrosso e verde, então deve ser da faculdade. Esse tipo de livro não serve só para ler. Pode ajudar a apoiar o macaco embaixo do carro quando você precisar trocar um pneu, coisa que meu pai já fez uma vez.

— Tenho outra pergunta — digo.

— Não acredito! — diz ele, todo dramático.

— Quando você pegou meu iPod e colocou aquelas duas músicas nele?

— Quando você e Charlotte estavam fazendo alguma coisa supersecreta de garotas. — E depois ele completa: — E, por falar nisso, de nada.

— Como assim?

— Achei a sua lista de músicas muito fraca — explica ele.

— É o que eu gosto.

— Você não tem que ouvir o que as pessoas acham que uma garota de doze anos devia gostar, sabia? — diz ele.

Não posso lhe dar o gostinho de saber que até gostei um pouco das músicas que ele escolheu. Só as escutei cinco vezes.

Leio pelo que parece um milhão e meio de anos, mas na verdade é apenas meia hora. Os regadores no gramado do Sr. Gustafson ligam e desligam. O cachorro que mora no jardim cercado do Sr. Stanley late sem parar para o nada.

Alguém na rua quica uma bola de basquete. Não consigo me concentrar na página com todo aquele movimento lá fora. Eu queria estar de pé no toco de árvore. Mas por outro lado também não quero desperdiçar o tempo que tenho com Finn. Se eu acabar tendo que mentir sobre meu primeiro beijo, resolvi que Finn está entre os dois principais candidatos para o papel principal.

— Quer ver tevê? — pergunto. — A gente deixa baixo para não incomodar Charlotte. E prometo que depois eu leio mais.

— Por mim, tudo bem.

Ligo a tevê, mas ela demora alguns minutos para esquentar. Nunca vi uma engenhoca tão velha. É uma caixa gigante de madeira que mantém uma tevê como refém dentro de si.

— Sugestões? — pergunto, com medo de escolher um programa que grite: *Eu tenho doze anos*. O que eu queria ver era *The Price Is Right*, embora seja melhor em *Jeopardy!*.

— O que acha de *The Price Is Right*?

Pronto. Temos mais uma coisa em comum. O apresentador anda saltitante pelo palco, aplaudindo e cumprimentando os competidores sortudos que querem mais do que qualquer outra coisa ganhar conjuntos de máquinas de lavar e secar roupas, uma cama elástica ou um candelabro. Esses são os itens fáceis de adivinhar, mas fica mais complicado quando chega a hora dos carrões e das viagens. Esses podem enganar muito. Meu pai sempre adivinha os preços dessas coisas lá em casa (mas como ele pode saber, se nunca vai a lugar nenhum?).

Uma mulher pula que nem uma maluca depois de acertar o preço de um laptop. Grande coisa! Todo mundo sabe isso. O programa faz um intervalo para os comerciais. Um rápido boletim de notícias começa a informar as principais manchetes. Eles sempre fazem isso pela manhã, para que as pessoas preguiçosas que ficam vendo programas de auditório possam pelo menos ter uma ideia do que está acontecendo no mundo.

Quando começo a me levantar do sofá para ir ao banheiro, a apresentadora, uma mulher bonita de terninho vermelho, me faz parar no ato.

“Esta é apenas a segunda vez na história do Texas em que uma pessoa é acusada por esse crime. A primeira foi o caso de Thomas Nelson, após o julgamento de sua esposa, Jane Nelson.”

E lá está ela, entrando na minha vida sem avisar e sem ser convidada. Uma foto da minha mãe usando uma camisa branca com uma parede azul-claro ao fundo, do tipo que aparece em fotos de crianças pequenas na escola. Eu nunca

tinha visto aquela imagem dela.

— Tenho que voltar para casa.

Finn talvez tenha dito alguma coisa, mas não consigo ver nem ouvir nada agora. Acho que é isso que acontece quando as pessoas dizem que estão anestesiadas.

Eu vejo meu quarto cor-de-rosa e me vejo encaixotando as coisas, ouço o ruído agudo da fita adesiva se desenrolando e abraçando as laterais de uma caixa que vai ser carregada para o nosso quinto endereço diferente. Pegando Planta e lhe contando que ela vai ganhar uma janela nova. Vamos ter que consertar os buracos no guarda-roupa do meu pai e conferir se os armários da cozinha estão vazios.

Temos tanta coisa em que pensar. Vou virar *aquela* garota de novo. De novo.

Finn desliga a tevê. Vejo meu reflexo na tela. Pareço estar muito mais longe do que estou.

Fecho os olhos para não ter que olhar para mim mesma e ouço a voz daquela menina má dizendo: “Ah, você é *aquela* garota?” Algo no jeito como ela falou *aquela* me fez congelar no meio do corredor. Quando as pessoas fazem nove anos, acontece alguma coisa que aumenta a curiosidade delas. Uma menina enxerida entrou na minha vida, e ela se chamava Gina Graham.

O armário da Gina Graham era bem ao lado do meu. O dela tinha tantas letras G-I-N-A enfeitando que dava para pensar que ela não conseguia se lembrar do próprio nome. Eu já conhecia garotas como Gina. São aquelas com cabelo loiro natural e compriiiiiido. Elas dominam o pátio. Anunciam para o mundo que têm namorado, mesmo que você não esteja nem aí. São filhas únicas. Não sorriem. São intimidantes. E dardos.

— Minha mãe me falou que a sua mãe é aquela mulher que ficou louca — disse Gina. Eu só bati a porta do meu armário e, em vez de falar alguma coisa, saí andando. Mas ela não desistiu. Foi correndo e parou bem na minha frente, botou sua cabeça superloira bem perto de mim e disse: — Você é louca também?

Eu disse a coisa mais inteligente em que consegui pensar:

— Cala a boca! Você não sabe do que está falando.

Sentia as lágrimas brotarem no fundo dos olhos. De alguma forma, meu corpo sabia que eu não ia ganhar.

— Sei, sim. Você é aquela garota — berrou Gina, agressiva.

Eu fui para o banheiro me esconder. Fiquei um tempão chorando sozinha e

tentei pensar em maneiras de desaparecer, de me dissolver e passar pelas rachaduras nas lajotas do piso. Aí lembrei que Gina poderia pisar em mim, então não era uma boa ideia.

Passei a aula seguinte inteira sentada ali, relembrando as palavras da Gina.

A mãe da Sarah é louca.

Antes que o diretor viesse me procurar, escrevi mentiras sobre Gina na parede do banheiro. Fiz com a mão esquerda, para que parecesse a letra de um maníaco.

Não tenho ideia de como fui acabar no meio da rua. Adoraria ver o replay. Eu fui andando ou correndo? Não sei. O que sei é que de repente entendi meu sonho com Simon. Ele estava tentando me avisar quando botou aquele bilhete na minha mochila. Com certeza é um sinal de loucura acreditar em sonhos com meu irmão, mas eu acredito. Alguém ligue para o hospital e diga que venham me buscar agora, mas eu sei que Simon ainda está ligado a mim de uma forma que não consigo descrever. Não há outra palavra para isso que não seja *gêmeo*.

Finn também me seguiu até aqui fora, e estamos parados no calor sem falar nada. Está quente demais. O cheiro da estação de tratamento de esgoto já está forte. Prendo a respiração, e as cólicas na minha barriga vêm em ondas. Tenho que continuar em movimento ou meu cérebro vai criar um filme de terror chamado *Todo mundo sabe da minha vida*.

— Daqui a pouco vai aparecer um caminhão de mudanças na frente da nossa casa — digo a Finn.

Vejo papai carregando uma caixa com a palavra *frágil* escrita com canetinha preta. Depois vêm o lugar novo e uma pilha de jornais amassados aos meus pés, na cozinha, enquanto resolvo se os copos devem ficar perto da pia ou da lava-louças. Nossa correspondência está por aí, cada uma tem uma etiqueta amarela com um aviso de remeter para o novo endereço.

— Por que você acha que vai se mudar?

— A gente sempre se muda.

Tem uma pedra no meu chinelo, eu o tiro com um chute e sinto o calor do asfalto subir pelo meu pé. Observo a casa em que vivo agora, tento vê-la como era no dia em que chegamos.

— Você sabe quem morava aqui antes da gente?

— Não.

— São fáceis de identificar, sabia? As casas alugadas...

— Como?

— É como ver alguém usando uma roupa que foi moda dez anos atrás... E o gramado é sempre feio.

— Acho que o toco de árvore também é uma dica.

— É, ninguém teria um toco desses de propósito, não é?

Subo no toco e sinto a brisa tocar bem de leve o meu rosto.

— Minha mãe não está morta — conto a Finn, agora com lágrimas escorrendo. Ele dá a volta e fica de frente para mim. — Ela só é louca, ou, se você não gostar dessa palavra, irreversivelmente inalcançável.

— Sinto muito.

— Minha família é estranha — digo.

— Estranha. Incomum. Peculiar. Diferente — declara ele. — Desculpe, não consigo evitar. Ei, eu apago as músicas, se você quiser.

— Não, pode deixar — retruco e continuo. — Por favor, não conte para ninguém.

Mas aí percebo como meu pedido é idiota. O mundo sabe. Os alienígenas de outros planetas sabem.

— Contar o que para quem?

Justamente quando olho para ele, Finn dá uma piscadela para mim. Eu guardo isso no coração, de onde vou tirar mais tarde para olhar de novo.

— Não quero voltar lá para dentro — falo. — É como se a tevê soubesse.

— Aquela tevê é tão velha que está com problemas de memória. Quando *Jeopardy!* começar, ela já vai ter esquecido.

Não me pergunte como eu sei, mas acho que talvez ele possa ser o vigia da cripta dos segredos. Desculpe, Jimmy. Finn agora é o número um na minha lista de namorados em potencial. Ele nunca contaria.

capítulo 23

Se eu for forçada a fazer o trabalho de árvore genealógica no sétimo ano, o mundo vai saber o que eu já sei que é verdade. O gene da loucura está criando raízes, fundando uma cidade dentro de mim. Ruas perto dos meus pulmões. Um parque ao lado do coração. Montanhas-russas em volta do crânio. Mas, como provavelmente a gente vai se mudar, acho que o Problema 2 destas férias está resolvido. Essa é a questão dos problemas. Quando um se resolve, tem outro pronto para tomar o lugar dele.

Agora, a única saída para não pensar nisso é não ficar parada. Eu desço do toco.

— Aonde você vai? — pergunta Finn.

— Preciso de uma resposta — digo.

A porta da frente dos Dupree é de um belo tom de chocolate. Meu punho bate na madeira. Então eu me dou conta de que deveria bater com menos força. *Tap. Tap. Tap.* Toco a campainha e ouço o som de sinos lá dentro, mas ninguém responde. Ninguém. A casa está silenciosa, e isso me deixa com raiva. Por que ninguém atende?

Então há um movimento nas cortinas, seguido pelo estalido da porta sendo destrancada.

— Sim — diz a Sra. Dupree abrindo a porta, com os olhos entreabertos por causa da luz. — Em que posso ajudar?

— Olá — digo, insegura e trêmula. — É que seu carro não saiu do lugar. Fiquei preocupada.

O rosto dela desmorona, e ela torce o tecido do vestido de ficar em casa. Então percebo que ela não está nem um pouco arrumada. Completamente desconjuntada. O cabelo, o rosto e o vestido são todos de alguém que está dormindo faz tempo.

— Sarah... — diz com esforço. — Ah, querida, sinto muito por ter deixado

você preocupada, mas...

Sua voz some, e o olhar baixa para o chão. Ela não consegue terminar a frase, mas dá para saber que a última palavra seria luto ou um de seus sinônimos.

— Podemos ajudá-la? — pergunto. Ela ergue os olhos, e eu percebo que é a primeira vez que nota a presença de Finn. — Este é meu amigo, Finn. Ele estuda linguística e não é nem um pouco perigoso — digo, como se fosse a chefe dos detetives e estivesse apresentando as credenciais do Finn.

— O Sr. Dupree — começa ela.

Então seu corpo estremece e diz o que sua boca não consegue expressar. Alguma coisa ruim aconteceu. Eu sei.

A Sra. Dupree faz um sinal para a gente entrar. Nós três paramos no hall. Finn e eu esperamos que ela continue andando, mas isso não acontece. Na parede há um espelho bem grande e um cabideiro vazio. Vejo o reflexo da Sra. Dupree esperando para saber o que fazer em seguida. Neste instante, esse pequeno espaço é o lugar mais solitário da Terra.

— Vamos sentar, meninos, e eu vou lhes contar sobre o Sr. Dupree.

—

Já vi *talk shows* matutinos suficientes para saber que não há muita coisa a dizer para uma pessoa de luto. Por mais que você diga *É, eu sei pelo que você está passando, mas vai melhorar, o tempo cura tudo*, não adianta. Mas por algum motivo as pessoas se apegam a essas frases como salva-vidas emocionais. Alguém devia jogá-las no lixo. Elas já estão gastas. Eu não digo nada, só deixo a Sra. Dupree falar.

— Não quero que vocês fiquem tristes por causa da minha perda — diz ela.
— Eu só queria que o Sr. Dupree estivesse aqui, sabem?

Então as lágrimas escorrem por seu rosto, e há um longo silêncio. Eu sei o que é perder alguém, eu podia dizer, apesar de saber que isso não ajudaria. Já fiquei deprimida, então qualquer coisa que ela diga só vai me fazer balançar a cabeça e pensar: Sim, eu sei. Também já perdi alguém. Nós podíamos montar um clube.

Por exemplo, eu me pergunto em que Simon e eu seríamos parecidos. Fico tentando imaginar as coisas de que ele gostaria, para que eu possa fazê-las, já que ele não teve a chance, como quando entrei em um time de futebol.

Há alguns retratos de nós dois que fico olhando sempre. Não sei como, mas um dia vou levar uma dessas fotos para um laboratório de criminalística, para os técnicos fazerem uma daquelas de projeção de idade, como fazem nas fotos de crianças desaparecidas nas caixas de leite, para que as pessoas saibam como elas seriam hoje. Se eu gostaria de ver como Simon seria hoje, com doze anos? Eu adoraria.

O rosto da Sra. Dupree agora está molhado com lágrimas que não param de escorrer, e ela simplesmente deixa que pinguem no jogo americano em cima da mesa da cozinha, depois passa o dedo na pocinha formada, enquanto explica como o marido morreu. Em pouco tempo, a Sra. Dupree começa a contar histórias sobre o homem com quem viveu por mais de quarenta anos. E não se importa em dividir suas lembranças conosco, aqui e agora. Ela é um livro determinado a ser lido.

— Além de fazer projetos maravilhosos de marcenaria — continua ela —, ele também fazia canetas. Eu já contei isso para vocês? Ele fazia canetas com madeira de pau-rosa boa e as dava de presente de Natal.

— Eu não sabia que existia madeira de pau-rosa — digo.

— Tem certeza de que não quer mais uma maçã, querida? — pergunta ela, tocando o dorso da minha mão.

A diferença entre as nossas mãos é como fogo e gelo. Ela trabalhou duro durante a vida inteira, e minhas mãos não fizeram nada. Ela viajou muito, e eu só fiquei em casa. Espero que um dia minhas mãos sejam como as dela. O mais interessante tipo de mapa.

— Não, obrigada — respondo.

— E seu amigo? Você quer mais, rapaz? — pergunta ela.

— Não, obrigado.

A cozinha se enche de palavras não ditas. Elas pairam entre nós. Bolhas de pensamentos à espera de uma cabeça. Estou acostumada a ter perguntas que não posso fazer em voz alta, porque moro com o meu pai. Só que agora a sensação de ficar calada é boa. Minha avó diria que estamos mergulhados em silêncio. Gosto dessa ideia, e imagino que com isso lavamos a tristeza do luto da Sra. Dupree e nos livramos dos repórteres que interromperam *The Price Is Right* com notícias ruins. Ficamos sentados ouvindo o relógio de parede em formato de maçã fazer tique-taque, tique-taque.

Depois de mil tique-taques, Finn diz:

— Sra. Dupree, tem alguma coisa que possa fazer para a senhora aqui na sua casa? Precisa consertar ou mudar alguma coisa de lugar?

O modo como Finn termina a frase demonstra muita vontade de ajudar.

— Ah, você é um doce mesmo! Meu filho está chegando este fim de semana — diz a Sra. Dupree. — Não tem muita coisa para fazer. Tudo aconteceu tão de repente... Quando olhei para o lado, ele tinha partido. Aí liguei para as autoridades, que levaram o corpo embora. Nós já tínhamos deixado tudo resolvido anos atrás. A única coisa que tenho que fazer é decidir o que vestir. Devia ser mais difícil, vocês não acham? Cuidar de alguém que morreu? Devia haver mais coisas a serem feitas.

Ela está chorando de novo, então seguro sua mão. É a única coisa em que consigo pensar.

— Perdi meu pai há alguns anos — diz Finn. — E foi difícil.

Eu o chuto por baixo da mesa por dizer justamente a coisa errada: comparar uma morte com outra.

— Sinto muito por sua perda — retruca a Sra. Dupree.

Finn me lança um olhar de cachorro assustado, então sei que ele entendeu o que eu quis dizer.

Examino a casa escura à procura de fotos de família. A melhor maneira de fazer amigos é fazer perguntas sobre eles. Uma foto poderia ser um bom ponto de partida. A Sra. Dupree puxa a mão e começa a alisar o jogo americano, já completamente liso. Percebo um anel de diamantes bonito no seu dedo anelar. Ele parece algo recém-nascido. Reluzente e novo.

— Essa é a sua aliança de casamento? — pergunto.

Ela encara as mãos, olhando para elas como se tivessem sido grudadas agora mesmo.

— Nossa! Isto? É, sim, querida.

Ela tira a aliança do dedo com muita facilidade e a mostra para mim. Explica que há um padrão de três diamantes, um rubi, três diamantes, um rubi. A Sra. Dupree conta que o marido quis rubis, porque ela ficava muito bonita de vermelho. E diamantes, é claro, porque ele achava que ela brilhava como um. Era um anel de prata fino porque, quando eles se casaram, era só isso que ele podia comprar. Quando fizeram dez anos de casados, ele lhe deu dez rosas de presente e entregou uma de cada vez. Junto com a décima lhe deu a aliança nova. É uma das histórias mais lindas que eu já ouvi.

— Vocês dois querem mais uma maçã? — pergunta ela de novo.

Bem, desta vez seria simplesmente falta de educação recusar. E, no lugar do silêncio, nós três escutamos o som agudo e rascante de três pessoas comendo maçãs. Ficamos sentados assim até ouvirmos Charlotte gritando. Vou correndo à janela da Sra. Dupree e a vejo parada no meio da rua, chamando meu nome. Nossa, mas que vergonha! Finn e eu saímos e acenamos para ela.

— Estamos aqui com a Sra. Dupree — digo.

— Não acredito que vocês dois saíram assim desse jeito — diz ela com raiva.
— Seu pai não está me pagando o suficiente para me preocupar com os lugares em que você possa estar.

Ela reclama mais, diz que eu devo ligar para o meu pai imediatamente, e o que você estava pensando, Finn, saindo com ela sem nem deixar um bilhete?

Tenho que ouvir mais, com certeza, mas só vejo meu pai dando notas de dez dólares a Charlotte para ela tomar conta de mim. Eu não sabia disso. Às vezes sou burra demais.

capítulo 24

Quando eu era mais nova, queria ser astronauta. Não porque eu tivesse algum conhecimento especial sobre o espaço, o que não era o caso. Era porque eu queria ver a Terra inteira de uma só vez. Vi fotos em um livro de como ela é vista do espaço e queria ver aquilo com meus próprios olhos. Um turbilhão marmoreado de azul e branco. Depois ouvi um astronauta dizer que podia encostar na janela do ônibus espacial e esconder um grande pedaço do planeta. Dá vontade de saber se Deus faz isso de vez em quando, só porque pode. Ele talvez até queira esconder certas pessoas apenas para ver como as coisas na Terra ficariam sem elas.

Esta noite eu esconderia Charlotte e meu pai. O papai acha que eu ainda preciso de babá. E não acredito que ela esteja sendo paga para ficar comigo. É uma dor muito grande que me pegou de surpresa. E ela é cúmplice do crime.

cúmplice *s2g*. quem contribui de forma secundária para a realização do crime de outrem

Papai chegou em casa cedo. Achei que falaríamos sobre a reportagem da tevê, faríamos algum tipo de plano, e eu deixaria escapar que sabia que ele tinha escondido de mim a história de babá, mas, quando ele entrou em casa e botou a pasta em cima da bancada da cozinha, só me deu um beijo na cabeça e disse:

— Não vamos falar sobre isso agora, tá?

— PBroom descobriu? Ela viu o jornal na tevê? — perguntei.

— Não tenho ideia — respondeu ele. — Vamos esperar para ver.

Esperar para ver significa: pare de falar nisso, Sarah, e mude de assunto.

— Fomos visitar a Sra. Dupree e soubemos que o marido dela morreu — disse. — É muito triste.

— Ele era simpático — comentou papai.

Meu pai tentava fingir que a vida estava normal, como se não houvesse mil e uma coisas a serem discutidas. Ele finalmente tinha se lembrado de trazer costeletas de porco para casa, o que acabou sendo horrível, porque temos o pior fogão da história das cozinhas. É inclinado para o lado esquerdo, então você tem que prestar atenção sempre e mexer a comida o tempo todo. O óleo escorre para um canto e, se eu não estiver atenta, a carne fica dourada numa parte e preta na outra, que foi o que aconteceu. Tivemos que comer costeletas metade boas, metade queimadas.

Depois do jantar, tentei puxar conversa mais uma vez.

— Pai, você acha que algum repórter vai ligar para a gente?

— Você não precisa se preocupar com isso.

— Eu preciso saber algumas coisas, como, por exemplo, se nós vamos nos mudar e tal.

— Não sei.

Ele foi para o escritório como sempre e se trancou lá dentro.

Sentei do lado de fora e fiquei ouvindo enquanto ele conversava com os meus avós. Não havia muita coisa que eu pudesse anotar no caderno, só um monte de *uhum*. Talvez ele esteja tão melhor que isso não o incomode mais. Não, provavelmente não. Quanto menos ele fala, mais aborrecido está.

Então, na minha opinião, eu tinha o direito de fazer o que fiz. Sempre há maneiras de fazer uma pessoa falar.

Eu tenho as minhas.

Primeiro, fui à garagem, peguei a garrafa de uísque e comecei a derramá-la em Planta. Aí percebi que aquilo não faria nada bem para ela, o que mostra claramente como sou idiota. Pedi desculpas, joguei o resto de uísque no vaso e dei descarga. *Flush!* Foi embora.

Aí enchi de novo a garrafa com suco de maçã. Rá! Quero só ver quando ele perceber que não tem mais nada. Vamos ver como meu pai se sente com as coisas sendo trocadas sem que ele saiba. Mas ainda estou preocupada por embebedar Planta. Vou ficar a noite inteira acordada com ela para garantir que fique bem. Se as folhas estiverem murchas de manhã, vou dar um Google para ver o que fazer.

Está quente demais em meu quarto para dormir agora. Minha mente ainda está girando em direções diferentes. Abraço meu cobertor, querendo que ele me abrace de volta, mas aí fico com calor demais e chuto as cobertas para longe.

Viro o travesseiro para o lado frio e aperto meu rosto no tecido, tentando parar de pensar que todas as pessoas em Garland sabem o nosso segredo. Jimmy Leighton e até o Sr. Wistler. Enfio a cabeça no travesseiro, mas não adianta.

Por isso penso na única coisa que posso fazer agora. Tiro a tela da janela e pulo para o quintal, levando Planta comigo. Um raio de luar ilumina o gramado, e eu vou atrás dele. Está quente do lado de fora, mas o ar tem um cheiro gostoso, como de grama recém-cortada, e eu penso: *Por que nunca durmo no quintal?*

Boto Planta no gramado e me deito no jardim, me esticando como se fosse fazer um anjo de neve em pleno verão. O céu está limpo e aberto. Hora de desligar a mente como uma luz. A minha é a única ainda ligada, ainda girando sem parar. Um cachorro late a algumas quadras de distância. Gosto desse som. Regular e seguro. É constante e não muda, quase como uma gravação.

Eu me pergunto se o papai me deixaria ter um cachorro. Um de tamanho médio seria legal. Não tão grande que me derrubasse quando chegasse em casa. Uma coisinha peluda a quem eu pudesse contar todos os meus segredos. Mas, por outro lado, não há segredos de verdade. Não quando o maior deles pode interromper um programa de tevê e me expor na frente de um estudante de linguística. Não há artigo de revista no planeta com conselhos sobre esse tipo de catástrofe em particular.

Um estalido baixo interrompe meus pensamentos. Acho que é um pássaro, mas não: é um homem na frente da casa de Charlotte. Sei que é você-sabe-quem pelo jeito como seus ombros são curvados e pelo *clomp, clomp, clomp* das botas idiotas. Eu me pergunto como não ouvi o carro chegando. Ele está jogando alguma coisa na janela, pegando algo no bolso e jogando várias vezes. A luz dela finalmente acende. Eu fico deitada bem abaixada e esticada na grama para que ele não me veja. Charlotte abre a janela. Está tão silencioso que consigo ouvir seus sussurros. É como se eu estivesse em uma investigação policial, colhendo provas.

— O que está fazendo?

— Você me disse para vir e não fazer barulho.

— Por que não usou a porta?

— Achei que podia acordar alguém.

— Minha mãe está viajando, lembra?

Ela o manda ir até a porta como uma pessoa normal, e ele vai.

A luz da entrada acende, e ela aparece nos degraus. Os dois se sentam, e ele a envolve com o braço.

— Eu queria conversar sobre... — diz ela, mas para no meio da frase e deixa o mistério pairando no ar.

Ainda estou imóvel e paralisada, desesperada para saber sobre o que estão falando. Mas eles não estão falando. Os sons que vêm da entrada da casa são de gente chupando chiclete, mas será que eles estariam mascando chicletes agora? Como eu queria ver isso bem de perto, ver como se faz. Só ouvir os barulhos sem ver a ação é nojento.

— Não, para. Para — ouço Charlotte dizer.

— Ah, vamos lá — diz ele. — Vamos lá.

Não ouço Christopher dizer nada. Levanto a cabeça só um pouquinho, bem a tempo de vê-lo em cima dela.

— Christopher! — diz ela. — Não, agora não.

Pelo tom da voz de Charlotte, percebo que ela está com problemas. Me pergunto se eu deveria fazer alguma coisa, tipo gritar. O que um detetive faria agora? Com certeza não ficaria pregado na grama, mas é o que eu faço. Eu me sentia do mesmo jeito quando era pequena e achava que tinha um monstro embaixo da cama esperando para me pegar pelo pé e me puxar para baixo do colchão. Minha estratégia na época, como agora, era ficar o mais imóvel e muda possível. Decido contar até vinte e me levantar. Vou me obrigar a fazer alguma coisa.

Então ouço mais gritos dela e um barulho surdo, como se alguém tivesse caído na varanda.

Ouçó a porta bater. Depois, a voz firme de Finn.

— Vai para casa.

Se eu fosse Christopher, ficaria com medo de Finn. Mas Christopher o xinga, depois diz que Charlotte só ficava provocando e fazendo doce e mais algumas coisas. Viro um pouco a cabeça. Ouço os passos pesados das botas de Christopher seguirem pela calçada. A porta de um carro bate. Ele faz uma volta de cento e oitenta graus no meio da rua sem saída, e o farol varre nosso quintal. Eu rezo para que ele siga em frente e não me veja.

Charlotte está chorando e gritando palavras completamente incompreensíveis para o carro de Christopher. O que quer que ela tenha dito o faz frear, mudar de marcha e voltar de ré.

— Você vai se arrepender disso! — grita ele, com a voz clara como água.

— Vá embora! — grita Finn.

Há o barulho de algo duro batendo em metal, e o carro de Christopher sai

zunindo. Eu me apoio nos cotovelos e vejo Finn jogando pedras no para-lama.

Eu queria poder ver a expressão da Charlotte. Os olhos dela dizem muito mais do que qualquer palavra pode expressar. Ela entra na casa, e Finn fica parado sozinho na calçada. A lua projeta sua sombra no chão. Eu reúno toda a minha coragem e tento de alguma forma sussurrar e gritar ao mesmo tempo.

— Finn!

— Sarah?

— Aqui.

Acabei com o meu esconderijo, mas tudo bem. Ele se vira e vem na minha direção.

— O que aconteceu? — pergunto a ele.

— O que você está fazendo aqui fora?

— Olhando para a lua e querendo estar lá.

Ele senta na grama ao meu lado. Eu deito, e ele faz o mesmo.

— Você pode tampar a lua inteira só com o polegar. — Eu mostro a ele, e ele faz também. — E, a certa distância, você pode cobrir uma pessoa inteira.

— Você queria fazer isso também?

Dou um sorriso como resposta, apesar de ele não poder vê-lo no escuro. O ar fresco da noite nos cobre, e de repente Garland não parece uma cidade sem graça e entediante onde nada interessante acontece.

“Sarah!”

A voz de papai está cheia de raiva. Seu hálito provavelmente cheira a suco de maçã. Rá, rá! Quase consigo ver seu rosto intrigado ao perceber que foi enganado.

Escondo a lua atrás do polegar. Se eu pudesse estar na Lua e bloquear a visão do mundo inteiro, faria isso.

“Sarah, cadê você?”, grita meu pai.

— Você vai responder? — pergunta Finn.

— Eu odeio meu pai, que bebe demais por causa dela. Ele é muito imaturo.

“Sarah!”

— Além disso, não consigo ouvi-lo, porque estou fingindo estar no espaço.

Então ficamos deitados ali, olhando para as estrelas. O telefone de Finn toca, aquele bipe avisando que você recebeu uma mensagem. Ele olha para o celular e o guarda no bolso. Espero que meu pai não tenha ouvido.

— Quem é?

— Uma garota.

— E aí?

— E aí o quê?

— Você gosta dela?

— Acho que gosto. Ela é bem esperta.

Rá! Eu também posso ser esperta. O telefone dele toca de novo, mas desta vez ele o desliga.

“Sarah! É melhor você me responder!”

— Você não tem que entrar? — pergunta Finn.

— Ainda não estou ouvindo nada — digo. — No espaço, não se ouvem os sons como na Terra. O som precisa de algo em que viajar, como um gás ou um sólido.

— Bem, obrigado pela informação.

Estou impressionada comigo mesma.

— Feira de ciências. Terceiro lugar.

A prova de que sou inteligente é uma fita branca e brilhante.

— Então como consegue me ouvir?

— Você também está no espaço.

Mas não com a outra garota e as mensagens de texto. Ela deve permanecer na Terra e ficar burra, enquanto nós dois descobrimos uma nova galáxia. Vou deixar Finn escolher o nome para a nossa descoberta, embora obviamente eu saiba mais sobre o espaço que ele.

“Está bem, então fique no seu quarto”, grita meu pai.

Está bem. Vou ficar.

O céu azul-escuro cintila com as possibilidades. Diamantes no veludo. Finn descansa confortavelmente do meu lado, como se quisesse estar ali. Minha mente se lembra de toda a cena e a guarda em segurança, para que eu possa rever esta noite várias vezes.

capítulo 25

De manhã, o ventilador no teto gira acima de mim com um ritmo irregular que parece dizer *a-sua-hora-vai-chegar, a-sua-hora-vai-chegar*. Eu o desligo e abro a janela, e tudo o que entra é um ar bem quente. Não quero fechá-la. Preciso de mais espaço para respirar, ou talvez de uma rota rápida de fuga. Até onde sei, vou ficar nesta cela cor-de-rosa pelo resto da minha vida. Ele vai ficar com raiva de mim. Vai ficar com aquele tipo de raiva silenciosa, que é a pior de todas. Não há maneira de entrar na mente de uma pessoa quando ela está calada. E, é claro, vai ser culpa minha. Eu sabia que *bêbado* era uma palavra-problema.

Ontem à noite, quando entrei, ficamos parados no corredor estreito, eu em uma ponta e ele na outra, segurando a garrafa vazia, como se estivéssemos em um duelo, prontos para sacar nossos revólveres.

— O que você estava fazendo lá fora? — perguntou ele. — Por que não entrou quando eu chamei?

Usei meu direito de permanecer calada e fiquei esperando ouvir o vidro quebrar, ver o estilhaçar de mil pedacinhos na parede. Já havia um lugar na tinta que alguém tinha remendado e pintado por cima.

— Você quer me contar alguma coisa? — disse ele.

— Não.

— Tem certeza?

— Acho que meus atos já disseram tudo.

— Não banque a espertinha comigo, Sarah!

— Então não banque o bêbado comigo, pai!

Foi como se outra garota de Garland tivesse dito aquelas palavras, não eu. Não sou tão corajosa assim. Mas a outra garota que parece comigo, bem, ela era corajosa. Ela podia falar palavras-problema sem pensar duas vezes.

Depois do que pareceu um século, meu pai veio até mim e me deu um abraço apertado. O oposto do que você esperaria em um duelo. Senti o cheiro da colônia

que dei para ele no último dia dos pais, uma marca que descobri em uma dessas propagandas de revista que vêm com uma amostra do perfume. Quando o abraço terminou, ele me segurou com os braços esticados e a cabeça baixa. Então me deu boa-noite, voltou para o quarto e fechou a porta. Eu o ouvi levantar de manhã, tomar um banho, abrir a porta da garagem, que range, e sair de carro sem dizer nada. Sei por experiência própria que os castigos atrasados do papai são os piores, o que significa que vou ter um dia inteiro para sofrer.

Só o que posso fazer esta manhã é tentar descobrir o que aconteceu entre Charlotte e Christopher. Quando mandei uma mensagem de texto mais cedo, ela respondeu que não estava se sentindo bem. Perguntei se Christopher passaria lá, o que eu tinha certeza que não ia acontecer. Ela só respondeu que o amor é difícil. Nada do que ouvi noite passada parecia ter a ver com amor. Mas, afinal, o que sei eu sobre amor e relacionamentos? Resposta: nada.

Eu tinha sete anos quando meu pai se divorciou da minha mãe.

Ele me disse com a sua voz mais calma que tentaria tornar a vida dela o mais suave possível. A palavra grudou no meu céu da boca. *Uma vida suave*. Imagino que fosse o termo certo. *Suave*.

suave *adj.* liso e agradável ao toque; brando; que apresenta equilíbrio; que apresenta traços singelos, sutis

“Eu devia ter feito isso há muito tempo”, disse ele.

Quando o meu pai levou os papéis para ela no hospital, eu observei os dois a distância. Estou me lembrando de mais coisas agora, encaixando as peças do quebra-cabeça que é a minha mãe nas folhas deste caderno. Aquela foi minha segunda visita ao hospital. Nós nos sentamos do lado de fora. Eu li um livro enquanto ele ia até lá, e os dois se falavam.

Quando tirei os olhos do livro, pensei: *Lá está um belo casal conversando*. Daria uma bela pintura. Mas aí consegui vê-la desmornar um pouco, as mãos pousadas no colo, brincando com um pedaço de papel, dobrando e redobrando-o várias vezes. O médico nos disse que minha mãe tinha participado de algumas aulas de origami, o que me pareceu estranho: por que você assistiria a uma aula

para aprender a dobrar um pedaço de papel? Mais tarde, o médico nos mostrou seus passarinhos e suas borboletas, cada um criado por ela mesma. Havia dezenas e dezenas de dobraduras na cabeceira, no batente da janela e arrumadas artisticamente em cima da cômoda. Roubei duas e as escondi entre as páginas do meu livro.

Enquanto meu pai falava, os dedos da mamãe se mexiam como se tivessem decorado os giros e as dobras, como se soubessem exatamente como comandar o papel para que ele tomasse certa forma. Em determinado ponto, o rosto dela se voltou para o céu, e ficou claro que foi o momento em que ele tinha dito a palavra *divórcio*, uma das principais palavras-problema.

O papai usou sua aliança de casamento até o dia em que o divórcio foi concluído. Eu sei porque perguntei naquele dia se podia ficar com ela para mim. Ele a tirou imediatamente, pôs na palma da minha mão e foi para o quarto encher a cara de uísque. Ele não devia fazer isso, é claro. Ouvi a minha avó lhe dizer que não fizesse, falando tão alto ao telefone que dava para ouvir cada sílaba. Mas ele a ignorou, e para mim não parecia ser uma coisa tão ruim fazer isso no dia em que o casamento dele acabou. Eu só esperava que aquela fosse a última separação que eu fosse ver.

Eu guardei os passarinhos de origami e a aliança de ouro dele na minha caixa de coisas importantes, incluindo as cartas e os recortes de jornal sobre o julgamento da minha mãe e depois sobre o dele, também. Não tenho certeza de por que era importante para mim ter aquilo, mas parecia errado jogar fora, o que ele tinha dito que ia fazer. Eu achava que devia guardar aquilo que algum dia o tinha feito feliz. Os sentimentos tristes não durariam para sempre, pensei.

Mas, como eu disse, o que sei eu sobre relacionamentos?

capítulo 26

Esta é outra coisa que a gente tem que aprender por conta própria: você pode fazer todo tipo de planos, mas, se tem doze anos e nenhum carro, é melhor esquecê-los. Está à mercê de alguém com carteira de motorista. Mesmo assim, é o que eu estou fazendo neste exato momento, planejando, apesar de Planta concordar que isso é infrutífero — a minha nova palavra favorita.

infrutífero *adj.* que não dá frutos; incapaz de produzir resultado, ineficaz, sem sucesso, estéril

Às vezes a gente descobre uma palavra nova e pensa: onde você esteve minha vida inteira? *Infrutífero* é uma palavra dessas. Muitas coisas que fiz foram infrutíferas. Como hoje, escrever minha lista de opções para quando nos mudarmos. Treinar escrever meu nome do meio com um *R* todo enfeitado como inicial para esconder das pessoas que sou filha de Jane Nelson. Aliás, estou pensando em passar a usar o nome Rose. Mas Rose Nelson parece nome de velha que usa chapéu para ir à igreja. Já vi algumas delas na igreja dos meus avós. Talvez existam outras opções. Maneiras de me disfarçar.

Agora que Garland conhece meu segredo, também estou arrumando minha mala para partir. Depois de conversar com Planta, concordamos que é uma boa estratégia nos mudarmos para evitar repórteres enxeridos e dardos do mal. Meu plano é ir para a casa da tia Mariah, o que não seria exatamente fugir do papai, mas fugir para a casa de outro familiar. Até Scout e Jem tinham sua tia Alexandra para ajudá-los enquanto Atticus trabalhava. Esse vai ser meu argumento lógico quando descobrirem que desapareci.

Ah, eu só fui visitar a família, o que não é nada perigoso e, na verdade, facilita a sua vida, pai. Você pode mandar minha correspondência para cá, por favor?

Esse plano ainda tem o bônus de solucionar o Problema 2, que ressurgiu com mais força. Imagino que vou fazer o sétimo ano na cidade da tia Mariah, onde não existe nenhum projeto de árvore genealógica para acabar com a minha vida.

Se não fosse pelo computador, eu estaria perdida, mas não, não estou. Tenho os horários dos ônibus da Greyhound e o endereço dela, que anotei no meu diário verdadeiro. Com certeza ela vai me ajudar quando eu chegar. Sei que vou arrumar problema com o meu pai, mas acho que é melhor se informar primeiro e enfrentar o problema depois. Ouvi papai dizer mais de uma vez para a vovó: “É melhor pedir desculpas depois do que permissão antes.” Quando fala isso, minha avó revira os olhos como se ele tivesse dito as palavras mais irritantes do mundo.

— Por que você tem que ser tão teimoso, Tom? — perguntou ela da última vez.
— Era um emprego bom, e você simplesmente se demitiu. Bons empregos de professor como esse não aparecem assim, todo dia.

— Foi decisão minha.

— Você vive fechado no seu mundinho. Vive fechado em uma caixa.

— Estou protegendo o que ainda me resta.

— Não ache que eu não sei que você ainda está bebendo além da conta.

Corta. Corta. Corta. Mais cenouras em uma pilha para ela.

— Bem, desculpe por decepcioná-la.

Clique. Clique. Clique. Mais cubos de gelo em um copo para ele.

Você não precisa ser a Rainha do Óbvio para entender que ele não é louco pela mãe nem pelas opiniões dela. Isso deve fazer você se perguntar por que ele sempre achou uma boa ideia me mandar para a casa dos meus avós todo verão. Além disso, ela também bebe um vinhozinho de vez em quando, então como você pode dizer a alguém para não beber quando também toma umas e outras?

Essas são perguntas que tenho no meu diário falso, só para o caso de ele espionar meu quarto. Será que os pais do meu pai não respondiam às perguntas dele? Se sim, o que ele fazia? Quero muito resolver o mistério do relacionamento deles. Mas agora vou fazer isso sem me aproximar. O que se chama conseguir provas circunstanciais, coisa que terei bastante tempo para fazer quando tiver ido embora.

Enquanto estou ocupada planejando e fazendo o café da manhã, ouço uma batida na porta. É Finn, me informando que Charlotte vai tirar o dia de folga, então vou ter que aturá-lo. Sinto um frio no estômago, porque não considero que

passar um tempo com ele seja ter que aturá-lo.

— Tudo bem com ela? — pergunto.

Quero saber se ele vai me contar as partes que não vi enquanto os espionava no jardim.

— Ela teve uma briga feia com aquele cara. Não acho que voltaremos a vê-lo — explica Finn. — Já vai tarde.

É claro, eu só acredito vendo. Lisa me contou que a primeira briga nunca vale. Por alguma razão, você tem que passar por isso duas vezes para valer.

— Bem, a minha avó sempre diz que você deve ter duas caixas, uma marcada com “Bem-vindo” e a outra com “Já vai tarde”.

Eu me pergunto como posso ter dito uma coisa tão careta. É por causa das más notícias. Mas ele sorri mesmo assim. Eu fiz o Finn sorrir.

— Enfim, temos uma tarefa para hoje — diz ele. — Não quero parecer preguiçoso. A Sra. Dupree precisa de ajuda para encaixotar seus livros. Disse que podemos ficar com os que quisermos e depois vamos doar o resto.

Ele me dá um livrinho de capa dura.

— Já peguei esse para você.

Você não vai acreditar, mas é *O sol é para todos*, de Harper Lee. Uma cópia de capa dura de verdade.

Abro com cuidado, passo a mão pela folha de rosto e sinto o cheiro de livro velho, que é praticamente indescritível. A página seguinte tem algumas palavras escritas à mão. Não sei por quê, mas ver a assinatura me deixa sem fôlego e também faz parecer real, o que, é claro, ela é. Quero tocá-la como toco as palavras escritas pela minha mãe, para ver se consigo visualizá-la com a caneta em punho enquanto as escrevia ali.

Com amor,

Nelle Harper Lee

— A Sra. Dupree realmente encontrou a autora uma vez — diz Finn.

Trato o livro com cuidado e deixo as páginas se abrirem onde quiserem. Elas param em um trecho delicado. Isto foi o que li:

“Nossa mãe morreu quando eu tinha dois anos”, diz Scout. “Por isso nunca senti sua falta.”

— Achei muito pungente — fala ele. — Pensei que talvez pudesse ajudar.

— Com o quê? — pergunto.

— *The Price Is Right*.

— Ah.

— Foi uma ideia boba — diz ele.

— Não, não foi boba — falo. — Obrigada.

Tento me lembrar de procurar *pungente* no dicionário. Minha mente gira, e eu fico com vergonha. Não sou forte como Scout. Sinto falta da minha mãe o tempo todo. Cada vez mais, à medida que vou ficando mais velha. Talvez se eu tivesse um irmão como Jem e um pai como Atticus... Talvez aí eu fosse como Scout.

É estranho como eu compartilho esse segredo com Finn. É estranho que ele me dê um presente de palavras. Tento me lembrar do que sei sobre garotos. No verão passado, li um artigo em uma revista intitulado *Seis segredos que ele não vai contar a você*. Eu recortei a página e a usei como marcador de livros até decorar a lista.

1. Ele já gostava de você muito antes de falar isso.
2. Ele gosta de fazer longas caminhadas na praia.
3. Ele gosta de carinho, sim.
4. Ele prefere não jantar na casa da sua mãe.
5. Ele acredita que é o único homem com quem você já ficou (ou prefere pensar assim).
6. Os gestos dele sempre vão revelar mais do que as palavras.

Mostrei o artigo para Lisa também. Nós analisamos cada item em busca de pistas. Ela disse: *Ora, para começar, por que ele ia querer jantar com a minha mãe?* Faz sentido.

Agora levanto os olhos do livro para o rosto do Finn. Sou esperta o suficiente para saber que não devia dizer nada além de muito obrigada. Ele me olha de um jeito diferente quando digo isso, e eu me pergunto se ele vê meus sentimentos.

— Enfim, todos nós temos grandes segredos — diz ele.

— É mesmo? Qual é o seu? — pergunto. — Tem uma tatuagem escondida em algum lugar?

Ele se apoia no batente da porta e olha para os próprios sapatos.

— Meu pai se matou quando eu tinha onze anos.

Então o tempo espera que ele fale outra vez. Esse é o tamanho do segredo. Ele precisa sair devagar.

— Parece que sou a cara dele, o que é um problema e tanto para minha mãe — diz. — Ela ainda tem que viver com algo que a faz se lembrar muito dele, sabe, queira ou não. Por isso, quando ele morreu, eu meio que perdi os dois pais, entende? Fiquei com raiva dos dois, mas isso não ajuda. Talvez seja assim com seu pai também.

Eu engulo em seco. Esse é o tipo de informação que deixa você com vontade de correr para longe e ficar a sós com ela, dissecá-la e decifrá-la para ter certeza de que entendeu direito.

— Que bosta — é tudo o que consigo dizer.

— Concordo com a sua escolha de palavras — diz ele.

— Pelo menos seu segredo não corre o risco de ser anunciado para o mundo no meio de um programa de tevê.

— *Touché.*

Percebo que estou com uma sensação pesada no peito e uma leveza no estômago, tudo ao mesmo tempo. Não posso garantir, mas acho que o amor é alguém que entende você. E acho que esse alguém está parado bem na minha frente.

— Sorvete. A gente devia tomar sorvete — digo.

— Sem dúvida.

Apesar de mal ter acabado de tomar café da manhã, preparo duas taças bem grandes de sorvete de flocos e nos sentamos nos degraus da varanda, comendo e falando sobre livros. Depois encaixotamos cem livros da Sra. Dupree, o que leva uma eternidade, porque temos que examinar um a um. É o melhor dia da minha vida.

Querido Atticus,

Há problemas em Garland. Eu queria que fosse o tipo de problema que um advogado como você pudesse resolver. Você tem ideia de quantos advogados agora fazem comerciais na tevê, gritando sobre merecer justiça e conseguir botar a maior quantidade de dinheiro possível no seu bolso? Bem, essas coisas existem de verdade. Não gosto nem um pouco desses anúncios, e de uma coisa eu tenho certeza: **você** nunca seria um advogado

assim. Eu adoraria jogar cem exemplares do seu livro na cara deles. Você nunca precisaria fazer um comercial. Se houvesse um crime de injustiça ou algo assim, você saberia o que dizer para ajudar a resolver o meu problema. Diria que meus atos têm menos a ver com o modo como me sinto e mais com o que é certo. O certo não é óbvio nessa situação. Seria bom ter Scout ou Jem comigo agora. Eles saberiam como é a vida em uma situação como a minha, e isso é o que mais preciso. Alguém que realmente veja tudo do meu ponto de vista. Por que você não pode ser meu pai? Bem, chega disso, você diria.

Então aqui está o que posso lhe contar. Passou uma reportagem na tevê sobre a minha mãe. Não tenho ideia de por que as pessoas precisam reviver essa história velha e empoeirada. Não acho que acrescenta nada às outras reportagens sobre outras mães, mas alguém nos prédios onde se escrevem as notícias discorda. Como não sei o que meu pai planeja fazer, estou pensando nisso por conta própria. Sinceramente, meu plano é simples. Vou morar com a minha tia por algum tempo. Se tudo correr bem, talvez fique lá para sempre. Seria bom morar com uma mulher. Sei que você entende, porque deixou sua irmã, Alexandra, ajudar a criar Scout e Jem. Na verdade, tirei a ideia de ficar com a minha tia do seu livro. Sem querer ofender, mas às vezes acho que Scout não sabe a sorte que tem por ter uma mulher para ajudá-la a se tornar uma moça direita. Eu queria poder conversar com o meu pai sobre isso, Atticus, fazê-lo ver as coisas como eu vejo, o que obviamente nunca vai acontecer.

Um abraço,
Sarah Nelson

PS: Uma pessoa disse outro dia que uma varanda não é realmente sulista se não tiver samambaias. Você concorda? Será que eu devo ir ao Alabama para ver com meus próprios olhos? Espero que seja verdade. Eu me dou muito bem com plantas.

capítulo 27

O papai está passando o tempo todo no escritório com a porta trancada. Ouço barulho de digitação e conversas em voz baixa, mas não tenho coragem de pegar a extensão para ouvir a outra voz, então não sei o que está acontecendo. Ele está fazendo planos, assim como eu. Não falamos sobre isso, mas sinto algo chegando. Algo grande. Estou com medo de contar para Planta que, de um jeito ou de outro, vamos acabar nos mudando. Ela está se acostumando com a janela do meu quarto. Tirando a noite do uísque, Garland tem sido boa para ela. Bem, Planta sabe quanto fiquei desesperada por causa do trabalho da árvore genealógica do sétimo ano, por isso sei que vai entender.

Outro fato estranho foi ter encontrado o nome de PBroom no nosso identificador de chamadas. Isso nunca aconteceu antes, por isso não sei se é bom ou ruim.

Resolvi que só posso me mudar para a casa da tia Mariah depois do enterro. Se tem uma coisa que quero que eles digam sobre mim é: como ela foi boa em ter ficado para o enterro do Sr. Dupree. Além disso, a Sra. Dupree me convidou para ajudá-la a fazer tortas de maçã hoje, e pareceria suspeito se eu recusasse. Deixei um bilhete para o meu pai e atravessei a rua sem saída. O concreto quente já estava fervendo, e me deu vontade de quebrar um ovo e vê-lo fritar.

Há mil cheiros doces na casa da Sra. Dupree: baunilha, café, canela, maçã e cravo. O filho dela tem muita sorte. Aposto que ele tinha comida deliciosa no almoço todo dia e um prato de biscoitos quentinhos sempre na mesa. Eu sei que ela o ama tanto assim. Há fotos da família por todos os lados, as paredes são cobertas por tantos quadrinhos que não sei qual é a cor verdadeira da casa. E os porta-retratos em cima da lareira estão arrumados exatamente do jeito que eu faria. Bem de frente, para que você tenha que parar e olhar.

Eu observo a Sra. Dupree esticar a massa de torta com seus dedos ressequidos e surpreendentemente fortes. Ela é mais forte do que se pensaria de uma senhora

de idade. Quero ser honesta com ela, perguntar se pode me ensinar, me presentear com o útil conhecimento da cozinha antes que seja tarde demais e a única receita que eu possa passar a alguém seja hambúrguer de micro-ondas, que não é receita coisa nenhuma. Se meu pai gostasse de ver o canal de culinária, em vez de filmes de caubóis, talvez eu soubesse mais sobre cozinhar do que sobre jogar pôquer.

Agora preciso aprender a preparar uma torta de maçã. É uma coisa urgente. É algo que toda garota deveria saber, além de pregar um botão e passar rímel direito. Antes que eu me dê conta, já estou perguntando:

— Se a senhora tivesse uma filha, o que diria a ela?

A Sra. Dupree sorri.

— Ah, deixe-me pensar — responde. — Bem, eu diria: sempre que comprar uma blusa nova ou algum creme para ficar bonita, vá e compre um livro na mesma hora. Também é importante embelezar a mente, não acha?

Não há ninguém no mundo como a Sra. Dupree. Ninguém. Uma garota pode aprender muito com ela.

— Por falar nisso, seu amigo Finn me disse que você está lendo o livro da Srta. Lee — comenta ela, com os olhos concentrados na massa.

— Estou.

— E o que está achando? — pergunta.

— Gosto da Scout. E gosto da cidade onde eles moram, Maycomb. Eles passeiam pela cidade inteira, sabe? Eu gostaria que a gente caminhasse mais por aqui.

Não conto a ela quanto Atticus significa para mim. O que conto é quanto eu gostaria que tivéssemos uma casa misteriosa no quarteirão, como a de Boo Radley. A casa dos Stanley, com o mato crescido demais, é o mais próximo que temos de algo perigoso, mas é principalmente por causa de todas aquelas abelhas e aqueles insetos. Se eu usasse a imaginação, poderia pensar em algo assustador acontecendo atrás dos arbustos. E também há aquela casa estúpida com a planta em cima do toco. Para a minha total irritação, ela voltou para o lugar, carregada de flores amarelas.

Enquanto falo, a Sra. Dupree concorda com reconfortantes *uhhhummmmmm*, que me deixam com vontade de continuar.

— Scout é um pouco como eu, criada apenas pelo pai.

Mas ela era mais corajosa, com certeza.

— Verdade. É verdade. Ela é uma mocinha determinada.

— Eu quero escrever para ela — digo. — Para a Srta. Lee, quer dizer.

O rolo de massa para de girar, e a Sra. Dupree olha para mim, através de mim.

— Você deveria fazer isso, Sarah. As pessoas nunca deviam ter parado de escrever cartas, mesmo aquelas que não têm a intenção de enviar. Deviam escrever principalmente essas.

O Sr. Wistler gostaria da Sra. Dupree. Por que eu não passei mais tempo com ela antes? Ela é maravilhosa e simpática, e agora eu vou embora. Talvez não seja para sempre. Eu poderia passar um ano fora, me tornar uma aluna anônima do sétimo ano, e depois voltar como uma pessoa inteiramente nova.

— Você gostaria de me ajudar com a torta, Sarah?

O que eu gostaria é de me enroscar aqui e me esconder, ler todos os livros sob este teto, aprender todas as receitas que ela sabe.

— Sim.

Ela põe um pano de prato em volta da minha cintura como um avental e o prende nos bolsos de trás do meu short, depois fica atrás de mim e coloca minhas mãos na posição certa para usar o rolo de massa. Sinto mais felicidade do que uma pessoa pode suportar.

— Você é muito gentil em me ajudar — elogia. — Esta vai ser para o seu pai, está bem?

— Não é problema nenhum — falo.

— Que mocinha doce você é — diz a Sra. Dupree. — Tão bem-educada. — Dizer isso a faz chorar, o que me dá vontade de chorar também. — Ah, me desculpe. Estou chorando por qualquer coisa nos últimos dias.

— Tudo bem — digo a ela.

Sei exatamente como ela se sente. Outra pessoa em casa com você às vezes pode fazer uma grande diferença.

Colocamos duas tortas no forno, e eu lavo a louça enquanto ela fica sentada e seca os olhos com um lenço.

— Aquele rapaz simpático, Finn, lembra meu filho — comenta ela. — Ele é muito bonzinho.

— Muito obrigada por me deixar ficar com aquele livro especial.

— O Sr. Dupree gostaria que você ficasse com ele. Por que você *sabe* que é especial. Olha, acho que temos uma biografia da Nelle em algum lugar, o que, acho, seria um belo complemento para sua biblioteca.

A Sra. Dupree dobra o lenço em um quadrado perfeito.

— Se o Sr. Dupree estivesse aqui, saberia exatamente onde o livro está.

Ela se perde em pensamentos, sentindo a morte do marido como se tivesse acabado de acontecer. Quero abraçá-la apertado, de um jeito que nunca tive vontade de abraçar ninguém. Procuro em meu cérebro a coisa certa a dizer, mas tudo o que sai é:

— Como a senhora descreveria o que acha mais interessante na história dela?

Eu pareço idiota, eu sei, com as palavras do Sr. Wistler saindo da minha boca idiota neste momento idiota.

A Sra. Dupree leva um dedo ao queixo e pensa na minha pergunta por um instante.

— Uma coisa é o relacionamento com sua mãe. Até onde sei, a mãe praticamente a ignorava — conta a Sra. Dupree. — E as irmãs a salvaram duas vezes de se afogar. Pelo menos é o que dizem os rumores. O Sr. Capote, amigo dela, disse isso, mas, sobre essas coisas, nunca se sabe. As pessoas adoram uma boa fofoca, porque isso as faz se sentirem especiais por um tempo.

Cara, eu entendo exatamente o que a Sra. Dupree está dizendo. E agora, é claro, quero saber mais sobre Truman Capote também.

— O que você precisa lembrar, Sarah, é que a Srta. Lee escreveu um ótimo livro, e isso é o que realmente sabemos. Isso é um fato.

Normalmente, eu abaixaria os olhos e ficaria olhando para o chão, mas encaro seu olhar acolhedor. Eu me sinto nua. A parte da minha vida que envolve ter uma mãe louca não vai sumir, não importa o que eu faça. E a mesma coisa vale para o meu pai. Os noticiários sempre vão nos seguir. Estou começando a achar que talvez seja uma boa ideia que o papai e eu moremos em lugares diferentes. Para que eu possa seguir com a minha vida. Às vezes, nos filmes de faroeste, dois caubóis resolvem se separar e tomar cada um seu caminho. Isso confunde as pessoas que estão perseguindo os dois. Isso torna mais difícil segui-los e os deixa, de algum modo, mais seguros. Por mais que eu não queira ir embora de Garland, me preparar para partir é a coisa mais inteligente a fazer. Vou ter que pesquisar o que Harper Lee fez em relação à própria família.

— Sarah, você está bem? — pergunta a Sra. Dupree.

Eu percebo que estava viajando completamente de novo.

— Ah, estou — digo. — Ela ficou louca?

— Quem?

— A Srta. Lee? Por causa da mãe dela?

— Por Deus, não, querida! Por que você diria algo assim?

— Essas coisas são de família.

— Bem, isso pode acontecer, mas as pessoas em geral são o que decidem ser, não importa de onde vieram.

Tenho mais um milhão de perguntas. Minha mente escreve uma lista de fatos:

Tem outra pessoa no mundo que sobreviveu como eu.

Ela escreveu um livro.

Ela não é louca.

— Aviso quando encontrar a biografia — diz a Sra. Dupree, mas já estou me vendo com a biografia na biblioteca no minuto em que conseguir uma carona com Finn ou Charlotte.

Nós duas nos sentamos à mesinha quadrada, enquanto as tortas assam e o relógio em forma de maçã faz tique-taque. Sou pelo menos esperta o bastante para fazer a ela mais perguntas sobre para onde já viajou e deixo que ela fale sem interrompê-la, para que minha mente possa vaguear livre durante algum tempo. Não tenho ideia de como já posso sentir falta de uma pessoa quando ainda estou bem do lado dela, mas eu sinto. Estou com saudade dela agora e ainda nem fiz as malas. Ela toca aquele ponto dolorido onde deveria estar minha mãe.

capítulo 28

É sábado de manhã, e estou fazendo compras com Charlotte. Ela diz que quer sapatos novos para usar no enterro do Sr. Dupree no domingo, mas sei que não é isso. Ela quer ir ao shopping para passar pela Wilson's Western Wear e deixar que o libertino nada valente dê uma boa olhada no que está perdendo. Charlotte diz que eles terminaram, mas não tenho certeza. Ela passou brilho nos lábios e perfume, e não se arrumaria toda só para ir ao shopping com uma menina de doze anos. Até eu sei disso.

Primeiro vamos ao Starbucks tomar um latte duplo com chantilly, apesar de estar muito quente lá fora. Acho que essa pode ter sido uma ideia ridícula/duplamente insana. Rá, rá! Charlotte diz que precisa de um *scarpin* preto com o calcanhar aberto, embora eu não veja por quê. Ela já tem um milhão de sapatos, mas ainda quer mais. Não finjo entender isso nela. Bocejo. Fazer compras só é divertido quando se tem dinheiro, o que eu não tenho. Ela experimenta o décimo par de sapatos quase idênticos, e eu balanço a cabeça em aprovação.

— E aí, o que aconteceu de verdade com o Cara do Guisado?

Estou esperando para descobrir o que houve nos bastidores e ver se a teoria da primeira briga está correta.

— Não sei. Ele tem suas qualidades. Mas nem tenho mais certeza de que estou apaixonada — responde ela. — A nossa química mudou totalmente.

— Por quê? — pergunto, uma pergunta simples que esconde cem perguntas por trás dela.

Charlotte experimenta um par de sandálias prateadas. As luzes da loja as fazem brilhar e as deixam parecendo joias preciosas.

— Bem, eu só vou me fazer de difícil, só isso — explica. — Ele gosta de mim, mas eu quero que demonstre mais. — Pelo que eu vi na outra noite, Christopher não passa de um idiota. — Mas também ele pega muito no meu pé,

sabe? Quer ficar comigo. Quer ficar por perto o tempo todo. Quer ler o que eu escrevo. Quer discutir a relação bebendo um espresso — continua. — É muito sufocante, como um suéter que pinica.

A situação toda me soa ótima, para ser sincera. Além disso, sempre dá para botar uma camiseta por baixo de um suéter que pinica para que pare de incomodar. Mas, como sei que ela não quer ouvir a verdade, eu a deixo com sua ilusão, que é minha nova palavra favorita.

ilusão *s.f.* opinião ou crença falsa

Obviamente Charlotte não é a especialista em relacionamentos que eu achei que fosse.

Finn encontra a gente em uma mesa quadrada no meio da praça de alimentação. A mãe deles vai voltar do cruzeiro amanhã, então ele está treinando para se manter longe dela. Eu queria que no fundo ele estivesse ali para andar comigo, mas não, não é o caso. Eu finjo que é, de qualquer forma.

Como uma fatia de pizza de pepperoni e bebo minha Coca pelo canudo até fazer barulho, o que eu sei que não é muito educado, mas gosto do barulho mesmo assim. Acho que é um lado meu que ainda não é adulto de verdade. Antes que eu perceba, Christopher está sentado ao nosso lado, todo sorridente. Ele acha que esquecemos o seu lado negro.

— Charlotte, vamos embora em dez minutos — diz Finn.

— Estou pronta agora — responde ela, então se levanta para jogar o lixo fora.

O estúpido do Christopher não se toca de que é hora de ir embora.

Finn se encosta na cadeira e abre um sorriso largo para mim, que me atinge direto no coração. Tenho que baixar os olhos para não dar bandeira. Vejo uma embalagem de ketchup amassada e finjo que é o objeto mais interessante do mundo.

— Alô! Planeta Terra para Sarah! Você ainda está no espaço?

— O quê? Não.

— Bom — diz ele. — Preciso da sua ajuda. Temos uma missão.

Antes de mais nada, eu nunca teria ido ao mercado de pulgas Vikon El Bazaar sozinha, embora seja o shopping mais legal e esquisito da existência. Por exemplo, se você quer uma identidade falsa, um cachorrinho e um sofá-cama, este é o lugar certo. Finn encaixotou os livros da Sra. Dupree para vender, e aqui

também é o lugar certo para eles.

O prédio inteiro é um labirinto gigante, e é melhor decorar o caminho para conseguir sair. Há diversos estandes diferentes com pilhas altas de produtos, separados por divisórias de madeira fina e branca. A única coisa que liga os estandes são fileiras de pisca-piscas pendurados no teto.

Conforme eu passo pelas barracas, minha impressão é de que sou eu que estou em exposição. Os vendedores ficam sentados em cadeiras, mastigando palitos, à espera de que eu admire um Elvis de veludo ou um par de óculos escuros gigantes com armação branca, para então dizerem:

“Quanto você quer pagar por isso?”

Estar com Charlotte e Finn me deixa suficientemente confiante, mas eu me mantenho perto deles, porque fico com um pouco de medo da quantidade de olhos em cima de mim. Cada um de nós carrega uma caixa de papelão até a barraquinha de livros usados. Observo as prateleiras enquanto Finn negocia. Eu ficaria para sempre na pequena biblioteca, mas Charlotte vê uma seção com roupas vintage e vai direto para lá. Nós a seguimos, e imediatamente parece que entramos no armário de uma velhinha. Há pelo menos cinco guarda-roupas lustrosos, as portas abertas como braços de madeira. As prateleiras estão repletas de echarpes, colares de contas e broches com diamantes falsos. Em prateleiras douradas com fundo espelhado, há vários pares de sapato enfileirados. Todo o lugar cheira a pó de arroz de velhinha.

Passo os dedos por uma fileira de roupas. E se aqueles vestidos falassem? Será que alguma garota bonita de batom vermelho ficou noiva usando algum deles?

E as bolsas? São de todas as cores e formas e parecem quase novas. Quem quer que fossem as donas, cuidavam muito bem delas, ou não iam a lugar nenhum. Minha bolsa sempre parece velha e acabada, mas não de um jeito bom.

De repente me dou conta de que mais coisas do Sr. Dupree podem acabar penduradas em lojas assim. Não sei quem iria querê-las. O que você faz com as coisas de uma pessoa quando ela não mora mais com você?

Agora Charlotte encontrou chapéus dentro de um armário gigante cor de marfim. Nós nos revezamos experimentando vários deles em frente a um espelho de corpo inteiro.

Charlotte está usando um chapéu rosa-escuro com um arranjo de plumas. Estou com um chapéu *pillbox* clássico e só sei o nome porque Charlotte me diz. Ele não combina muito com meu short e os chinelos, mas, se eu estivesse com

um vestido preto simples, talvez parecesse uma moça de antigamente, parada na plataforma de uma estação de trem, esperando ser levada para longe. Aí ele — quem quer que ele fosse — chegaria e sorriria para mim. Como eu não sei como seria a cara dele, uso Finn na cena, vestido com um terno azul, que combina tanto com seus olhos que ele se destaca na multidão.

Digo para o meu cérebro que é melhor parar de fingir que sou uma estrela de cinema. Não sei por que minha mente viaja tanto.

Finn surge às nossas costas refletido no espelho e passa o braço em torno do meu ombro. Algo relaxa dentro de mim, e meu pescoço fica vermelho. Lá está ele, com um chapéu-coco de cavalheiro, ou é o que diz.

— Vocês dois com toda certeza vão ser presos pela polícia fashion — comenta Charlotte.

— Ou lançar uma nova tendência — digo.

Finn resolve que devemos todos comprar os chapéus assim mesmo. Por conta dele. Diz que um chapéu faz uma mulher ficar tão bonita de costas quanto de frente. Vamos usá-los no enterro do Sr. Dupree. *Vamos na beca para fazer a Sra. Dupree sorrir.* Ele fala exatamente assim.

capítulo 29

É domingo, e eu estou sentada na cama, arrancando bolinhas de pelo da minha estúpida colcha de lã rosa e tentando descobrir por que sou mais esperta que Charlotte. Ela teve outra briga com Christopher. Eu queria saber por que ela brigaria com uma pessoa com quem já terminou. Mesmo assim, tento dar uma força. Não quero que ela pense que fui má amiga depois que eu for embora, mas até um cego pode ver que Christopher não presta. Ela ainda está sofrendo com a ilusão.

Tentei ajudar. contei a ela o sexto segredo dos garotos.

Os gestos dele sempre vão revelar mais do que as palavras.

Ao telefone, digo que ela deveria fazer uma lista apenas com fatos imparciais sobre ele.

— Quando você escreve as coisas no papel — digo —, é como se a sua mão soubesse mais que a sua mente. Não sei por que, mas é verdade.

Eu sei do que estou falando. Tenho dois diários. Além disso, o Sr. Wistler diz a mesma coisa.

Mas agora tenho meus próprios problemas com que me preocupar. Será que dava para ver na minha cara minha paixão secreta pelo Finn? Tenho que fazer a minha lista. Ele vai voltar para a faculdade e daqui a dez anos vamos nos reencontrar em uma livraria, tomar uma xícara de café, conversar sobre palavras, e ele vai lembrar de como eu sou ótima e se dar conta de que sou o amor da vida dele. Eu já sei que ele é o meu.

Os fatos estão bem aí:

- Ele sabe o meu segredo e não foi mau comigo.
- Ele ama dicionários.
- Nunca vou me cansar de olhar para seus olhos azuis.
- Ele comprou um chapéu para mim.

Fico olhando para minha lista enquanto Charlotte reclama ao telefone.

— Ele é simplesmente grudento demais e está passando por umas questões pessoais que, bem, o deixam carente, o que eu entendo. Além disso, tenho muitas outras coisas com que me preocupar, então acho que vou terminar com ele.

O que tenho vontade de dizer é que ela *também* está um pouco carente, mas fico quieta. Charlotte pode não me contar mais nada sobre garotos se eu ficar apontando as falhas óbvias em sua lógica.

Depois que passamos algum tempo juntos, toda hora me distraio com pensamentos sobre Finn, pensando em seu braço em cima do meu ombro. Mal posso esperar para vê-lo de novo. Tento ler o livro de Harper Lee até a hora do velório. É a terceira vez que o leio. Estou na parte em que levam Tom Robinson preso, e um bando de pessoas furiosas exige que Atticus saia da porta da cadeia. A tensão é tão real que posso senti-la nos meus ossos. Estou bem ali no Alabama, querendo saber o que vai acontecer em seguida, desejando gritar de volta para aqueles homens e mandá-los cuidar da própria vida e irem para casa, que é mais ou menos o que acontece quando Scout fala com eles. Não sei por que eu gosto tanto dessa parte.

Papai fica satisfeito por eu estar lendo o livro de novo e diz que quer “marcar uma hora comigo para tomar um sorvete e discuti-lo”. Mas, quando ele vê o livro pela casa, reclama comigo por deixá-lo aberto e virado para baixo, em vez de botar um marcador entre as páginas. Eu me esqueço de quanto vale uma coisa antiga.

Ouço o rangido da porta da garagem se abrindo e sei que é hora de dizer adeus ao Sr. Dupree.

— Até mais tarde, Planta — murmuro. — Na volta, vou contar uma ótima história para você. Só vou dar uma dica: estarei diferente quando chegar.

O velório me fez chorar mais de uma vez, mas principalmente quando eu estava ao lado da Sra. Dupree, e ela olhou para dentro do caixão.

— Este é o meu melhor amigo, bem aí — disse ela. — Todo dia quando saía de casa, ele gritava para mim: “Obrigado por ter dito sim, amor.”

Ela passou o braço ao redor da minha cintura e me apertou. Então secou os olhos com um lenço, um quadrado de algodão de verdade com um D bordado. Até o jeito de chorar da Sra. Dupree é sublime, que é a minha nova palavra favorita.

sublime *adj.* que inspira grandeza ou enlevo; esplêndido, magnífico, elevado

Quando juntar dinheiro suficiente, vou comprar lenços para mim também. Vão acompanhar meu novo status de mulher. Além disso, estou usando um belo vestido preto sem mangas; meu chapéu novo/velho, o *pillbox* preto; e rímel aplicado com perfeição, muito obrigada. Quando olhei no espelho do banheiro, vi uma pessoa que podia ter quase dezesseis anos. Talvez dezessete, se estivesse usando pérolas e brincos. Acrescento mentalmente à minha lista de coisas a fazer na viagem: furar as orelhas. Posso muito bem arrumar problemas por um monte de coisas, todas ao mesmo tempo.

No velório, ouço a Sra. Dupree contar a um convidado que o enterro do Sr. Dupree, no dia seguinte, vai ser só para a família. Eu queria poder ir também, só para vê-lo ser enterrado em segurança. Nunca vi essa parte de um funeral e, para falar a verdade, nem qualquer outra. Imagino que tenha ido ao funeral de Simon, mas quem pode se lembrar de algo de quando tinha dois ou três anos? Espero que as pessoas tenham dito coisas boas sobre ele naquele dia.

Esta noite os amigos do Sr. Dupree que vão à recepção no amplo salão da igreja se servem de, você acertou, guisado. Há de todo tipo. Frango. Carne. Macarrão. Mistério.

Capto fragmentos de conversas sobre o Sr. Dupree. Se eu juntar tudo, o resultado será o seguinte: quando você ouve os outros falarem sobre alguém que morreu, tem vontade de viver uma vida interessante, dar a eles uma razão para dizer “Sinto falta dessa pessoa”.

A Sra. Dupree enxuga os olhos sempre que alguém conta uma história sobre seu marido. A essa altura o lenço deve estar encharcado, por isso eu queria que parassem de falar. Ela está tentando ser forte. O filho deles, pelo que percebi, está calado demais, o que me faz gostar ainda menos dele. Ele levou todo o tempo do mundo para chegar ao Texas. E o que precisou fazer quando chegou? Finn e eu tínhamos arrumado e encaixotado todos os livros, varrido a garagem e lavado o carro do Sr. Dupree — dando a ele vários motivos para que nos dissesse alguma coisa simpática.

Eu fico espionando o papai do outro lado do salão, se servindo de guisado de batata-doce. Ele está conversando com um homem mais velho e apontando para uma gelatina verde ainda intocada. Meu pai anda tão misterioso com suas atividades por trás de portas fechadas que se esqueceu de me colocar de castigo por causa do uísque. Continuo alerta.

O salão começa a cheirar a sopa de cogumelos e pó de arroz, por isso saio para respirar ar fresco. O sol está no momento em que pinta uma larga faixa de laranja e rosa no céu quase noturno. Encosto na parede quente da igreja e sinto o calor penetrar na minha pele. Fecho os olhos por apenas um segundo e deixo meus pensamentos sobre Finn voarem livres.

— Oi — diz ele.

Abro os olhos, e é como se, em um passe de mágica, ele tivesse saído dos meus sonhos acordados. Exatamente assim, com o sol atrás dele e seu chapéu-coco novo, ele podia ser um ator de cinema em um pôster. Eu compraria o pôster, penduraria na parede do quarto e daria boa-noite para ele.

— Oi.

— Charlotte ainda está aí?

— Ela saiu faz um tempinho.

— Pensei que talvez devesse pedir desculpas a ela.

— Por quê?

— Eu meio que disse para Christopher nunca mais aparecer na nossa casa.

Ele tira o chapéu, e a brisa joga seus cabelos para trás. Sim, com certeza Finn tem tudo que um astro do cinema precisa. Eu me pergunto se ele consideraria a possibilidade de largar o estudo de linguística e se mudar para a Califórnia. Então poderíamos viver na plantação de maçãs da Sra. Dupree, supondo que seu primeiro filme rendesse dinheiro suficiente para comprá-la.

— Ela escolhe os caras errados — continua ele. — Espero que você não faça isso. Escolha um cara legal, Sarah.

Os gestos dele sempre vão revelar mais do que as palavras.

Seriam poucos anos de espera. Talvez menos de dez. Já sou bem madura, e não é como se ele já fosse um profissional adulto, com um emprego de verdade. Ele só entrega pizzas com um Toyota velho, por isso nossas idades de fato são mais próximas do que parecem.

— Está bem — digo. É o que parece certo.

— Minha mãe voltou, então, você sabe...

— Você prefere estar até em um funeral. Eu entendo totalmente.

Ele sorri e olha para o pôr do sol azul e rosa.

— E então, quando você volta para a faculdade de dicionário? — pergunto.

— Por quê? Já quer que eu vá embora?

— Não, só quero saber — respondo; meus planos de partir são flexíveis.

— Bem, é claro. Seria estranho não me despedir. E eu vou querer que me

prometa que vai ler todos os livros que eu dei para você.

— Claro.

Eles já estão na minha cômoda, alinhados na ordem em que vou lê-los. *E não se esqueça de me levar com você quando for embora.*

— Sarah Nelson, você é formidável de maneiras que ainda não compreende.

O que eu não daria para ter papel e caneta neste momento? Eu poderia até pedir que ele escrevesse essa frase, para que eu nunca me esquecesse dela. *De maneiras que ainda não compreende.*

— Será que vou ver você outra vez? — pergunto a ele.

— Ah, não precisa ser tão dramática.

Parece que todos os homens me acham dramática.

— Eu também vou embora.

— Vai?

— Vou.

— É por causa da sua mãe?

— É sempre por causa da minha mãe.

— Vamos manter contato.

Manter contato não é suficiente. São dois cartões por ano e um desejo de que você tenha um aniversário feliz pra cachorro.

— Acho que eu amo você.

Bem, não acredito que essas palavras saíram da minha boca. Lá está ela, uma garota totalmente diferente usando minha boca, meus lábios, sem permissão. Talvez enlouquecer seja isso. Talvez eu tenha dupla personalidade também. Tudo em que consigo pensar é que ouvir as pessoas falarem sobre a vida do Sr. Dupree encorajou esse meu outro lado. Pensei muito sobre o que desejo que as outras pessoas saibam a meu respeito.

Ele baixa o olhar para o chão de concreto, o que me diz tudo o que preciso saber. Para ele, *amor* é uma palavra-problema.

— Um dia você vai entender, Sarah, mas você não me ama de verdade.

— Sabe, você disse a frase que eu mais odeio no mundo — digo a ele. — É um truque linguístico para escapar quando as pessoas não têm resposta ou não *querem* responder. Eu entendo muito melhor do que você imagina.

Ele passa a mão pelo cabelo, algo que me imaginei fazendo, pensando em qual seria a sensação nos meus dedos. Adoro quando ele faz isso. É como eu sei que ele está prestes a dizer alguma coisa boa.

— Você é... única — diz ele. — Única. E, como está claro que você é mais

sábua do que outras pessoas de doze anos, não vou apelar para um truque linguístico. Desculpa. Por isso só vou dizer que estou lisonjeado e que algum garoto um dia vai ter muita sorte.

Ele fica em silêncio.

— Vampiros e mortais têm o mesmo problema — falo. — Não podem fazer nada em relação a seus sentimentos, além de senti-los e olhar um para o outro.

— Está me comparando a um vampiro? — pergunta ele.

Eu não pensei muito no que falei. Na verdade, acabei de tirá-lo do meu cérebro neste instante. Claro que ele é o vampiro, mas não vou dizer isso se ser a pessoa perigosa do relacionamento vai ofendê-lo.

— Essa não é a questão — digo.

Quero fazê-lo entender que tudo o que ele precisa é segurar meus sentimentos. Não contar para ninguém. Apenas deixá-los descansar nas suas mãos até que eu possa pegá-los de volta, mas, não, ele não está seguindo minha lógica. Tenho vontade de dizer que me imaginei beijando-o e sendo beijada por ele. Eu me vejo contando para Lisa: “Ah, quem você conheceu no acampamento? É mesmo? Bem, eu conheci um universitário que estuda linguística. Dezenove anos. Ele me beijou, e depois eu fui viajar. Foi o verão dos meus sonhos.”

Estou prestes a fazer o comentário mais inteligente da minha vida quando você-sabe-quem acaba com a minha oportunidade. Meu pai tem um talento especial para destruir minha vida. Alguém dê um prêmio a ele.

— Aí está você. Olá, Finn.

O papai está com um pedaço de gelatina verde no canto da boca, mas você acha que vou contar a ele? Não.

— Finn me ofereceu uma carona até em casa — minto. — Posso ir com ele?

Eu me sinto ousada com O maiúsculo. Se eu morrer amanhã, as pessoas vão murmurar no meu velório: *Era uma menina que sabia o que queria, e que sorte ela ter sido beijada uma vez!*

Beijada de verdade.

— Se não for incômodo para você, Finn.

— Ele já estava indo para casa.

Sinto a vastidão das minhas mentiras. Elas estão me cobrindo dos pés à cabeça.

— Então tudo bem.

Meu pai me dá um beijo no topo da cabeça, me matando de vergonha bem na

frente do meu possível futuro namorado imaginário.

Vou até Finn e digo que estou pronta. Não consigo interpretar sua expressão com clareza, mas sei que ele não está dizendo não. Ele vai me levar.

O interior do Toyota de Finn é bagunçado de um jeito organizado. Pilhas de papel no chão. Duas sacolas de livros no banco de trás. Garrafas de água pela metade nos porta-copos. Dá para sentir o cheiro do perfume dele. Ele apoia o chapéu no painel e enfia a chave na ignição. O rádio está sintonizado em uma estação de country, e a cantora canta alguma coisa sobre jeans velhos e um coração partido. Espero que o apresentador diga o nome da música. Eu preciso dela.

Observo o perfil do Finn. É como mais gosto de olhar para ele. A luz do sol desapareceu completamente. A lua está nascendo e parece grande como um prato. Mesmo que eu tivesse sonhado com esta cena — esta música, este vestido, este chapéu, este garoto — durante toda a minha vida, nunca teria conseguido criar um roteiro melhor.

Cruzo as mãos no colo. Acho que tenho todos os ingredientes necessários para fazer com que isso aconteça, fazer com que esse sonho se realize. Quero dizer a ele que isso é muito importante para mim. Algo de que uma garota vai se lembrar para sempre. Pode dizer, Sarah. Diga. Você é uma mulher agora. Devia ser capaz de dizer essas coisas.

Respiro fundo. Ele reduz a velocidade em um sinal vermelho. Estamos a uma quadra da minha casa. Penso em quais deveriam ser as minhas palavras: *Eu quero que meu primeiro beijo de verdade seja com você, não só pelo beijo, mas porque é você, Finn Reynolds. Li que é importante escolher com cuidado com quem vai ser seu primeiro beijo. Esse vai ser o padrão de comparação para todos os beijos futuros.*

— Escuta, você acha que a minha roupa está boa para um encontro?

— O quê?

Ele não pode estar dizendo o que acho que ele está dizendo.

— Aquela garota de quem eu falei — explica ele. — Hoje vai ser o nosso primeiro encontro. Você acha que preciso trocar de roupa?

— Não — digo, baixinho como um camundongo. — Está bem assim.

Nada está bem.

Quero agarrar as minhas palavras no ar, reescrever tudo o que já disse para Finn, rearrumar os pensamentos para parecer inteligente e ele gostar de mim. Por

que eu não apresentei meus argumentos antes e depois pedi a ele? Apelar para a parte dele que gosta de ganhar, dizer que preciso vencer a aposta que fiz com Lisa, que é a *minha* vez de ser beijada, que não pode ser com qualquer um, porque uma garota vai se lembrar disso até ser uma velha de quarenta anos.

— Acho que quero ir para casa andando agora — digo. — Você pode parar o carro?

Ele encosta o carro, mas deixa o motor ligado. O luar nos faz parecer bonitos e saudáveis. Você pode achar que isso deveria me deixar menos triste, mas não, não deixa. Eu sou a definição de tristeza.

— Sarah, me desculpe.

Por que meu nome soa tão mais bonito quando dito por ele? Não sei. *Sarah*. Em seus lábios, meu nome parece um elogio.

— Obrigada pela carona — agradeço.

Agora ele está com uma cara que não consta do catálogo das suas expressões.

— Espero que a gente ainda seja amigo — diz ele.

— Se eu fosse você, trocava de camisa — falo. — Você não quer ficar com esse cheiro de guisado. E eu não iria de chapéu.

É o melhor que consigo fazer.

Tento fazer com que minha mão funcione, empurro a maçaneta da porta do carro velho estúpido até ela ceder. *Slam!* A porta se fecha, o ruído de metal batendo traz ecos do tipo de grito que eu gostaria de dar neste segundo, mas não posso. Não posso deixar Finn ver minhas lágrimas, minha dor por deixá-lo saber meus segredos. *Todos* eles. A palavra *infrutífero* me cerca por todos os lados.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Eu digo para se segurarem até que eu entre em casa, mas elas caem mesmo assim. Gostaria de nos ver a distância. Ele no carro; eu com meu chapéu *pillbox*.

Caminho pela calçada, ouço meus sapatos batendo, encaro a lua cheia para me guiar.

Em casa, vejo no espelho do banheiro uma garota destruída, com rímel todo borrado e escorrido, o rosto vermelho e desesperado. Ela murmura: *Olá, coração partido. Meu nome é Sarah.*

Eu me deito totalmente vestida na minha cama cor-de-rosa, as lágrimas escorrendo dos olhos e enchendo meus ouvidos. Eu me vejo guardando meu amor por Finn na gaveta da cômoda como se fosse minha camisa favorita. Empurro-o para o fundo. Esqueço que ele existe até não caber mais. Então, mil anos depois, eu o tiraria dali e diria: “Ah, sim, me lembro de você. Antigamente

gostava de você, mas agora você não combina mais comigo.”

Caro Atticus,

Quero começar dizendo que nunca vou sair com um garoto que não tenha lido seu livro. Vou perguntar e, se eles responderem que não, a fila vai andar. Eles não servem para mim, por mais bonitos que sejam. Isso pode ser um meio de eliminar os sem-cérebro, não concorda? Mas, ei, lá está um garoto que eu amo e que leu seu livro e simplesmente não posso falar sobre ele. Estou tentando ser forte e não chorar. Vou tentar mudar de assunto agora, porque me dá vontade de chorar e não quero fazer isso na sua frente.

Então, outro assunto.

Neste momento estou pensando em como você deixou seu filho, Jem, resolver os problemas dele sozinho depois de destruir as flores da Sra. Dubose. Você o fez enfrentar as consequências por conta própria. Por isso sei que me diria para fazer a mesma coisa. Tenho que seguir em frente e enfrentar as coisas assustadoras na minha vida, o que, para resumir, são a minha mãe. Minha mãe. Ugh. Preciso vê-la eu mesma se algum dia quiser deixá-lo orgulhoso. Quero muito seguir seu conselho sobre enxergar o ponto de vista de outra pessoa, ver as coisas como ela vê e tentar entender. Mas o que quero dizer é: por que os outros nunca tentam ver as coisas do meu jeito? Acho que sei o que você diria: não dá para mudar os outros. Você tem que viver com suas próprias decisões.

Se estivéssemos conversando na sua varanda, você provavelmente não me diria nada. Só ajeitaria seus óculos no nariz e me olharia. Sim, eu sei o que preciso fazer, Atticus. Por que a coisa certa é tão difícil?

Por enquanto, arranquei a página do livro em que está a sua definição de coragem. Sei que já estou ferrada mesmo, por isso vou seguir em frente. E vou levar essa página comigo, depois prendo de volta no lugar com fita adesiva quando voltar.

Por isso esta pode ser a minha última carta por um tempo. Por favor,

não me esqueça. Afinal, já sou louca por escrever tanto para você. Até o Sr. Wistler concordaria. Se ainda há esperança para mim, devo começar a escrever cartas para pessoas de carne e osso. Mas não posso abrir mão de você.

Obrigada por ouvir.

Sua amiga para sempre,
Sarah

Cara Nelle Harper Lee,

Meu nome é Sarah Nelson. Tenho doze anos e li seu livro três vezes. Queria que soubesse o quanto gostei dele, especialmente de Atticus Finch. Você pode me achar estranha, mas eu senti como se ele tivesse saído das páginas e se tornado real. É muito verdadeiro. Nenhuma outra pessoa luta pelo certo como ele. Minha sensação é de que o conheço. Não é todo escritor que consegue fazer isso, posso garantir a você. Eu, na verdade, escrevi cartas para Atticus, mas percebi na noite passada que as cartas eram, de fato, para você. Afinal de contas, você deu vida a ele ao escrevê-lo. Tenho muitas perguntas. Li alguns artigos sobre você no computador, por isso sei que não deixa ninguém aparecer na sua varanda e sentar para conversar. Vou ter que me contentar em escrever esta carta e esperar para ver o que vai acontecer.

Você deve saber logo de início que eu sou como qualquer outra pessoa enxada do mundo, que tem curiosidade sobre a sua vida. Não sei se algumas histórias são verdadeiras, mas a principal coisa sobre a qual eu gostaria de conversar é sua família. Parece que talvez nossas mães tenham tido alguma coisa nelas que as tornou diferentes da maioria, que tem um milhão de fôrmãs de biscoitos, prepara sanduíches em formato de coração e manda bilhetinhos dentro da lancheira dos filhos. Não quero chateá-la, principalmente se todos esses boatos não forem verdadeiros.

Se quer saber, minha vizinha, a Sra. Dupree, me deu seu próprio exemplar de capa dura autografado. Prometi a ela que cuidaria bem dele.

Se a minha casa pegasse fogo, eu salvaria seu livro e a minha planta. Ah, isso me lembra de outra pergunta que quero fazer: por que todos os animais no seu livro têm nome e sobrenome? Acho que talvez eu consiga investigar isso no Alabama sem precisar incomodá-la. Eu poderia fazer uma pesquisa nas ruas e perguntar às pessoas o nome dos seus animais de estimação. Acho que é uma boa ideia, e, se algum dia eu tiver um bichinho, vou dar a ele dois nomes também.

A última coisa que eu gostaria de saber é bastante pessoal, então espero que não se importe, mas, como você provavelmente nunca vai ler esta carta mesmo, bem, vou escrever tudo o que quero. Eu me pergunto por que você nunca se casou. Se for como eu, pode ser porque só houve um amor na sua vida e mais ninguém chegou aos pés dessa pessoa. É o meu caso. Nunca vou me casar, a menos que seja com alguém em especial, e isso nunca vai acontecer porque ele acha que eu sou só uma garotinha, embora eu não vá ser uma garotinha para sempre. Por que ele não consegue enxergar? Além disso, li na sua biografia que seu pai era como Atticus. Acho que, se você teve um pai assim, nenhuma outra pessoa seria um substituto à altura, e é por isso que não precisou se casar. Eu entendo totalmente.

Acho que isso é tudo o que tenho a dizer agora, além de agradecer mais uma vez por você ter escrito esse livro. É o meu livro favorito de todos os tempos e sempre vai ser. Obrigada principalmente por Atticus. Nunca vou esquecê-lo, enquanto eu viver.

Abraços,
Sarah Nelson

capítulo 30

Fiz um buraco de trinta centímetros de profundidade. Foi difícil arrancar a grama seca e dura com um garfo, mas eu consegui. Depois usei uma colher grande para escavar a terra. A probabilidade de que este ponto receba água do regador de nosso vizinho é grande, mas nunca dá para ter certeza. Já é bem difícil ter que deixar Planta para trás, mas ela murchando e morrendo é algo que eu nem quero imaginar. Não posso levá-la comigo porque, pelo que vi na internet, talvez os funcionários não permitam que eu a carregue no ônibus. E não posso deixar um bilhete dizendo: *Por favor, molhe Planta*. Nas férias passadas, quando viajei, ela ficou na mesa da cozinha e foi totalmente negligenciada. Todo dia meu pai passava direto por ali, sem perceber que ela obviamente estava morrendo de sede.

Eu a coloquei no buraco e apertei a terra velha em volta de sua cintura. Depois, joguei água. Deve ser suficiente por algum tempo. Eu me ajoelho perto do seu novo lugar no mundo e me esforço para não chorar. Conto para ela as coisas legais que vai conseguir ver dali. O carteiro. O pessoal da Gramados e Jardins Sanchez. Crianças andando de bicicleta. A menininha das sandálias brancas.

Jogo o garfo e a colher nos arbustos para esconder a prova do crime e lavo as mãos com a mangueira do jardim. A terra embaixo das minhas unhas não sai, mas deixo para me preocupar com isso mais tarde. Tenho que seguir com o meu plano. Primeiro, vou pegar o ônibus municipal para treinar e depois comprar uma passagem para o ônibus de verdade quando tiver oportunidade. Nos seriados policiais, como na vida, você nunca sabe quando vai precisar viajar, por isso tem que estar pronto. Implorei a Charlotte que me levasse ao Vikon El Bazaar, dizendo que queria outro chapéu. É moleza convencê-la a fazer isso porque ela quer comprar, adivinhe: mais sapatos. Além disso, estou planejando pedir a ajuda dela para conseguir uma identidade falsa. Preciso de uma que diga

que tenho pelo menos catorze anos, que é a idade mínima para pegar um ônibus da Greyhound sem a companhia de um adulto. Depois que eu conseguir a identidade, vai ser fácil me passar por dois anos mais velha, até três, se eu aplicar o rímel direito.

O passo seguinte é dizer para o meu pai que vou passar duas noites com Charlotte fazendo várias coisas de garotas e sugerir que ele use o tempo livre para sair com PBroom.

Meu plano está funcionando.

Atravesso a rua com a bolsa cheia de dinheiro, uma bolsa de mão com as minhas roupas, meu diário verdadeiro e o livro de Harper Lee. Digo a mim mesma que não foi uma mentira completa. Só uma mentira suave, como aquelas que o meu pai contou à minha mãe sobre o amor. O tipo gentil e bem-intencionado de amor. Porque eu planejei tudo e sabia que Charlotte jamais entraria no ônibus se tivesse escolha, tive que fazer uma pequena maldade, na verdade, um crime. Esvaziei os pneus do carro do Finn, para que ele precisasse usar o da irmã para trabalhar. Você devia ter visto o carro todo derrotado na frente da casa.

E, já que me tornaria mesmo uma criminosa, resolvi raptar a planta que as pessoas insistiam em colocar em cima do toco no jardim. Deixei o vaso na varanda da Sra. Dupree com um bilhete. Ela vai cuidar daquela pobre planta.

Quando chegamos ao ponto de ônibus, há um velhinho carregando uma sacola de papel pardo. Parece estar com tanto calor que tenho vontade de fazer alguma coisa por ele, mas como poderia ajudá-lo? Ele tem que ir a algum lugar, assim como eu. Não é como se eu pudesse ligar o vento. Quando o ônibus para à nossa frente, ele deixa que eu e Charlotte entremos primeiro. Sinto uma leve emoção ao subir os degraus e examinar os bancos. A maior parte dos passageiros está sozinha. Estão virados para a janela, para ninguém ver o que se passa em seus rostos, a menos que olhe com atenção para o reflexo sujo, o que definitivamente não vou fazer hoje. Não estou no clima para conversar com ninguém além de Charlotte. Precisamos ficar incógnitas. *Incógnito* é uma das minhas palavras favoritas de todos os tempos, porque pode ser um substantivo, um advérbio ou um adjetivo. O Sr. Espertinho Um-dia-você-vai-entender provavelmente nem sabe isso.

Assim que o ônibus começa a andar, comento com Charlotte, como quem não quer nada, o negócio de arranjar uma identidade falsa.

- Acho que é uma coisa que Lisa não vai ter — digo a ela.
— Isso é legal. Ela não vai ter isso — diz Charlotte, olhando pela janela.

Na viagem de volta do mercado, não tiro os olhos da minha identidade falsa novinha. É bom eu estar precisando cortar o cabelo. A franja comprida disfarça bem a minha idade. Estou usando meu rímel novo. E eu não sorri, então acho que poderia me passar até por alguém de quinze anos.

Meu pai liga para o meu celular, e faço o possível para parecer tranquila e inocente de todos os meus crimes.

— Não, não, estamos nos divertindo muito. Só fazendo coisas de garotas, você sabe. Conversando sobre sapatos e sutiãs.

Basta acrescentar o detalhe certo para dispensá-lo.

Mas, quando eu menos espero, os acontecimentos mudam, e meu plano desmorona. Como dizem, ninguém sai de Dodge City. Vovô caiu e quebrou a bacia. Vamos para Houston amanhã ajudar a minha avó.

Ele só pede que eu vá direto para casa esta tarde, por favor.

— Bom dia, garotinha — diz meu pai.

Estou no computador, tentando achar um novo horário dos ônibus, e posso ser flagrada. Eu me viro e vejo que ele está me observando, com a caneca de café *Pai Nº1* nas mãos. Rá, rá! Que piada. Não consigo imaginar por que ela não quebrou em nenhuma das nossas mudanças.

Sou pega. Não há um sistema mágico de roldanas para me erguer através do teto. A prova está no computador. Eu me sinto tonta e fico sentada com cuidado na cadeira do computador.

— Só mandei um e-mail para Lisa. Ela ainda está no acampamento — minto.

Funciona, porque ele balança a cabeça e toma um gole de café enquanto eu fecho a janela da internet.

— É melhor arrumar sua mala.

Minha mala já está pronta, mas por outra razão.

— O vovô está bem?

— Vai ficar.

— Por quanto tempo a gente vai ter que ficar lá?

— Pelo tempo que ele precisar, acho.

Aqui estou eu, viajando por uma autoestrada, a mesma que eu achava que

pegaria para a casa da minha tia. Eu já estaria na metade do caminho agora. A primeira coisa que faríamos seria investigar a verdade sobre a vida de Harper Lee. A pesquisa estava no topo da minha lista. Tia Mariah saberia como fazer isso. Mas não, não vou conseguir uma aventura. No carro do meu pai, as janelas estão fechadas, o ar-condicionado está no máximo, e o rádio, sintonizado em uma estação de notícias com um apresentador que se esforça muito para deixar os ouvintes tão irritados quanto ele. Deixo os fios do meu iPod pendurados do meu lado, boto os pés em cima do painel e afundo no banco. É uma marcha rumo à tristeza. Não há nenhuma emoção à espera no final.

Fico entediada com minhas músicas, até com as duas do Finn, e pego *O sol é para todos*. Imploro a Atticus que me diga algo novo e sábio. Se aquele não fosse um livro especial, eu marcaria as frases com meu marca-texto amarelo. Estou esperando pelo dia em que eu sinta que o exemplar é meu mesmo, como se tivesse sido dado diretamente para mim. Então vou poder chamar a autora de Nelle, como fazem seus amigos. Sua biografia diz que Nelle é Ellen, o nome da avó dela, escrito ao contrário. Você se pergunta se a mãe esperava que a filha fosse o oposto da avó.

Em algum ponto do caminho, eu caí no sono, e agora desperto com o som do carro esmagando cascalho. Esfrego os olhos e olho pela janela. Paramos em uma Dairy Queen, que o papai sabe que é uma das minhas lanchonetes favoritas. Falta muita coisa em Garland, mas pelo menos a cidade tem uma Dairy Queen. Calço meus chinelos e desço do carro.

— Isso. Isso deixou você feliz, hein? — pergunta meu pai.

— Por quê? O quê?

— Esse é o maior sorriso que eu vejo você dar faz tempo.

Bem, eles têm o sanduíche de que eu mais gosto e, agora que cheguei, percebo como preciso mesmo de um cheeseburger.

Sentamos em um lugar reservado junto à janela. A única decoração na mesa é um vasinho branco com uma flor solitária, e a toalha de vinil é quadriculada de vermelho e branco, do tipo que normalmente se leva para um piquenique. Enquanto o papai vai ao banheiro, eu dou uma olhada em volta, espionando só algumas pessoas. Há uma família em outra mesa: um casal e dois filhos pequenos que não param quietos. Ambos estão com sorvete escorrendo pelo queixo, e a mãe se estica, segura o braço de um dos meninos e limpa a sujeira.

É meio-dia. Mais pessoas começam a chegar depois da missa, pedindo seus cheeseburgers e sorvetes de chocolate. Diferentemente de mim, depois daqui

elas vão para casa tomar sol ou ver filmes. Vão passar um domingo simples e descomplicado, e sinto tanta inveja que me dá vontade de cuspir. Vou ter que comer comida de hospital e ouvir a vovó falando o tempo todo sobre meu cabelo, desejando que suas mãos pudessem estar dobrando roupa limpa, costurando ou cozinhando. Agora que penso nisso, a Sra. Dupree ficava mais feliz quando estava ocupada cortando maçãs. E a minha mãe ocupava as mãos fazendo passarinhos de papel. Talvez esse seja o tipo de conselho dado para senhoras de idade naquela revista para donas de casa. Eu poderia escrever uma reportagem: *Três maneiras de manter suas mãos em movimento*. Quando eu ficar velha, com setenta anos, garanto uma coisa: minhas mãos estarão ocupadas escrevendo.

O papai traz nossa comida e a espalha na toalha de mesa quadriculada.

— Você tem se divertido bastante com Charlotte. E ajudado muito a Sra. Dupree. E lido muito, também. A gente devia comprar alguma coisa especial para você, por ser tão legal — fala ele.

Eu não sou legal. Estava tentando dar uns amassos com um cara e fugir da cidade. E, claro, minhas digitais estão naquela planta roubada na varanda da Sra. Dupree, de cima a baixo.

— Você não me contou sobre seu encontro com a Srta. Broom — digo, mudando de assunto.

— Quer mesmo saber?

— Quero. Pode abrir o bico.

— Abrir o bico... Achei que Finn estava melhorando seu vocabulário.

Quem liga para qual seria a escolha de palavras do Finn? Mas minha mente faz uma busca instantânea. *Contar. Revelar. Compartilhar. Informar. Divulgar. Comunicar.*

— Conte tudo o que aconteceu.

— Lá vem você. Foi bom. Ela é divertida. Simpática.

— Vocês se beijaram? — pergunto.

Ele sorri. E então, após um momento, responde:

— Não, não nos beijamos.

— Por que não?

— Nós só saímos para almoçar entre uma aula e outra.

— Você abriu a porta para ela no restaurante?

— Então isso é um interrogatório — diz ele.

— Desculpe.

— Está bem, inspetora Nelson. Eu abri a porta do restaurante para ela. Nós nos sentamos em um reservado com estofado vermelho. Quando saímos, acho que tinha um passarinho cantando em uma árvore. Talvez um gaio-azul. Talvez um pássaro natural de Garland. Sim, devia ser isso. O perfume dela era floral. Eu estava usando a camisa cinza listrada que você me deu, que é muito bonita. Não botei perfume demais, como você tanto me aconselhou. Ela estava de jeans e camisa vermelha com uns botõezinhos dourados em volta do pescoço. Combinando com os brincos, acho. Acho que combinavam. E ela gosta de filmes antigos em preto e branco e do mesmo tipo de música que eu.

— Deve ser a única — digo.

Acho que gosta dela. Ele só me contou tanto assim uma vez, e foi sobre aquela horrorosa da Deirdre.

— Ah, e nós marcamos outro encontro — continua ele. — Um encontro de verdade.

— Não a leve ao cinema.

— Por que não?

— Se o filme for sentimental demais, ela vai ficar sem graça, e se for de ação ou de aventura, quem vai ficar é você. Jantar é o melhor programa.

— Você é muito entendida do assunto, não?

— Sou observadora. E não use aquela camisa que você comprou por um dólar.

Se camisas participassem de concursos de popularidade, aquela seria expulsa do palco debaixo de vaias. É feia demais. Mesmo assim, sempre que meu pai a veste se acha um gênio porque só pagou um dólar por ela. Bem, o preço diz muito sobre o produto.

— Obrigado pela dica — retruca ele.

Se ele a convidasse para jantar, eu bem que podia preparar o guisado à King Ranch. Ou talvez não. Não funcionou para Charlotte e Christopher. Às vezes os ingredientes não se misturam como você planejou, e você acaba andando sozinha com um vestidinho preto por uma rua de Garland.

capítulo 31

Quando as pessoas cobrem a boca com a mão, é porque alguma coisa ruim aconteceu. Isso sempre aparece nos seriados policiais e nos filmes de caubói. Os policiais uniformizados tocam a campainha e *Bam!*, a mulher que abre a porta de tela leva a mão à boca. O xerife vai de carro até uma fazenda onde uma moça está pendurando roupas no varal e *Bam!*, ela se silencia com a palma da mão. Alguém morreu, e ninguém precisa dizer nada. Esse é o sinal universal do luto.

O papai está com a mão na boca agora. Ele andou por todo o cemitério e passou por umas trinta ou quarenta lápides antes de ser encontrado pelo luto.

Eu daria qualquer coisa para saber em que ele pensa quando olha para a lápide do Simon. Se ele se pergunta como seria criar Simon, em vez de uma filha. Tipo, por que eu sobrevivi e não meu irmão. Será que ele se sente como a mãe do Finn? Quando olha para mim, será que ele pensa na minha mãe? Levo minha mão à boca também, em sinal de respeito, então ponho cravos azuis e brancos aos pés da lápide do Simon.

Seguro e aperto bem a mão do papai. A expressão tempestuosa está lá no fundo dos seus olhos. Com certeza ele vai esconder o uísque na garrafa de refrigerante mais tarde. Eu sei que tem um na mala do carro. Ele já substituiu o que Planta bebeu lá em casa. Estava atrás da sapateira, onde ele achava que eu não ia ver, mas seus sapatos estavam espalhados pelo quarto, e sou eu quem os guarda de volta no armário. De qualquer jeito, não fazia diferença nenhuma. O suco de maçã tinha acabado.

Ficamos ali parados em silêncio, cada um com os próprios pensamentos sobre Simon e como a vida deveria ter sido. Tive a sensação de que poderíamos ter uma conversa legal, e que talvez surgisse uma brecha na qual eu conseguiria fazer mais algumas perguntas sobre a minha mãe. Meu cérebro criou uma lista escrita em papel mental. Um. Dois. Três.

Se não tivéssemos sido flagrados por uma repórter enxerida, talvez eu tivesse

tido uma chance.

Foi isso o que aconteceu.

Ele tinha dito:

— O vovô vai ficar bem. Vamos visitar Simon antes de ir para a casa deles.

Devíamos ter ido direto para a casa dos meus avós e ter visto o noticiário primeiro, pois passou uma matéria sobre o que aconteceu dez anos atrás, que foi o crime da minha mãe. Não sei por que as pessoas querem transformar isso em notícia. Não é uma data histórica que você tem que decorar para a aula.

Uma mulher bonita com um terninho preto e uma faixa de oncinha na cabeça veio correndo na direção do papai já fazendo perguntas.

— Sr. Nelson, olá! Sinto muito por interromper, mas será que eu podia fazer algumas perguntas?

As palavras só pioraram as coisas. Até eu conseguia ver que ela não sentia nada por interromper.

— O senhor visita sua ex-esposa? Como está sua filha? Ela é próxima da mãe? Por favor, esta exclusiva seria feita de maneira respeitosa. Por que o senhor nunca contou a ninguém o seu lado da história?

Não sei como ela foi parar no cemitério. Será que estava ali vigiando, à espera de que a gente aparecesse? Será que ela sabia que o túmulo de Simon era uma das razões pelas quais o papai não consegue deixar o Texas?

Havia vários palavrões entremeados na frase *Você me confundiu com outra pessoa*. Mas foi meio inútil, porque estávamos parados em frente ao túmulo do Simon — quem mais seríamos?

Meu rosto foi atingido pelo brilho forte do flash de uma câmera. Agora vai aparecer uma foto minha com cara de retardada em algum lugar. Papai agarrou meu braço e me puxou para junto dele. Eu me soltei. Corri de volta para Simon e enfiei uma página do romance de Harper Lee embaixo das flores. Eu tinha a intenção de ler para ele, mas agora aquela mulher estragou tudo.

A raiva do papai também o fez cometer um crime, porque ele dirigiu acima do limite de velocidade, como os bandidos perseguidos pela polícia, por todo o caminho até a casa dos meus avós. Eu segurei firme na maçaneta da porta, desejando que ainda estivéssemos em casa, pensando que aquela tinha sido uma semana ruim para a família Nelson e a lei.

Minha avó não deveria ver o filho desse jeito. Ela já está suficientemente preocupada com o vovô no hospital. Felizmente, conseguimos chegar lá sem sermos seguidos por ninguém.

Claro que eu não posso fazer nada além de escrever meus pensamentos no diário de verdade, enquanto escuto, escondida, a conversa deles sobre o vovô e o que aconteceu. Escrevi que era de se imaginar que as pessoas inventariam alguma coisa mais original para perguntar, mas não é isso que acontece. Elas fazem as mesmas perguntas que um professor do sexto ano, só que tem um cara grandão com uma câmera de vídeo enfiando um microfone na cara dos outros e perguntando: “Por que não me conta com suas próprias palavras como foi sua vida nos últimos dez anos?” Tinha sido uma emboscada.

É o que ouço a minha avó dizer na outra sala.

— Isso foi uma emboscada — diz ela. — Mas que cara de pau!

Meu pai anda de um lado para o outro. Quando diz alguma coisa, é o palavrão que rima com *roda*.

— Acha que devemos ligar para o advogado? — pergunta minha avó.

— Para quê?

— É invasão de privacidade, sem falar que foi muito insensível.

— Advogados não podem fazer nada contra pessoas insensíveis! — grita ele.

A vovó leva a mão ao pescoço e toca seu colar de pérolas.

— Não sei por que não estávamos preparados para isso. Mas você sabe o que fazer?

— Eu sabia que era um risco ir até lá — diz papai. — Sabia que era o dia do aniversário de morte dele, ou sei lá como se diz.

— Isso não dá a eles o direito de se intrometer.

Pelo que posso ver do meu esconderijo no alto da escada, o rosto do papai está vermelho que nem um tomate. Eles desplugaram o telefone fixo, e meu pai desligou o celular.

Tudo isso por causa da emboscada. Eu procuro no dicionário e vejo que é uma palavra interessante.

emboscada *s.m.* espera às escondidas para um ataque surpresa; traição, mentira, cilada

A ideia de uma emboscada parece interessante, a menos que seja você a pessoa pega de surpresa.

O degrau da escada de madeira range quando eu me levanto e vou para o quarto. Ponho no papel todas as minhas anotações. O que concluo sobre o dia de hoje é o seguinte: às vezes penso que essas pessoas dos jornais precisam arrumar

o que fazer, ou pelo menos ideias melhores para suas reportagens. Eu faria perguntas sobre o que vai acontecer daqui a dez anos.

Mas acho que é importante para a repórter do noticiário com uma faixa de cabelo de oncinha. Ela quer saber o que aconteceu com a gente. Claro, eu adoraria que o papai respondesse a algumas perguntas, para que eu também soubesse as respostas. Mas os jornalistas não sabem nada sobre Tom Nelson. Fazer perguntas só faz com que ele fique ainda mais fechado por fora e exploda por dentro. E, além disso, se eles querem uma história interessante, por que não entrevistam a minha mãe? Foi ela que causou todo esse drama. Acho que eles deveriam ir à cena do crime. Estou bastante tentada a ouvir meu próprio conselho e ir vê-la eu mesma.

Todo o drama se desenrola no térreo, e o segundo andar é o país do tédio. Por isso só há uma opção: sair fuxicando.

Gosto de mexer no armário da minha avó e nas gavetas do banheiro. Aposto que ela sabe o exato momento em que um tufo de poeira se forma, o instante em que um lenço de papel é usado, então tenho que ser extremamente cuidadosa.

Abro a primeira gaveta, que é forrada de papel branco e lilás. É o mesmo forro de sempre, mas ainda tem um cheirinho bom. Dentro da gaveta tem uma divisória para separar cada tipo de maquiagem. Os batons ficam de pé com os círculos de cor virados para cima, organizados do rosa-claro ao vermelho-forte. Tem inclusive uma seção para cílios postiços, empilhados cuidadosamente em caixas individuais transparentes. Dá até para pensar que vários rostos dormem ali. Adoro a organização da gaveta, que me dá vontade de arrumar meu quarto e deixar minhas coisas bonitas e especiais.

Vou para o armário dela. A primeira coisa que percebo é o cheiro de perfume de velhinha. Talco de bebê e limão. A segunda coisa são aproximadamente cinquenta e três tons de bege. As roupas da vovó ficam arrumadas com o mesmo cuidado dedicado à gaveta, todas as camisas de manga curta juntas, depois as de manga comprida, depois os casacos. É um desfile de bege.

Passo a mão pelas sapateiras, os pares também organizados dos mais claros aos mais escuros. Aí vejo um par de *peep-toes* de salto e alguma coisa atrás. É bege, mas de um tom mais escuro. Eu os pego, tomando o cuidado de decorar exatamente a posição em que estavam guardados. Então eu vejo. Uma fileira inteira de livros de banca bege. Pego um deles, desta vez sem tanto cuidado, de tão animada que estou. Por que se isso for o que acho que é, ai meu Deus, é o

que acho que é! Minha avó tem um monte de romances de banca atrás dos sapatos bege.

Ponho os *peep-toes* de volta no lugar, mas fico com um dos livros. Algumas páginas estão dobradas. No meu quarto, tomo o cuidado de esconder o livro dentro de *O sol é para todos*. Abro a brochura em uma página qualquer, só para ter um gostinho da história, ver se é algo que consigo imaginar logo de cara.

“Lana correu com raiva para seu quarto e sentou-se à penteadeira. Ela começou a pentear os longos cabelos louros. Então percebeu a janela aberta no instante em que um homem saiu das sombras. Ela não sabia por que, mas se sentiu estranhamente atraída por ele. Será que era a luz? Ou talvez fosse a garoa que caía nas ruas de Londres lá fora? De qualquer modo, ela sabia que aquela seria uma noite da qual jamais iria se esquecer.

Então ele se aproximou e a chamou pelo nome. Isso a fez dar um suspiro de alívio. Talvez ele não fosse um estranho, afinal.”

Isso é sério? Ela já está atraída por ele? Ele pode ser um psicopata! Um tarado! Essas pessoas nunca viram *Jogos Mortais*? Como minha avó consegue ler isso? Começo na página 1. Preciso ver se faz algum sentido. Duvido, mas estou determinada a saber.

Acordo com a minha avó parada de pé ao meu lado.

— Por que está dormindo no chão?

— Hum, eu caí da cama.

Sempre durmo no chão na casa da vovó. Ela arruma a cama tão bem que não gosto de desarrumá-la.

— Sarah, você quer me contar o que está acontecendo? — diz ela.

Sua voz está grave e clara, um tom que eu não ouvia fazia um bom tempo. Há muitas razões pelas quais posso ter me metido em problemas.

— Ora... hum... bem...

Ela senta na beira da cama.

— Você sabe que pode me perguntar o que quiser. Pode ver minhas coisas na hora que quiser.

Fico em silêncio, refazendo meus passos. Como ela me pegou? Será que deixei alguma coisa fora do lugar?

— Por favor, apenas peça permissão antes.

Aí ela coloca o romance na colcha, em cima da cama.

— Foi um bom trabalho escondê-lo atrás de um clássico. Seu pai costumava

fazer a mesma coisa com os quadrinhos.

Quero fazer mil perguntas a ela sobre o que o meu pai costumava fazer, mas minha vergonha me mantém em silêncio.

— Esses livros podem não ser apropriados para sua idade — diz ela. — Mas, se você está lendo, deve querer me fazer algumas perguntas sobre, você sabe, as coisas...

— Você já leu *O valente libertino*?

— O quê?

— Esquece.

— Vá se arrumar e desça para tomar café.

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha e diz meu nome. Sarah. As perguntas se enfileiram no meu cérebro de novo, mas não há para onde irem. Penso se há um limite de quantas perguntas cabem no cérebro de alguém. Parece que sim.

capítulo 32

No café da manhã temos panquecas de mirtilo, bacon e más notícias. Dá para notar pelo modo como minha avó diz bom-dia e por não haver um lugar posto para o papai.

— Cadê o meu pai? — pergunto.

Ela enche meu prato de panquecas de mirtilo, depois pega o guardanapo e o alisa no colo. Sem nem mesmo erguer os olhos, responde:

— Seu pai dormiu no sofá vendo tevê.

Bem, eu já sei por quê. É a mesma coisa em casa. Nada nunca vai mudar. Será que ela vai falar as verdadeiras palavras? *Bêbado* ou *bebedeira* ou *de porre* são todas palavras-problema para a vovó. Ela prefere *exagerar*.

— Infelizmente, ele *exagerou* um pouco — diz. — Você me passa a manteiga?

Nossa, isso é a cereja no topo do bolo da minha vida. Estou com tanta raiva dele que poderia socar alguma coisa. Era de se esperar que ele se segurasse na frente da própria mãe e com o pai doente. Mas não, ele trouxe todos os seus maus hábitos de Garland, os tirou da mala e está fazendo a maior lambança.

— Eu queria um pouco de café — peço.

— Você não é um pouco nova para isso? — pergunta ela.

Não, não sou. Estou tentando levar a minha vida de um jeito positivo, desviar o DNA dentro de mim para longe do álcool e na direção da cafeína. Vou à cozinha, pego uma caneca, encho até a boca e volto para a mesa.

— Sarah, você pode ser jovem demais para entender isso, mas seu pai tem um problema com a bebida.

Se eu contasse a ela tudo o que sabia, seu rosto nunca mais seria o mesmo. Seria um parágrafo inteiro de palavras-problema, como *de porre*, *soca paredes*, *esquece aniversários* e *usa roupas que não combinam para trabalhar*. Mas não quero mudar a expressão em seu rosto. Ele já está enrugado com a decepção.

— O que quero dizer é que pensei em conversar com o seu pai sobre procurar ajuda — diz ela. — O que você acha? Seria preciso que vocês passassem um tempo aqui.

— Quanto tempo?

— Bem, vamos ver à medida que as coisas forem se desenrolando — explica ela.

O verão ainda nem acabou, e o Problema 3 já apareceu para eu resolver. Posso tentar esconder que um dos meus pais tem um problema psiquiátrico, mas não os dois.

Minha avó empilha outra panqueca em cima das minhas, intocadas, e se serve de mais uma. Ficamos sentadas em silêncio, vendo a calda escorrer lentamente até as flores azuis nas bordas dos pratos.

— Vamos nos divertir.

Não, não vamos. Não vai ser divertido segundo nenhuma definição no mundo. Estou com muita raiva do meu pai.

— Ah, isto é para você — diz ela, empurrando um envelope por cima da toalha de mesa amarela. — Seu pai disse que se esqueceu de dar.

Tomo um grande gole de café e abro a carta. A vovó não gosta que eu leia à mesa do café da manhã, mas eu não me importo.

Querida Sarah,

Tudo bem? O acampamento está MUITO CHATO agora, mas eu tenho uma GRANDE notícia: arranjei um namorado. Ele se chama Marcus e é superlegal. Aliás, ele não é aquele de quem eu tinha falado antes, que só sabia usar o emoticon de sorriso nas mensagens de texto. Caramba, cara, vai aprender um emoticon novo! Esse menino está no acampamento para garotos, e os dois grupos fizeram uma festa juntos na semana passada. Ele foi um dos que sabia acender uma fogueira, rápido assim. E também é o garoto mais lindo que você já viu, muito mais que o Jimmy Leighton, garanto. Pode conferir na minha página do Facebook. Acabei de mudar meu status para “em um relacionamento sério”, e ele fez a mesma coisa! O problema é que ele mora em Tyler, por isso vamos ter que namorar a distância. Também preciso contar que finalmente dei um BEIJO DE LÍNGUA. Nunca conte isso para a minha mãe! Não mandei uma mensagem de texto porque ela começou a mexer no meu telefone. Ela ia surtar. Parece arriscado até escrever isso aqui para você. DESTRUA esta carta depois de ler, OK? Promete? Então, foi meio estranho no começo, mas ele parecia saber o que estava fazendo, e eu só fiquei ali e tentei imitar. Isso foi na primeira noite, mas, na segunda, eu já estava tão boa quanto ele, acho. Eu nunca soube que tinha esse talento, mas agora tenho certeza.

Então acho que, se eu arrumei um namorado e dei meu primeiro beijo enfurnada aqui no meio do mato, você também deve ter conseguido, já que não teve que ir para a casa dos seus avós!

Ah, e a Renee me contou que o pai dela finalmente chamou minha mãe para sair. Não sei ainda se

acho isso nojento. Ela já contou alguma coisa para você? Ela ficou com Steven Ng de novo?

Por enquanto é isso. Não se esqueça de DESTRUIR esta carta. E dá uma olhada no Facebook!!

1000 bjs,

Lisa

Bem, aí está. Ela ganhou a aposta e arranhou *dois* namorados. Eu fiquei menstruada, fui a um enterro, e meu pai está bêbado, desmaiado no sofá. Como será que um verão que começou tão promissor terminou, deu a volta, fez as malas e foi embora? Tenho uma teoria, e seu nome é “Jane Nelson destrói tudo”. Se não fosse pela minha mãe, meu pai não seria um bêbado, e eu não seria a garota com a mãe louca.

Passo pela sala de estar e o vejo lá, roncando e suado. Normalmente essa seria a hora em que eu lhe levaria um copo d’água com uma aspirina, mas ele vai ter que resolver esse problema sozinho. Se eu tivesse um copo d’água, pode apostar que jogaria bem na cara dele. Eu deveria tirar uma foto, deixá-lo ver aquele seu eu horrível e enviar para PBroom. Rá! Isso ia lhe ensinar uma lição. Ele, todo desleixado, com o cabelo despenteado, a barba por fazer e a camisa horrorosa de um dólar.

Paro de pé ao seu lado e me pergunto se ele vai acordar e pedir desculpas para a minha vó. Percebo de repente como eu sinto falta de Atticus, o que é outro claro sinal de loucura. Como você pode sentir falta de alguém que nunca conheceu? Alguém que você apenas imagina conhecer, porque saiu das páginas de um livro para seu quarto? Fecho os olhos, vejo a versão de Atticus do filme e deixo que meu cérebro siga adiante.

Olá, Atticus,

Sou eu, Sarah. Estou em um lugar novo que é igual ao velho. Fizemos as malas em Garland, mas tudo veio com a gente. Nossos problemas. Nossas preocupações. Bem, não é sobre isso que quero falar. Só estava me lembrando de que o trabalho do Sr. Wistler dizia que era necessário explicar por que tínhamos escolhido o personagem que escolhemos. Escrever a característica dele de que mais gostamos. Sei que já expliquei antes, mas agora que estou aqui, parada em frente ao meu pai bêbado, desmaiado e péssimo, percebo que o que mais gosto em você é que você *não* é Tom Nelson. Acredite em mim, não estou sendo dura demais. Sabe o

que Scout disse sobre você, que você pode fazer uma pessoa se sentir certa mesmo quando tudo dá errado. Isso é verdade. Pensar em você me faz sentir um pouquinho melhor. Você sabe dizer as coisas certas, fazer as coisas certas mesmo quando há uma grande injustiça à sua frente. Agora mesmo vejo uma injustiça na minha frente, e ela está dormindo no sofá, encolhida nas almofadas floridas. Que tristeza. Ele é um pai só porque tem filhos, não porque age como um. Isso é injustiça para mim. E minha mãe, bem, você sabe por que ela não é uma mãe. Então o que me resta, Atticus? Só posso contar comigo mesma e mais ninguém, além de você, que é a única pessoa verdadeira que conheço. Sei que sempre posso contar com você, apesar de você nem mesmo ser real. Que coisa deprimente! Pelo menos eu sei que você vai ser sempre o mesmo toda vez que eu abrir o livro. Então sou apenas eu. E meu livro. E Planta, se ela sobreviver lá na selva.

Obrigada por ouvir.

Sarah

— Sarah — diz ele. — Bom dia, garotinha.

Acho que estou parecendo um zumbi, sentada ali com a carta de Lisa na mão, olhando para o nada. Ele precisa dizer meu nome mais três vezes até que eu saia dos meus pensamentos e volte para a vida real.

Por dentro, digo *Odeio você*. O que sai em voz alta é:

— Você faz minha vida cada vez mais vergonhosa, e olha que eu não sabia que dava para ficar pior. Não quero morar com você. Nada nunca muda. Você diz que vai ser diferente, mas *nunca* é!

— Sarah, calma — pede minha avó, chegando por trás de mim.

— Está bem — concorda ele. — Desculpe. Vou tentar compensar você por isso, garotinha.

— Não faça promessas que não vai cumprir. Já estou farta de você dizendo “te devo essa”. E não me chame de garotinha. Eu odeio quando você faz isso.

Bem, estou fazendo uma cena, sendo dramática demais, mas não ligo. Até Atticus tinha uma voz de tribunal que fazia você melhorar a postura e prestar atenção. Estou usando minha voz nova. As palavras jorram, rápidas e precisas.

Nunca vi o rosto dele tão coberto de lágrimas, mas essa jogada de parecer patético não vai funcionar comigo. Recarrego meu rifle mental e uso cada reclamação que tenho.

— ... e você sempre, *sempre* se esquece de tirar a roupa da secadora e me manda para a escola parecendo uma porcaria de uva-passa.

Ele levanta e segura minhas mãos, mas eu me afasto.

— Sarah — começa ele. — Eu estou no limite.

— Limite do quê?

— De mim mesmo, acho.

— Talvez tudo tenha sido sua culpa. Talvez você tenha deixado a minha mãe louca, e foi isso o que aconteceu com ela, e é por isso que você não fala sobre o assunto!

— Sarah! — Minha avó puxa meu braço com mais força do que eu imaginava que ela tivesse. — Já chega.

Por mim, tudo bem. Terminei de falar com ele para sempre. Se uma pessoa pode se dobrar como papel, foi o que acabou de acontecer com ele, que desliza de volta para o sofá. Eu já vi bandidos nos faroestes. Eles sempre se dobram.

— Eu entendo que você pense isso, mas não é verdade. Dormir e acordar eram as partes mais difíceis do dia. Por isso eu bebia. Não há desculpa, mas era o motivo. Eu me sentia culpado pelo que tinha acontecido, sabe. Agora, eu provooco esse dano...

Dano, penso, é uma palavra apropriada. Ele é um dano de carne e osso.

Nós três ficamos ali parados por um longo minuto, até que a vovó rompe o silêncio e pergunta se eu gostaria de ir ao hospital com ela. Onde meu pai vai ficar? Quero saber. Quero estar onde ele não estiver. Está resolvido. Nós duas visitamos o vovô, depois vamos a uma demonstração gratuita na loja de tecidos: *Como transformar retalhos em diversão*. Papai vai beber muito café e pesquisar clínicas de reabilitação que ensinam as pessoas a não irem à loja de bebidas. É difícil acreditar que somos todos parentes. Somos tão diferentes... Na verdade, se eu fosse fazer o trabalho da árvore genealógica da minha família, as pessoas diriam: “Você só pode estar brincando, onde está sua *verdadeira* família?”

capítulo 33

Antes o meu pai me deixava com medo de dizer coisas. Agora, tenho uma garota para falar por mim. Ela é corajosa. Ela diz tudo em voz alta. Ela segue os planos que faz.

Eu vou seguir o plano que fiz.

Tomo o cuidado de apagar meu histórico da internet quando termino. Quando o vovô chegar em casa, não quero que ele veja os horários da Greyhound de Houston para Wichita Falls nem que eu usei o cartão de crédito dele para comprar a passagem. Mas o que vou fazer? Não estou com todo o meu dinheiro em Houston e quero resolver isso. O ônibus sai às 23h11 e chega às 8h15 da manhã. Vou chegar lá antes que eles percebam que eu parti. Um táxi vem me buscar na entrada do condomínio dos meus avós. Meu avô costumava ir de táxi para o shopping só por diversão. Ele diz que gosta de ter motorista. Não posso dizer que não estou com um pouquinho de medo, mas sei o que esperar. Já andei de táxi e estive na rodoviária. Só queria estar com o meu chapéu. Ele me faz parecer mais velha.

Bato na porta do quarto do meu pai.

— Pode entrar.

Ele está sentado na cama, vestido e arrumado. A manhã o purificou. Está usando uma das camisas xadrez do vovô, que fica folgada nele. Diz que encontrou uma clínica na qual vai se internar para fazer a reabilitação, só por duas semanas, que vou ter que passar em Houston. Depois há várias reuniões que ele pode frequentar em Garland, e ele pergunta se isso não é uma coisa boa. O que respondo é:

— É uma coisa boa o que está fazendo por você, mas tem uma coisa que quero que faça por mim.

Pelo modo como digo isso, você pode imaginar que usei letra maiúscula na palavra *mim*.

— Está bem.

— Eu vou visitá-la e conversar. Só nós duas. Tem coisas que eu preciso dizer.

— Será que não podíamos conversar...

— Não — interrompo.

— Talvez um terapeuta...

— Não — repito. Quero chorar, mas a garota corajosa não deixa. — Você está fugindo. Atticus diz que uma criança percebe isso mais rápido do que os adultos. Você deveria responder às minhas perguntas.

— Quem? Atticus?

— Atticus Finch — digo. Jogo para ele o exemplar de capa dura da Sra. Dupree de *O sol é para todos*. Meu pai quase não consegue pegá-lo.

— Leia, você pode aprender alguma coisa. Nós fizemos tudo do seu jeito, e agora é minha vez. Eu não acho possível você estragar tudo ainda mais. Não preciso conversar com você nem com terapeutas nem com mais ninguém. Tem algumas coisas que preciso dizer a ela.

— Sarah, ela pode não ser capaz de entender.

Respondo que sei disso, mas tenho que tentar mesmo assim.

— Você disse que ia tentar me compensar pelo que já fez comigo, e é isso que eu quero. Você estava mentindo?

Ele passa no teste, porque concorda com o meu plano. Diz que vai junto, mas pergunta por que precisamos ir de ônibus, se ele pode dirigir? Respondo que não. Ele precisa comprar a passagem de ônibus dele, porque eu já tenho a minha. Além disso, não confio que seja um motorista atento nas condições em que está. Esta última frase acaba com a discussão. Usei a lógica para apoiar meu argumento.

Digo para ele não sentar ao meu lado e fingir que não me conhece.

— Deve ser fácil — completo. — Com toda a experiência que você tem em me ignorar.

A faca entra fundo. Sinto a dor do golpe quando saio do quarto, mas não sinto pena. É preciso dizer a verdade às pessoas.

A rodoviária da Greyhound fede a óleo diesel e suor. Na área de embarque, sento em uma cadeira de plástico em forma de colher. É o assento mais desconfortável que já vi, e mesmo assim uma mulher e uma criança à minha frente conseguem dormir sentadas ali. Planejo agir como se fosse o mais velha possível e não falar com ninguém. Passei o perfume da minha avó e roubei um de seus conjuntos de

suéter bege, que me faz ganhar pelo menos mais três anos. Teria roubado um par de seus óculos de leitura para valorizar meu visual, mas eles deixam tudo embaçado para mim, por isso não deu. Também escrevi um bilhete para o vovô. *Desculpe por partirmos agora. Você sabe por quê. Vou devolver o dinheiro. Amo você.*

Papai vai comprar a passagem. Pela cara dele, dá para ver que não quer me deixar sozinha. Começo a olhar ao redor, procurando pelo tipo de pessoa que vai sentar ao meu lado no ônibus. Seria bom alguém da idade de Charlotte. Ainda melhor se fosse alguém como a Sra. Dupree. Pelo que vejo, minhas opções são uma garota com um bebê chorão ou uma senhora que usa um rolo de fita adesiva como pulseira. O que eu esperava? As pessoas que viajam no ônibus noturno para Wichita Falls não vão parecer celebridades.

O número da minha passagem é chamado, e eu embarco no ônibus, procurando logo um lugar. Não consigo encontrar ninguém que pareça limpo nem que faça contato visual, por isso sento junto da janela atrás do banco do motorista. Quando ele conferiu meu bilhete, percebi que seus sapatos estavam limpos, por isso sei que é uma pessoa detalhista. Outra noite vi um seriado policial, em que o chefe dos investigadores disse que era possível julgar um homem pela limpeza de seus sapatos e de seu carro. Esses são sinais de que uma pessoa tem orgulho de seu trabalho.

Um homem com jeans e uma camiseta amarela senta ao meu lado. Está usando botas pesadas de fazer trilha. Espero que ele não fale comigo nem me olhe muito. Ele cheira a gasolina, mas não em excesso. Tem uma tatuagem de um buldogue rosnando no braço, com as letras *USMC* embaixo. Bom. É fuzileiro naval. O vovô tem uma tatuagem parecida, só que é uma pantera negra, em vez de um buldogue. Considero um bom sinal para minha viagem.

Dou uma olhada discreta para o reflexo do meu pai na janela quando ele passa, mas não me viro. Ele pode se preocupar comigo lá do fundo, imaginando se o fuzileiro está azarando a filha dele. Pelo menos trouxe o livro da Harper Lee para ler. Preferiria que ele tivesse trazido a brochura com meus destaques e sublinhados, para aprender a ser confiável como Atticus.

Quando já estamos na estrada, seguros, abro meu caderno de redação e escrevo até o fuzileiro começar a roncar. O buldogue feroz sobe e desce a cada respiração. Tento copiar a tatuagem para ter uma lembrança da viagem, mas o desenho não fica bom. Não sou artista. Sou uma menina com cadernos cheios de perguntas.

Então escrevo para ela, uma carta longa e franca, como nunca fiz antes. Ela quer saber sobre meu novo eu... bem, aí vai. Dê uma olhada. Leia e depois dobre e faça um passarinho de papel, se quiser.

Cara Jane,

O Sr. Wistler, meu professor de inglês, nos mandou escrever uma carta durante as férias de verão. Tenho escrito muitas. Ele sugeriu que escrevêssemos para nosso personagem favorito ou para alguém que tivéssemos vontade de conhecer. Bem, eu gostaria de conhecer você. E gostaria que você me conhecesse. É estranho que, para mim, você seja mais uma personagem de ficção do que uma mãe de verdade. Só consigo me lembrar de tê-la visto duas vezes desde que foi embora.

Você mencionou que gostaria de saber sobre meu novo eu. Estou escrevendo para contar tudo o que está perdendo, e mais. Esta carta contém tudo o que eu diria para você se estivesse sentada na minha frente, à mesa da nossa cozinha. Você perdeu muitas coisas.

Por exemplo, se estivesse aqui, você teria me esperado na fila dos carros no último dia de aula, como todas as outras mães. Nós teríamos saído e tomado sorvete no Sonic, sentadas do lado de fora naquelas cadeiras vermelhas de plástico que deixam a parte de trás das pernas toda marcada. Você pediria um sorvete de chocolate e até me deixaria provar. Eu lhe contaria sobre o trabalho do Sr. Wistler, e você ficaria empolgada.

Se estivesse aqui, saberia que eu queria que meu aniversário fosse o contrário do que é, talvez a gente compraria uma torta de sorvete de três camadas, e chamaria duas amigas minhas para comer pizza e dormir lá em casa, e você apareceria com tigelas de pipoca, Coca-Cola em garrafas de vidro e uma pilha de revistas *Seventeen* e não ligaria se nós só fôssemos para a cama depois das quatro da manhã. Você entenderia como é difícil para mim receber esses cartões de aniversário que você manda, segurar uma coisa que apenas alguns dias antes estava sendo tocada pelas suas mãos.

Sabia que eu costumava procurar o nome do Simon no verso dos cartões só porque me parecia algo que você faria? Você escreveria o nome dele no último minuto e me contaria alguma lembrança linda sobre ele. Ou talvez apenas dissesse que sente muito, coisa que nunca a ouvi dizer, mas acho que sei que é verdade.

Além disso, saberia que tive que virar uma mentirosa. Minto sobre qualquer coisa só para treinar, para que minhas mentiras sobre você soem autênticas. Alguns dias digo a mim mesma que meus pais são divorciados, você se mudou para Paris para aprender a cozinhar e cria receitas em minha homenagem. Minha favorita é Sarah *à la mode*. Alguns dias minto e digo que você morreu, mas que, antes, fazia um vestido de páscoa para mim todos os anos e me deixava escolher o tecido na loja. Você comprava o suficiente para fazer uma faixa de cabelo para você, então em todo lugar que íamos estávamos sempre com um pouquinho da mesma estampa, e as pessoas sabiam que éramos mãe e filha.

Se você estivesse aqui, meu quarto a deixaria envergonhada. Você gritaria comigo por largar a roupa suja no chão, compraria um cesto de roupa azul e branco com perfume de lavanda e pediria para eu, por favor, jogar as roupas lá dentro, será que é pedir demais? Discutiríamos, e eu bateria a porta, querendo ser deixada em paz. Aí eu talvez me sentiria um pouco mal por ter discutido com você, mas teria certeza de que estava certa. O quarto é meu. Posso deixá-lo bagunçado se quiser.

Se você estivesse aqui, estaria sempre escovando meu cabelo, enrolando-o em uma toalha morna e me dizendo que tipo de condicionador usar para deixá-lo bonito. Você saberia penteá-lo em uma trança bonita ou secá-lo para ele ficar bem lisinho e escorrido. Você saberia muito bem como cuidar dele quando eu peguei piolho no segundo ano, em vez de deixar o papai fazer todo o trabalho, o que foi horrível. Homens não sabem pentear os cabelos das meninas.

Se você estivesse aqui, me levaria para jantar em um lugar chique com guardanapos de pano. Nós conversaríamos sobre menstruação e brincos e

garotos. Você me levaria ao supermercado, e eu compraria o suprimento de um ano de absorventes e outros produtos íntimos, e não precisaria pedir ajuda a ninguém.

Se estivesse aqui, a imprensa não acharia que você é uma pessoa doente em um hospital. Você seria apenas mais uma mãe tentando escolher o tipo certo de manteiga de amendoim, ajeitando a alça do seu sutiã na fila do mercado e pensando se seria melhor fazer dois bolos de aniversário para seus filhos gêmeos ou só um, para eles dividirem. Eu sempre quis que fossem dois.

Se você estivesse aqui, eu teria problemas normais, como espinhas, ou ter que esconder shorts curtos demais para a escola na mochila com os livros, ou ter vontade de deixar as laterais da tanga fio dental aparecendo acima da calça jeans, o que quero fazer só porque as outras garotas fazem, não pelo conforto. Então teríamos uma briga enorme, porque eu ia querer ficar até tarde no Jump Town, afinal todo mundo da escola faz isso, por que eu não posso? E, no dia seguinte, você pediria *minha* opinião sobre um quadro roubado do qual ouvira falar no noticiário, e minha raiva por causa das roupas evaporaria completamente, porque você presta atenção em mim. Pensa em mim como uma pessoa com cérebro, no fim das contas. Então faríamos planos para ir ao museu e ver outras pinturas, e você me contaria que não acha certo que as pessoas possuam obras de arte, que de algum modo a arte pertence ao mundo, como as nuvens e a chuva.

Se você estivesse aqui, eu conheceria o papai por meio das suas palavras. O que o papai me diz de vez em quando, sempre que eu o deixo frustrado e consigo arrancar alguma coisa dele, é que ele amava você profundamente. Que você nem sempre foi doente, que não precisou viver internada. Que ainda é difícil para ele, que ainda ama aquela pessoa que conhecia. Não é como se você tivesse morrido, mas como se tivesse se mudado sem dizer para onde.

Se você estivesse aqui, eu não precisaria me preocupar em ficar como você. Teria provas concretas de quem você é para poder dizer: ah, esta é a

diferença entre Sarah e Jane. Somos parecidas nisso, nem tanto naquilo. Do jeito que as coisas são, tenho que descobrir tudo isso sozinha, não é?

Gostaria de ouvir sua voz. Eu me sinto como Atticus a caminho do tribunal para defender o pobre Tom Robinson. (Conhece esse livro?) Atticus Finch sabia que não ganharia, mas foi em frente mesmo assim. É por isso que estou em um ônibus indo encontrar você.

Bem, acho que disse tudo, apesar de não fazer muito sentido. Daqui a pouco vou encontrá-la pessoalmente. Talvez eu consiga dizer algumas dessas coisas se mantiver minha coragem. Descobri que é preciso escolher ter coragem todos os dias, como se escolhe a camisa que vai vestir. Não é automático.

Sua filha,
Sarah

capítulo 34

A estação rodoviária de Wichita Falls está cheia de gente pronta para partir para algum outro lugar. Um fuzileiro naval tatuado atravessa correndo o saguão, abraça uma garota loura, levanta-a do chão e gira com ela. É a coisa mais fofa. Um dia quero que isto aconteça comigo: uma pessoa tão feliz em me ver que tire meus pés do chão.

Ligamos para uma empresa de táxi e esperamos pelo carro em frente à rodoviária. Eu lavo o rosto, escovo o cabelo e como uma pastilha Tic Tac. Papai senta em um banco. Nós não nos falamos. Esse é nosso acordo. Meu pai telefonou antes e avisou a eles que estávamos a caminho. Isso é tudo o que eu preciso dele.

O motorista de táxi chega e nos lança um olhar de dúvida quando mostro o endereço. Sim, temos certeza.

Depois que passamos pela segurança do hospital, um guarda nos diz para sentarmos na sala de espera, e mais uma vez aguardo por bastante tempo. Folheio revistas, e papai observa o carpete. Há uma mulher trabalhando atrás do balcão da recepção, que agora chama a gente.

— Família de Jane Nelson — diz ela.

Chego ao balcão antes mesmo que papai consiga responder.

— Sou a filha dela. Sou a Sarah da Jane Nelson. Sarah Nelson.

É a primeira vez em toda a minha vida que digo em voz alta que sou a filha de Jane Nelson. Saiu com a maior naturalidade. A mulher nem pisca; está acostumada a lidar com loucos.

Ela nos entrega crachás para prender na roupa.

— O Dr. Block já vai falar com vocês — avisa.

Aqui não há revistas de moda, só coisas sérias. Então fico olhando para uma tevê presa à parede. O noticiário diz que três furacões seguem em fila na direção da Costa do Golfo: Igor, Julia e Karl. Grande parte do Texas deve ser atingida

por chuvas fortes. Isso vai ser bom para Planta. Sinto saudades dela.

— Sr. Nelson?

Eu me viro na direção da voz. É um homem bonito, de óculos de armação metálica e jaleco branco, mas eu não devia julgá-lo só com base na aparência. Pode muito bem ser um cientista louco que veio estudar meu cérebro.

— Obrigado por nos receber — diz meu pai. — Seria importante para Sarah apenas vê-la, se possível.

— Não — interrompo. — Não “se possível”. Eu tenho que ver a minha mãe.

O Dr. Block nos conduz ao seu consultório. Sentamos em duas poltronas alaranjadas de frente para a mesa dele.

— É bom saber que você quer vê-la, Sarah — diz o Dr. Block. — Ela toma remédios, sabia?

— Sabia — respondo. — Como ela está?

O modo como ele sorri e junta as mãos me diz que está feliz por alguém finalmente ter perguntado.

— Bem, sabem, este foi um mês difícil, por causa do aniversário.

— Eu escrevi uma carta para ela — falo para ele, dando um tapinha na minha mochila. — Queria que ela recebesse.

— Teria sido melhor se nós soubéssemos que vocês viriam com algumas semanas de antecedência. Aí ela poderia ter se preparado para isso — conta ele. — Ela tem consciência de que se passaram dez anos, e esse é um dos motivos de estar mais frágil neste momento.

— Ela não precisa dizer muito. Eu só preciso vê-la e entregar minha carta. Talvez se ela só acenasse para mim...

Digo a mim mesma para não deixar minha coragem secar e acabar. Será que percorri todo esse caminho para me conformar com um aceno? Só um olhar? Não, não mesmo.

O Dr. Block troca olhares com meu pai, que está cumprindo a palavra e deixando que eu fale por mim mesma.

— Espere aqui um minutinho, Sarah.

Sinto um frio no estômago e um nó na garganta. Aquela sensação dividida me toma novamente. Uma pequena parte de mim quer sair correndo dali o mais rápido possível. A parte maior sabe que, se eu for embora, vou me arrepender para sempre. A vontade de fugir e a necessidade de ficar brigam dentro de mim. Com certeza era assim que Atticus se sentia.

Tivemos que esperar vinte minutos até a volta do Dr. Block, o que pareceu uma verdadeira eternidade. Agora sinto um punho dentro do meu peito, batendo, batendo, batendo. Digo a mim mesma para me acalmar. Estou em um hospital. Se algo acontecer, eles podem cuidar de mim. Quero ser enterrada com o vestido preto e com o chapéu *vintage*. Mas a Sra. Dupree ficaria ainda mais deprimida por ter que ir a outro funeral em um mês, por isso não posso morrer agora.

O Dr. Block nos conduz até um grande pátio interno envidraçado que dá para um amplo gramado como o que lembro de anos atrás.

— Ela está sentada ali, tomando café da manhã naquelas mesas brancas. Estão vendo?

Acompanho a linha para onde aponta seu braço. Vejo uma mulher de calça azul e camisa branca do outro lado do gramado. Está perto, mas não muito. Está sentada a uma mesa de ferro branca. Há uma cortina de cabelo grisalho pendendo em volta do seu rosto. Uma brisa sopra os fios para trás, e eu vejo o formato do rosto. Eu gostaria de pentear o cabelo e prendê-lo com uma presilha brilhosa. Isso poderia lhe dar um ar mais esperançoso. Ela fica ali, sentada, imóvel como uma estátua. Coloco a mão no vidro. Consigo cobri-la completamente com a palma da mão, como faço com a lua atrás do polegar. Mas ainda assim é como ver algo através do vidro. Estou pensando que não vim de tão longe para ver através de um vidro. Isso eu podia fazer em casa.

Pergunto se posso ir lá fora, e o Dr. Block diz que sim, podemos, mas só para olhar. Ele acha que a conversa deve ser deixada para outro dia, dando a ela tempo para se adaptar.

Nós vamos lá para fora, todos os três. Meu coração bate tão alto que eu rezo para que ela o escute, receba os pensamentos que estou lhe enviando. *Estou bem aqui. Escrevi uma carta para você. Olhe para mim. Olhe para mim.*

Ela não faz nada, só bebe café.

Vire! Vire! Vire! Me veja! Estou bem aqui. Só quero que você saiba que estive aqui, sem eu dizer nada.

De repente, ela faz isso. Vira a cabeça. Olha na minha direção. O pescoço e a cabeça com certeza estão virados para mim. Eu me pergunto se ela vai acenar, mas não. Está imóvel. Calma. Uma brisa mais forte sopra meu cabelo para trás. Vejo o vento fazer o mesmo com o dela. Eu tinha razão. Ficaria legal se estivesse preso para trás com uma presilha. Saco a câmera que peguei emprestada da vovó e tiro uma foto. Nem peço permissão, como imaginei que teria que fazer. Desço do pátio cimentado para a grama. Eu não deveria fazer isso, mas sigo em frente.

Deixo para me preocupar com os problemas depois. Vou fazer as coisas do meu jeito. Eu acelero o passo na direção dela.

— Sarah — chama o Dr. Block. — Volte.

Mas eu sigo adiante. Eu sigo como se estivesse sendo puxada por alguma coisa. É aquela parte maior, que é corajosa. Ela está mandando a parte menor e fraca sentar e calar a boca. Agora estou caminhando na direção dela. A grama alta roça meus pés. Não tenho um plano. Tiro a carta da mochila e estendo as páginas, oferecendo-as a ela.

Meus pensamentos secretos estão nas minhas mãos. Mais que tudo quero que ela leia a carta para que me conheça, ou pelo menos uma parte de mim. A parte boa, que não mente. Quero que ela me diga que leu o mesmo livro que eu, que queria me dar o nome de Scout, mas que o papai foi contra.

Paro de andar. E agora? Não sei. Meu plano termina aí. O Dr. Block me segue. Tem um trecho de gramado da mesma extensão à minha frente. Como será que parecemos para os estranhos? Normais? Não duas pessoas envolvidas em um crime. Pessoas que aparecem no noticiário.

De repente percebo que estou com vontade de mergulhar a cabeça no travesseiro e chorar muito, até encharcá-lo, e depois dormir na casa dos meus avós, na cama desta vez, embaixo das cobertas. De me esconder do mundo num lugar seguro. Mas as minhas pernas não se movem, nem para a frente nem para trás.

Não estamos juntas, mas não estamos separadas. Eu poderia fazer um milhão de perguntas a ela ou não dizer nada. A escolha é minha. Estou paralisada bem no meio do caminho. Se ficar aqui por bastante tempo, vão ter que me trazer comida. E me cobrir com um cobertor. Trazer um guarda-chuva se eu precisar. Por quanto tempo uma pessoa consegue viver em um único quadrado de grama?

O Dr. Block está poucos metros atrás de mim, me chamando para entrar e conversar. A voz dele é calma e amistosa. Está tudo bem, digo.

Esse não era o tipo de riqueza que eu estava pensando em adicionar à minha vida neste verão. Bem, o que eu esperava? E não há como dizer de quantas maneiras diferentes é possível descrever como estou confusa. Não vou nem deixar meu cérebro entrar no modo sinônimo. Se Finn estivesse aqui, eu diria para ele calar a boca. E então eu teria vontade de abraçá-lo, mesmo contra a vontade dele.

Olho para trás uma vez, vejo-a de pé, conversando com alguém. Outra pessoa recebe suas palavras, e eu, não. É tão injusto! Ela alisa o tecido de sua camisa do

mesmo jeito que eu faço, mas algo em seu movimento a faz parecer bela e terna. Quero outra foto dela andando. Mais tarde, quando eu imprimir a fotografia, a imagem vai mostrar duas amigas saindo para dar uma volta, conversando sobre quais flores plantar neste verão. Como se esse ambiente fosse um quintal enorme no qual trabalharam duro para depois apreciar os botões. Apenas duas pessoas saindo para caminhar. Normais. Ergo a câmera para tirar outra foto. Quando faço isso me esqueço da carta, e as páginas voam das minhas mãos. O vento as sopra para o céu. Meus pensamentos. Meus segredos. Estão sendo levados pelo ar como pássaros brancos libertados.

Meus pés se movem e correm atrás das folhas, pisando com força em uma delas ao tocar a grama. Outra me provoca e sai voando assim que a alcanço. A última página voa pelo ar e se prende a uma árvore. A parte dividida de mim grita dentro da minha cabeça. Eu não me importo. Eu me importo. Não quero mais me importar com o que as pessoas sentem. Morro de medo do que as pessoas pensam.

— Vamos agora — diz o Dr. Block. — Vou pedir que alguém recolha isso para você.

Ele é tão simpático... Tenho vontade de abraçá-lo.

Estou no consultório do Dr. Block, mordendo o lábio para segurar as lágrimas. Ele organizou minhas páginas amarrotadas numa pilha. Não tenho ideia de como conseguiu pegá-las.

— Você quer saber alguma coisa? — pergunta o Dr. Block.

Seria mais fácil se ele pudesse examinar meu cérebro e ver lá dentro todas as perguntas que tenho. Novas reportagens seriam feitas sobre mim. *Cérebro de menina do Texas tem recorde mundial de perguntas.*

Eu falo para o Dr. Block:

— Diga a ela que eu vim visitá-la.

— Vou dizer.

— Ela virou a cabeça para mim, não virou? — pergunto.

O Dr. Block dá novamente seu sorriso simpático.

— Você não é o que aconteceu com sua mãe.

Deixo o pensamento rolar pela minha cabeça até que se fixe em um canto, como a alça de uma mala. Sei que vou pegá-lo várias vezes. Senti-lo sólido nas minhas mãos.

— Somos só eu e você agora — diz o Dr. Block. — Você pode me perguntar

qualquer coisa. Me contar qualquer coisa, está bem?

— Obrigada, o senhor foi muito gentil — digo. A frase soa madura, como eu sabia que seria. — O senhor acha que eu a assustei?

— De verdade? Acho que provavelmente ela não viu você.

Bem, não é como se eu pudesse ter um encontro normal com ela. Não mesmo. Não pude fazer as perguntas para o trabalho da árvore genealógica. Descobrir as coisas que temos em comum. Não posso obrigá-la a ser minha mãe se ela é doente. Tenho que contar só comigo. Isso não deveria me surpreender agora, mas surpreende. Passei esse tempo todo pensando que minha situação era ruim, mas agora vejo que a dela provavelmente é pior.

— Só tenho mais uma pergunta — digo para o Dr. Block. — Por que eu só recebo dois cartões por ano dela?

— Sabe, é complicado. Ela é uma pessoa inteligente, mas sente que não deve ver a família nunca mais. Você precisa entender que ter uma doença mental não significa não ser inteligente. Para ela, às vezes é muito doloroso, muito destrutivo lembrar, porque ela entende que o que fez foi muito errado. Eu sei que ela queria que as coisas tivessem sido diferentes. De certa maneira, acho que ela acredita estar protegendo você.

Ficamos sentados em silêncio por alguns minutos, e a sensação é boa, como se eu pudesse recuperar o fôlego depois de correr por uma hora.

— Tem mais uma coisa.

— Sim?

— Acho que alguém podia pentear o cabelo dela para trás e botar uma presilha. Ficaria bonito assim.

— Sim, claro, obrigado pela sugestão.

Ele abre um arquivo em cima da mesa, pega a caneta no bolso e anota: *Presilha de cabelo para Jane*. Pelo menos é o que eu imagino.

Vou mandar uma presilha para ela no Natal. Talvez duas. Eu e a Lisa podemos ir na Claire's para escolher. Nada de rosa. Azul. Azul é a cor dela.

— Garotinha, você está bem?

A adrenalina jorra por todo o meu corpo quando eu me viro para vê-lo, de braços já abertos, os olhos cheios do tipo de lágrima que não cai. Eu e ele temos isso em comum. Ele me envolve com os braços, me levanta do chão e me gira no ar. Aí sou eu que choro, não ele, quando o abraço o mais forte que meus braços conseguem.

— Sinto muito pelo que eu falei — digo.

— Eu não sinto — devolve ele.

Ele se ajoelha com uma perna só. Seus olhos encontram os meus e dizem que tudo está perdoado. O Dr. Block aperta a mão do meu pai, que agradece. Quando estamos de saída, o médico pega a pilha de páginas.

— Quer deixar isso aqui?

Eu queria dar a carta para ela, explicar o que quero dizer, ver sua expressão enquanto lê aquilo.

— Quero, eu queria que ela recebesse.

— Vou ser sincero: tenho que ler antes de entregar para ela. Tudo bem?

Era de se imaginar que essa seria a pior coisa que poderia acontecer na minha vida, mas não, não é.

— Tudo bem — concordo.

Há outro táxi amarelo à nossa espera na entrada. A chuva está caindo com força agora. Eu me sinto leve. É estranho pensar que eu não sabia que estava carregando um peso tão gigantesco até me livrar dele.

O papai está com a mão na boca. É o sinal da tristeza. Eu me encosto nele, e ele ajeita meu cabelo para trás da orelha.

— Posso perguntar uma coisa?

— Pode.

— O que você botou no túmulo do Simon?

— Uma página.

— Do livro?

— A parte em que Atticus descreve coragem. O que significa tê-la.

Meu pai diz que eu sou a pessoa mais corajosa que ele já conheceu. Isso vai direto para aquele lugar secreto dentro de mim, onde guardo minhas palavras favoritas.

capítulo 35

Aqui está mais uma coisa que eu precisei aprender sozinha. Depois que algo muda na sua vida, é melhor esperar por mais mudanças. É como derrubar o primeiro dominó. As outras peças não podem fazer nada, só cair onde estão. Se você tiver sorte, não vai se importar com o jeito como elas caem.

Eu tenho sorte.

Vou ter que reler meus diários para ver exatamente quando a primeira peça caiu. Será que foi o cartão da minha mãe? Ou foi vê-la no gramado, quando o vento soprou seu cabelo para trás? Acho que só o que realmente sei é que minha vida mudou, e eu não me importo.

Fiquei em Houston, e o papai entrou na reabilitação. Depois voltei para Garland com meus avós e meu pai, que dirigiu sem fazer nenhuma parada, mas eu não liguei.

Assim que cheguei a Garland, exumei Planta (exumar é minha nova palavra favorita) e a coloquei em um vaso novo e maior.

exumar v. tirar do túmulo, desenterrar; retirar do esquecimento

A Sra. Dupree se aproximou enquanto eu molhava Planta e perguntou se eu queria uma fatia de torta de maçã. Também me ofereceu algumas das plantas dela.

— Ganhei tantas no funeral do Sr. Dupree que não tenho a menor condição de cuidar de todas — foi o que ela disse. — Nós duas somos boas com plantas, você não acha?

No dia seguinte, fiquei com Charlotte, que não conseguia tirar Christopher da cabeça e precisou terminar com ele mais uma vez para perceber que o fato de ele ser um idiota era mais um defeito permanente que uma fase passageira.

Na primeira semana depois que voltamos para Garland, não vi Finn muitas

vezes. Ele não passava muito tempo em casa por causa da mãe e disse que estava se escondendo na biblioteca para estudar.

Só voltei a falar com Finn hoje, quando subi de novo no toco para observar o pessoal da Gramados e Jardins Sanchez cortar a grama. Acho que estava tão distraída que não percebi quando o carro dele parou junto do nosso meio-fio, e ele baixou o vidro.

— Por que você fica parada nesse toco?

— Porque mais ninguém faz isso — digo, descendo num pulo e afundando os pés na terra. Vou andando até o carro dele e me apoio na janela. — Vai voltar para a faculdade com sua namorada, o dicionário?

— Vou.

— Vai gostar de saber que eu superei completamente a minha paixonite por você — minto. — Então, sabe, você ainda pode me mandar e-mails e mensagens.

— Fico feliz.

— Nós sempre vamos ter *The Price Is Right*.

— E chapéus.

— E Harper Lee.

— Por falar em chapéus, tenho uma coisa para você.

Ele me passa uma sacola com o chapéu-coco dentro.

— Guarde para mim, está bem? — diz.

Na mesma hora, eu sei que vou ficar com ele para sempre. Que Lisa fique com seu primeiro beijo. Isto é melhor.

Quando ele vai embora, falo em silêncio: *Ainda amo você, Finn Reynolds*.

Aí botei meu novo chapéu favorito, chutei uma pedrinha pela calçada e pensei em telefonar para Lisa e marcar uma ida ao shopping. Ainda falta quase um mês para eu ter que enfrentar o sétimo ano, e preciso dar um jeito no meu guarda-roupa. Talvez eu use o chapéu quando for apresentar o temido trabalho da árvore genealógica. Não tenho certeza absoluta do que escrever no meu projeto, mas agora isso parece mais um aborrecimento do que um problema gigante. Qualquer um que tenha visto as notícias durante o verão já sabe sobre minha mãe mesmo, então eu só preciso ter coragem. Posso dizer que não sei muito sobre ela e que não somos próximas. O resto não é da conta de mais ninguém. Essa é a verdade.

Agora, entro na garagem e pego um prego para pendurar o chapéu de Finn no meu quarto. Para minha surpresa, a porta range e me dá o maior susto. Odeio essa casa. Então o papai aparece com um grande sorriso no rosto.

- Onde estão os pregos? — pergunto.
 - Para que você precisa de um prego?
 - Para pendurar uma coisa na minha parede.
 - O que acha de uma parede *nova*?
 - Do que você está falando?
-

Surge, então, uma peça nova, que não vi que estava prestes a se encaixar. No jantar desta noite, o papai anuncia para mim e meus avós:

— Comprei uma casa para nós na Harvard. A duas quadras daqui. Todas as paredes são brancas. Nós podemos pintá-las da cor que quisermos.

Bem, por essa eu não esperava.

Ele me abraçou com força e passou o jantar inteiro sorrindo. Eu nunca tinha visto meu pai sorrir tanto. Depois, ajudei vovó a limpar a cozinha, onde ela havia preparado café da manhã para o jantar (não é uma ótima ideia?): rabanadas, salsichas com calda de bordo e frutas frescas. A comida deu um perfume açucarado à nossa cozinha feia de aluguel. Vou fazer com que nossa casa nova também cheire bem. Vai ter plantas por toda parte, com Planta, a rainha de todas elas, na janela da frente da nossa pia nova.

Quando vou para o meu quarto, encontro uma pilha arrumada de roupa limpa na beira da cama. Isso é coisa da minha avó. Lavou meus shorts e camisas e dobrou tudo em quadrados organizados. Digo a mim mesma que vou fazer isso na casa nova. Tirar minha roupa limpa da secadora assim que terminar de secar, dobrá-la com cuidado e arrumar tudo nas gavetas, do mais claro para o mais escuro, da mesma forma que ela organiza seu armário. Arrumar minhas gavetas de maquiagem para deixá-las como um balcão de cosméticos chique e forrar todas elas com papel perfumado, especialmente aquelas com meu suprimento anual de produtos femininos. A vovó gostou da minha ideia de ir ao supermercado e me poupar da situação embaraçosa de ter que pedir para o papai comprar absorventes.

Vou à cozinha agradecer e a encontro embalando sanduíches em papel-manteiga. Não conheço mais ninguém que faça isso. É ao mesmo tempo esquisito e maravilhoso e parece que a refeição foi embrulhada especialmente para você. Acho que é algo que eu gostaria de fazer para meus filhos. Ela

também montou a tábua de passar, e há sinais de que passou as cuecas do meu pai. Isso com certeza é uma coisa que *não* vou fazer para meus filhos.

— Eu sempre aguardo ansiosa as nossas visitas — diz ela com um toque de tristeza na voz. Tenho vontade de dizer “Sério?”, mas não é hora de questioná-la. — Falei com seu pai, e concordamos em uma coisa. Ou melhor, eu expliquei o que eu achava, e agora ele concorda. É hora de furar as orelhas. Ele disse que vai levar você no sábado que vem.

Ela toca meu ombro, sua mão corre até o meu cabelo e o coloca para trás da orelha.

— Pequenos diamantes solitários ficariam bem, e eles combinam com tudo.

Uma onda de carinho e amor toma meu peito. Eu a abraço e descarrego todo o peso da minha felicidade recém-descoberta. Acho que ela não esperava por isso, porque seu corpo se dobra para trás. Eu e ela nunca fomos muito carinhosas. Mas lá estamos nós, duas pessoas se abraçando em uma cozinha, como se acontecesse todos os dias.

— Temos que contar algumas coisas sobre garotas ao seu pai, você e eu. Ele nem sempre lembra — diz ela.

No meu quarto, visto o pijama e sento na cama. Agora, não é meu diário falso que apanho. É trabalho demais para atualizar, e está muito atrasado. Pego o caderno verde e o abro em uma página branca e limpa. Tenho mil e um pensamentos que quero escrever, alguns só para mim: uma carta para Atticus. E uma carta para o Sr. Wistler, que talvez diga apenas: *Obrigada por ser o melhor professor do mundo*. Mas as palavras não viajam do meu cérebro para a mão, ainda não.

Continuo a pensar em como o verão passou tão depressa que agora quero desacelerá-lo. Dar um *pause* e rever alguns trechos. O momento em que minhas páginas ficaram presas nas árvores. O jeito como o cabelo dela caía em volta do rosto. As rachaduras de tristeza no coração do meu pai. O garoto das mil palavras que parece demais com o pai dele. Eu com um chapéu antigo, indo de um lado para o outro. As mãos de uma senhora abrindo massa para uma torta de maçã. Um livro velho que é mais como um amigo e de alguma forma se torna novo a cada vez que abro suas páginas.

Me sinto exausta, por isso fecho o caderno. Sei que não vou me esquecer de contar a Atticus mais tarde que a Sra. Dupree encontrou o exemplar antigo dela de *The gray ghost*, uma história que ele leu para Scout. Vamos ler juntas. É bobagem pensar assim, mas ele gostaria disso.

O papai empurra de leve a porta do meu quarto, abre um pouco e entra.

— Então, espero que esteja feliz com a mudança — diz ele.

— Estou.

Ele se aproxima e senta na beira da cama.

— Sabia que a vovó realmente passou as suas cuecas? — pergunto.

Ele balança a cabeça e sorri.

— É muito esquisito — digo. — Você precisa fazer alguma coisa em relação a isso.

Ele puxa as cobertas e as ajeita embaixo do meu queixo.

— Bem, o que posso dizer, garotinha? Todos nós temos que sobreviver às imperfeições dos nossos pais, com cuecas passadas e tudo mais.

— Mas e se PBroom visse? Como você poderia sobreviver a essa vergonha?

Ele estende as mãos.

— Existe o pai que você deseja e o pai que você tem. Com sorte, às vezes eles são a mesma pessoa.

Bem, eu achava que não tínhamos nada em comum, mas é fácil esquecer que seu pai também é filho de alguém.

— Então me conte outras vezes em que ela o deixou envergonhado.

— Isso levaria a noite inteira — diz ele. — Amanhã.

Ele beija a minha cabeça e apaga a luz. Quando acordarmos de manhã, sei que ele vai conversar comigo.

Agradecimentos

Toda escritora deveria contar com um elenco de apoio de pessoas inspiradoras, inteligentes e motivadoras. Tenho bastante sorte de ter um elenco assim. Sou profundamente agradecida às seguintes pessoas: minha agente, Julia Kenny, por sua sabedoria, seus conselhos, seu auxílio jurídico... e por fazer sonhos virarem realidade. Minha brilhante editora, Bethany Strout, por seu talento, sua graça e sua alegria. Um agradecimento especial a Alvina Ling e a todos na Little, Brown. Acho que é a melhor equipe no ramo da produção editorial.

A meus amigos maravilhosos e motivadores, Kathryn Casey; Mylene Clark; Dave Diotalevi; Robin Gage; Charyl Haase; Cathy Heape; Anne Hunter; Julie, Mark e Katie Neinast; Jenny Wingfield; Sandra e Eldon Youngblood, e mais especialmente a Amy Hazell. Sou verdadeiramente abençoada por ter cada um de vocês.

A Katy Patrick e a todas as belas Pulpwood Queens. Obrigada por serem as melhores amigas de um livro.

À memória do meu professor de inglês do sexto ano, o escritor G. Clifton Wistler. Às vezes, a simples presença de um professor apaixonado pode inspirar você para o resto da vida.

Por fim, obrigada à minha família, por me dar o amor e a liberdade necessários para ser criativa. Principalmente a Matt, que sempre acreditou e me estimulou. Amo você. A papai e Kathy, por me amarem e me trazerem brownies. E a Chloe e Molly, que fazem meu coração sorrir.

Sobre a autora

Foto: cortesia da autora



KAREN HARRINGTON nasceu no Texas, onde mora com o marido e os filhos. *Claros sinais de loucura* é seu primeiro livro para jovens. Visite seu site em www.karenharringtonbooks.com



Estrada dos livros

Me dê um livro, que eu lhe dou um sonho